



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

ÁGNES BONFÁ DRAGO

"Um senhor de família": representações sociais de paternidade de jovens pais e não pais

Vitória

2012

ÁGNES BONFÁ DRAGO

"Um senhor de família": representações sociais de paternidade de jovens pais e não pais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Cristina Smith Menandro

UFES

Vitória, agosto de 2012

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

Drago, Ágnes Bonfá, 1987-

D759s        “Um senhor de família”: representações sociais de paternidade de jovens pais e não pais / Ágnes Bonfá Drago. – 2012.

110 f. : il.

Orientador: Maria Cristina Smith Menandro.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Paternidade. 2. Maternidade. 3. Juventude. 4. Representações sociais. I. Menandro, Maria Cristina Smith. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

---

Ágnes Bonfá Drago

"Um senhor de família": representações sociais de paternidade de jovens pais e não pais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovado em \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

**Banca Examinadora**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Cristina Smith Menandro  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Zeidi Araujo Trindade  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sibelle Maria Martins de Barros  
Universidade Estadual da Paraíba

## AGRADECIMENTOS

Sempre que terminamos uma etapa importante em nossa vida, gostamos de agradecer a cada um que esteve conosco e com quem pudemos contar de verdade. Aqui não será diferente...

Primeiramente, agradeço a Deus por me abrir tantas portas na vida e sempre iluminar meu caminho.

Agradeço aos meus pais Adair Drago e Inez Bonfá Drago que sempre me incentivaram a estudar, eu faria qualquer coisa para deixá-los orgulhosos! Aos meus irmãos queridos Ádrian Bonfá Drago e Rodrigo Bonfá Drago, pessoas excepcionais em que me espelho para minha vida pessoal e profissional. Obrigada minha família linda que amo tanto, sem dúvidas vocês são a maior preciosidade que tenho!

Agradeço a minha orientadora Professora Maria Cristina Smith Menandro, muito assertiva ao ajudar a delinear meu estudo, me orientando com conselhos importantes e sempre com muito bom humor e gentileza. Foi ótimo aprender e amadurecer com você nesses dois anos e meio, obrigada pela paciência e dedicação comigo!

À Professora Sibelle Maria Martins de Barros e ao Professor Thiago Drumond Moraes por participarem e me apresentarem dicas valiosas na banca de qualificação. Com muito respeito vocês fizeram correções importantes e ajudaram a melhorar minha pesquisa.

À Professora Zeidi Araujo Trindade por avaliar meu trabalho na banca de defesa. Obrigada por todas as correções e acréscimos que proporcionou a este trabalho.

Aos amigos queridos de pós-graduação que estiveram mais próximos nesta jornada que passa tão rápido, mas ao mesmo tempo parece interminável! Vocês foram essenciais nesta fase que traz tantas aflições, mas também muitos motivos para comemorar. Agradeço especialmente à Ana Paula Milani da Silva Patrocínio e Juliana Brunoro de Freitas, amigas muito queridas que me ajudaram demais com a coleta de dados e “afins”. Obrigada por estarem comigo!

Aos jovens pais que se dispuseram a participar do estudo e contarem suas experiências de “como é ser pai”. Com trajetórias tão diversas vocês enriqueceram este trabalho. Obrigada pela paciência e disposição em me receber.

Agradeço também aos jovens que aceitaram participar da “pesquisa rapidinha sobre maternidade e paternidade”. Valeu gente!

Penso que um trabalho de mestrado começa muito antes de se entrar propriamente no mestrado. Nem sempre nos damos conta de como influenciemos as outras pessoas e somos influenciados por elas no decorrer do tempo. E desde antes de entrar na pós-graduação, muitos foram os responsáveis por me entusiasmar a seguir este caminho: professores, colegas, amigos, familiares. Embora eu não cite o nome de todo mundo, faço questão de deixar registrado aqui minha eterna gratidão a todos que me ensinaram, estudaram e trabalharam comigo e me influenciaram neste trabalho muito positivamente, antes mesmo dele iniciar.

Muito obrigada a todos!

## RESUMO

Drago, Á. B. (2012). *“Um senhor de família”*: representações sociais de paternidade de jovens pais e não pais. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo.

Por também ser uma construção social, a noção de masculino e de feminino não estão resguardadas de influências dos contextos histórico, socioeconômico e cultural na qual se encontram. Para melhor compreender o fenômeno da paternidade sob a perspectiva masculina, sobretudo em uma fase com poucos consensos (a juventude), foi realizado um estudo com duas frentes. Em uma delas, foram entrevistados quatro jovens que se tornaram pais entre 17 e 24 anos, sendo dois de inserção socioeconômica média e dois de inserção socioeconômica baixa. Neste estudo, além de identificar as representações sociais de paternidade e maternidade, houve interesse em desvendar as práticas parentais e as mudanças ocorridas com o advento da paternidade para estes jovens. Ao mesmo tempo, aplicou-se um questionário a 60 rapazes com a mesma faixa etária do grupo anterior, a fim de captar quais as representações sociais de paternidade e maternidade, por meio da técnica de evocação livre. Utilizou-se como referencial a Teoria das Representações Sociais por avaliar que ela nos possibilita captar os conteúdos estáveis e centrais nas representações, bem como sua mobilidade e articulação com as práticas sociais. Estas duas formas de abordar o fenômeno, conjugadas, foram escolhidas com a finalidade de verificar a existência da noção da “nova paternidade”, destacada em alguns estudos; bem como identificar possíveis semelhanças e divergências nas representações desses jovens (de uma mesma geração) levando em consideração, além de sua experiência enquanto pai, as posições econômicas e socioculturais em que se encontram. O *software* EVOC e o método fenomenológico foram utilizados para a análise dos dados. Os resultados evidenciam que as representações dos jovens permanecem bastante tradicionais, embora seja possível observar elementos que remetem à questão da “nova paternidade”. Além disso, os dados também indicam que a vivência da paternidade trouxe alguns elementos diferenciados do que seja paternidade e maternidade para jovens pais e não pais.

Palavras-chave: paternidade, maternidade, juventude, representação social.

## ABSTRACT

Drago, Á. B. (2012). *“A family man”*: social representations of paternity among young fathers and non-fathers. Master's dissertation, Postgraduate program of the Federal University of Espírito Santo, UFES, ES.

As social constructs, the male and female gender notions are not apart from the historical, socio-economic and cultural contexts in which they are inserted. For a better understanding of the paternity phenomenon under the masculine perspective, especially among the youth, a two-front study was performed. In one of them, four youngsters who became fathers between 17 and 24 years old were interviewed. two from middle classes and two from lower classes. In this study, more than identifying the social representations of paternity and maternity, we were interested in unveiling the parental practices and the changes in life brought by paternity. Meanwhile, a questionnaire was applied to sixty young men about the same age as the previous group, aiming to understand the paternity and maternity social representations, through the free evocation technique. As a theoretical reference, we used the Social Representations Theory, because it allowed us to understand the core of the representations, as well as their mobility and articulation within the social practices. These two approaches were chosen to verify the existence of the 'new paternity' notion, highlighted in some studies; moreover, to identify possible similarities among the social representations of subjects in the same generation, considering their experience as fathers and the socio-economic positions in which they are inserted. EVOC software and the phenomenological method were utilized for the data analysis. The results emphasize that the social representations of the young men are still very traditional, although it is possible to spot some elements which refer to the 'new paternity' model. Furthermore, the data also indicate that the paternity experience brought some different perspectives on maternity and paternity between fathers and non-fathers.

Keywords: paternity, maternity, youth, social representation.



## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
2.1. Relações de gênero e transformações na família .....	12
2.2. Paternidade e papéis parentais contemporâneos .....	15
2.3. O campo de estudos da paternidade e maternidade adolescente .....	17
2.4. A paternidade nos estudos internacionais.....	20
2.5. A contribuição da Teoria das Representações Sociais.....	26
<b>3. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS .....</b>	<b>30</b>
3.1. Objetivo geral.....	30
3.2. Objetivos específicos .....	30
<b>4. MÉTODO.....</b>	<b>31</b>
4.1. Participantes .....	31
4.2. Instrumento de coleta de dados .....	31
4.3. Procedimento de coleta de dados.....	32
4.4. Tratamento e análise dos dados .....	33
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>36</b>
5.1. Caracterização dos participantes (Estudo 1 – jovens pais) .....	36
5.2. Estruturas narrativas .....	37
1. Mateus – <i>“eu não sei definir muito bem, eu sei que é bom e eu sei que às vezes é ruim”</i> .....	37
2. Marcos – <i>“tudo o que eu quero conquistar pra minha vida, tudo o que eu vejo na minha vida assim, é ser pai”</i> .....	41
3. Bruno – <i>“não deixar faltar nada, cuidar bem, acompanhar... ah, fazer a função de ser pai”</i> .....	45
4. Bernardo – <i>“você muda, você vira um senhor de família, muda muita coisa. É muito importante”</i> .....	49
5.3. Síntese dos elementos de representação social de paternidade e maternidade .....	55
5.4. Análise das estruturas narrativas .....	56
5.5. Caracterização dos participantes (Estudo 2 – jovens) .....	76
5.6. Análise das RS de paternidade e maternidade para jovens com diferentes inserções sociais	76
5.7. Representações sociais de paternidade de jovens de 17 a 24 anos de idade .....	78
5.8. Representações sociais de maternidade de jovens de 17 a 24 anos de idade .....	82
5.9. Integrando os dois estudos .....	88

<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>91</b>
<b>7. REFERENCIAS .....</b>	<b>95</b>
<b>8. ANEXOS .....</b>	<b>103</b>
8.1. ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA (PAIS).....	103
8.2. ANEXO B - ROTEIRO DE ENTREVISTA (JOVENS).....	106
8.3. ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO (PAIS).....	107
8.4. ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO (JOVENS) .....	108
8.5. ANEXO E – EVOCAÇÕES DE PATERNIDADE .....	109
8.6. ANEXO F – EVOCAÇÕES DE MATERNIDADE .....	110

## 1. APRESENTAÇÃO

A temática “homens” não possui número de produções comparáveis numericamente às produções sobre mulheres. A gravidez, sobretudo, geralmente é estudada pelo viés feminino, não tendo os pais o mesmo destaque.

Um dos principais determinantes para o presente estudo foi a conclusão de uma pesquisa realizada em 2009, que tratava sobre as motivações dos pais na busca da guarda dos filhos. Ao final do estudo, percebi que muitos dos pais que estavam lutando pela guarda de seus filhos judicialmente haviam sido pais na adolescência, e me chamou atenção o esforço que estes despendiam para alcançar este direito, muitas vezes dificultado por suas ex-companheiras e também por profissionais do Direito, os quais concebiam que a guarda e os cuidados das crianças deveriam ser realizadas preferencialmente pelas mães.

Sabe-se que este ideal de mãe como a melhor cuidadora é resultado de uma construção sócio-histórica, porém vem sendo questionado nas últimas décadas devido a movimentos sociais atualmente mais visíveis, inclusive resultando em ações e políticas públicas que privilegiem estes pais, antes excluídos desse direito/dever. Nesse sentido, os dados com os quais nos deparamos na época da pesquisa e o vazio de informação sobre a paternidade (principalmente na juventude) foram os principais motivos que impulsionaram a presente investigação.

Para melhor compreender o fenômeno da paternidade sob a perspectiva masculina, realizamos um estudo com duas frentes. Em uma delas entrevistamos 60 jovens do sexo masculino com idades de 17 a 24 anos com o objetivo de captar quais as suas representações de maternidade e de paternidade. Ao mesmo tempo, contatamos quatro jovens que se tornaram pais nesta mesma faixa etária com vistas a realizar um estudo exploratório que abordasse, além das representações de maternidade e de paternidade, a experiência de ser pai e as mudanças que ocorreram em sua vida a partir da notícia da gravidez. Estas duas formas de tentar compreender o fenômeno da paternidade, conjugadas, surgiu de uma preocupação nossa, em um segundo momento, em captar possíveis semelhanças e divergências nas representações desses jovens (de uma mesma geração), levando em consideração as posições econômicas e socioculturais em que se encontravam. Acreditamos que a vivência dessa experiência possa trazer

outros elementos, ou elementos reconfigurados do que seja a maternidade e a paternidade para estes jovens.

Neste estudo utilizamos a Teoria das Representações Sociais por considerá-la apropriada ao principal objetivo da pesquisa, que foi a representação social de paternidade para jovens do sexo masculino, dando importância, assim, às construções pessoais e socialmente partilhadas sobre o tema.

Além disso, pretendeu-se analisar o que significou para os jovens serem pais e adolescentes concomitantemente, ou seja, como este episódio afetou a biografia destes jovens, interferindo na construção de suas identidades.

## 2. INTRODUÇÃO

De acordo com a análise realizada pelo IBGE (2008), no Brasil em 1998, os registros de nascimentos de mães menores de 20 anos de idade eram 21,3% do total. Já em 2008, esse percentual foi de 19,4%. Embora haja uma redução nesse período de 10 anos, esses números ainda despertam interesse por parte dos estudiosos do fenômeno em questão.

Apesar do grande número de gestações adolescentes apontadas pelas estatísticas a cada ano, e tendo em vista que tal evento pressupõe envolvimento entre parceiros, mesmo que eventual, não se sabe ao certo quantas gestações tem como corresponsável um homem adolescente. A paternidade adolescente nem sempre alcança a merecida atenção e acaba sendo tratada pelas sociedades brasileira e internacional com grande descaso. Para Dias e Aquino (2006), Hoga e Roberte (2009), e Levandowski, Piccinini e Lopes (2009), chama a atenção o fato de a literatura sobre o tema da gravidez não contemplar os homens, circunscrevendo a questão geralmente pelo viés do universo feminino. A pouca informação sobre a paternidade na juventude foi um dos motivos que impulsionou a presente pesquisa.

É importante esclarecer que no cenário acadêmico não existe uma concordância em relação à definição precisa do período que compreende a adolescência. De acordo com Sarti (2004), “em nossa sociedade, pode-se dizer que tanto a adolescência, como a juventude, deixaram de configurar um momento de passagem, mas tampouco têm lugar definido” (p.22). Miranda e Santos (2009) dizem que a definição da juventude é delicada, não se é criança e nem adulto, mas as autoras apontam a ideia de processo, de algo não estático, abrangendo assim várias possibilidades de demarcação. A Organização Mundial da Saúde considera adolescente o indivíduo que possui de 10 a 19 anos. Já a Organização das Nações Unidas considera juventude aqueles que possuem de 15 a 24 anos de idade. Como neste estudo utilizamos os termos adolescência e juventude como similares, optamos pela faixa etária proposta pela Organização das Nações Unidas (15 a 24 anos), por esta englobar o período que investigamos.

Assim como a adolescência, a gravidez nessa fase da vida está envolta por uma série de pré-concepções. Orlandi e Toneli (2005) salientam que na sociedade ocidental contemporânea, a tendência em reprovar a paternidade adolescente consiste na premissa de que a procriação nessa época da vida é necessariamente indesejável. Corrêa e

Ferriani (2006) também corroboram esta informação e salientam que, no senso comum, a paternidade adolescente pode trazer prejuízos aos envolvidos neste processo por estes não estarem aptos a exercer as funções maternas e paternas comumente exigidas.

Entretanto, deve-se considerar que essa imagem repousa em expectativas em torno da juventude, por exemplo, estudar e entrar no mercado de trabalho, e devido a isso, a gravidez nessa etapa ganha ares de precocidade na trajetória do jovem. Nesse sentido, uma gravidez na adolescência não se configura essencialmente como um transtorno na trajetória juvenil, haja vista que existem especificidades e norteadores distintos dependendo do grupo e/ou momento histórico que este jovem se insere (Cabral, 2003).

### **2.1. Relações de gênero e transformações na família**

Os papéis de gênero não são universais, pois são resultantes de construções históricas, sociais e culturais, e suas constantes mudanças resultam em implicações, sobretudo, nas famílias das camadas médias dos grandes centros urbanos (Negreiros & Féres-Carneiro, 2004). Para as autoras, devemos entender o gênero como expressão cultural de diferenças entre os sexos, que compõe um produto social que é aprendido, representado e transmitido ao longo de gerações.

Torrão Filho (2005) adota a perspectiva proposta por Joan Scott, e afirma que a partir do gênero “pode-se perceber a organização concreta e simbólica da vida social e as conexões de poder nas relações entre os sexos” (p.136). Assim, com o estudo de gênero é possível decifrar e compreender a complexidade existente nas relações humanas.

Negreiros e Féres-Carneiro (2004) relatam que há duas décadas é possível identificar um considerável número de estudos psicossociais no Brasil que atestam um fenômeno comum, que é a coexistência de representações tradicionais e modernas no que se refere à substituição de modelos antigos por novos nos modos de se relacionar.

Atualmente convivemos com distintas formas de vínculos familiares, nenhum essencialmente melhor ou pior que o outro. Na família tradicional recaía sobre o pai a função de prover o sustento do lar e da família, enquanto à mãe cabiam as funções de cuidar das crianças (Amazonas, Damasceno, Terto & Silva, 2003). Em decorrência das

transformações sociais, os membros das famílias foram levados a assumir novos papéis e posições que culminaram em novos arranjos familiares.

Nesse sentido, ao falarmos de família devemos especificar de qual família se fala, pois a organização e o significado que se atribui ao grupo familiar são construções sociais e não estão “resguardadas” de influências dos contextos históricos, socioeconômicos e cultural na qual se insere. Como evidenciam Perucchi e Beirão (2007), “a decadência do modelo familiar patriarcal propicia novas concepções de papéis sociais e pauta (re)configurações da família moderna. Adaptando-se às transformações, as novas famílias criam espaços para que diferentes formas de relações sejam estabelecidas” (p.66). Como exemplo disso, novas tensões surgem ao redor do significado da paternidade (como o ingresso da mulher no mercado de trabalho, novas tecnologias reprodutivas), modificando o modo como estes homens veem a si próprios e como exercem esse papel no cotidiano (Bustamante & Trad, 2005).

De acordo com Negreiros e Féres-Carneiro (2004) ainda é cedo para analisar os resultados dessas novas configurações familiares que estão sendo vivenciadas. Para as autoras, “há várias crianças e adolescentes criados em famílias há pouco concebidas como marginais ou mesmo inconcebíveis – a exemplo de casais homossexuais que adotam ou inseminam artificialmente um filho” (p.44). Meio a estas e tantas outras configurações existentes atualmente, o fato é que alguns grupos familiares coexistem com uma flexibilidade de papéis masculinos e femininos revelando, como consequência, arranjos inventados para abranger a multiplicidade de tarefas e de afetos comumente existentes nas relações em família.

Segundo Olavarría (2003, 2005), há alguns anos tem se assinalado que a masculinidade está em crise. No entanto, esta questão compõe uma discussão maior, que pode ser a explicação para tantas mudanças. Para o autor, não só a masculinidade está em crise, mas toda a forma que estruturou a vida de homens e mulheres durante o século passado: seria a crise das relações de gênero.

Assim como o conceito de família, a noção do “masculino” e do “feminino” também se transformou. O “modelo antigo” de família, em que perdurava a divisão de papéis, e em que o homem exercia o papel de provedor e a mulher a de responsável pela casa e pelo cuidado dos filhos, não persiste nas famílias atuais (Negreiros & Féres-Carneiro, 2004). Alguns autores atestam que a família brasileira apresenta um novo perfil, com maior divisão de tarefas entre os membros, contudo, não se pode dizer que

essa configuração seja comum em todo o território e nem se dê em todas as famílias (Wagner, Predebon, Mosmann & Verza, 2005).

Para Olavarriá (2003, 2005), um dos principais motivos que abalou a estrutura familiar na década de 1980 foi a perda significativa que os homens sofreram em seus postos de trabalho estáveis, ficando a mulher forçada a também compor o mercado de trabalho e complementar a renda familiar. Certamente os efeitos que essas transformações provocaram no cotidiano foram profundos, e um dos mais diretos se deu sobre os papéis parentais, que hoje vêm tomando outros contornos, principalmente no cenário urbano. Como demarca Badinter (1985), “é em função das necessidades e dos valores dominantes de uma dada sociedade que se determinam os papéis respectivos do pai, da mãe e do filho” (p.26).

No decorrer da história recente no ocidente, percebe-se que ao mesmo tempo em que as mulheres se tornam mais distantes do ideal de maternidade (ela não é vista como obrigação para toda mulher), surge, especialmente entre os homens jovens, “um desejo de maternagem ou mesmo de maternidade” (Badinter, 1985, p.362). Segundo esta mesma autora, já se constatava em estudos da época com pais jovens, atitudes e desejos tradicionalmente qualificados como maternos. Se antes os papéis destinados a cada sexo eram intensamente delimitados, hoje se encontram mais flexibilizados.

Perucchi e Beirão (2007), Ramires (1997) e Staudt e Wagner (2008) identificam uma maior variedade de configurações familiares, e destacam, especialmente, as transformações referentes ao âmbito da paternidade (Orlandi & Toneli, 2005). Entretanto, apesar da evidência consistente de algum aumento no grau de envolvimento entre pais e filhos, não se pode generalizar e estender essa mudança a todas as culturas e níveis socioeconômicos (Balacho, 2004).

É interessante identificar nos textos citados o quanto as modificações por que passa a instituição familiar ao longo das gerações são mencionadas, e em como estas mudanças afetam o convívio social e familiar. É importante mencionar ainda os termos utilizados por estes autores ao se referirem às famílias e aos componentes desta. A ideia de “modelo”, “estrutura familiar” chama a atenção nos estudos encontrados, parecendo uma maneira de expressar que existe uma forma certa de constituir família, de ser pai/mãe. Ainda que muitos dos autores ressaltem que não exista um modelo ideal de família ou de exercer a parentalidade, é necessário um maior cuidado com esses termos, já que são bastante utilizados nos textos publicados sobre o tema. É importante fazer esta observação, pois se não ficar claro para o leitor que não há de fato uma única



estrutura correta ou ideal, podemos reforçar e propagar um pensamento incoerente com nossa realidade e proposta científica ao estudarmos estas construções sociais, que certamente não são homogêneas.

## **2.2. Paternidade e papéis parentais contemporâneos**

Antes de expor qualquer estudo, é importante mencionar que nesta pesquisa, ao nos referirmos ao “fenômeno da paternidade”, também estamos incluindo a maternidade. Neste estudo, estes dois objetos, apesar de diferentes, foram tratados juntos ou como se fossem “faces de uma mesma moeda”, pois entendemos que a representação social de paternidade não se faz isolada da de maternidade, ou seja, uma se constrói a partir da outra também.

A paternidade ganha espaço na literatura a partir dos estudos de gênero, quando a figura paterna e o dispêndio de cuidados com a prole começa a ser mais bem delineada (Barreto, Almeida, Ribeiro & Tavares, 2010). Porém, ainda existe uma imagem geral de que os homens não se empenham tanto na criação dos filhos, ficando a mulher, na maior parte das vezes, com esta responsabilidade.

No que se refere aos novos papéis assumidos por homens e mulheres na sociedade contemporânea, nota-se que o lugar do homem na família, anteriormente negligenciado (exceto no poder e no provimento), tem ganhado espaço nas discussões, além de estar sendo questionado e reconstruído, sobretudo nas últimas décadas. Essa mudança pode ser percebida pelo avanço, nos últimos anos, de pesquisas sobre a paternidade e a saúde reprodutiva dos homens, que colocam em xeque velhos estereótipos sobre o pai frio, autoritário, insensível, que não manifesta afeto por seus filhos, assinalando que os modelos parentais podem ser tanto repetidos como reelaborados (Levandowski et al., 2009; Lyra da Fonseca, 1997; Medrado & Lyra, 1999; Trindade & Menandro, 2002). Embora apontem certas tendências gerais do exercício da masculinidade, esses estudos enfatizam a diversidade de modelos parentais, principalmente os referentes à paternidade e a família na atualidade.

Esse crescimento no envolvimento de homens com as atividades no âmbito privado vem sendo denominado de “nova paternidade” por alguns pesquisadores (Resende & Alonso, 1995; Brasileiro, Jablonski & Féres-Carneiro, 2002; Dias & Aquino, 2006; Staudt & Wagner, 2008). Embora não haja consenso do que seja esse

novo pai, em síntese, alguns autores descrevem este fenômeno como sendo aquele homem que demonstra em seus atos o interesse, cuidado e envolvimento com os filhos (Badinter, 1985; Sutter & Bucher, 2008), mesmo que tais cuidados possam variar muito de homem para homem. De modo geral, o novo pai corresponderia àquele que dedica esforços que ultrapassem os esporádicos contatos disponibilizados pelos pais ditos “tradicionais”.

Em pesquisa publicada no ano de 2010, Barreto et al. realizaram uma revisão de literatura dos resumos resultantes de trabalhos de mestrado e doutorado acessíveis no Portal da Capes, abarcando o período de 1987 a 2008. Para elas, a paternidade tem ganhado espaço nas produções, muito embora necessite ainda dar enfoque ao sujeito adolescente que se torna pai, para assim compreender seus sentimentos, expectativas, medos, ansiedades e conseqüentemente conhecer este fenômeno de maneira mais densa.

Outra pesquisa importante de revisão foi publicada por Medrado et al. (2011), na qual foi realizada uma busca exaustiva de dissertações, teses e artigos sobre gravidez na adolescência que fizessem alusão à paternidade compreendendo o período de 2000 a 2009. Os autores alegam que a partir dos anos 2000 o homem começa a aparecer nas produções como foco da paternidade, demarcando uma mudança em relação aos estudos de décadas anteriores. Estas revisões críticas da literatura têm um forte valor científico, pois envolvem um amplo espectro das pesquisas realizadas. A partir desse levantamento foi possível observar que a temática da paternidade tem ganhado espaço no cenário nacional, sendo investigada por diferentes áreas do conhecimento: ciências da saúde, psicologia, enfermagem, antropologia, psicologia social e serviço social.

Convém salientar que, segundo autores como Staudt e Wagner (2008), o crescimento da participação feminina na esfera pública não é harmônico ao crescimento do homem na esfera privada. Mesmo que os pais tenham assumido o cuidado com os filhos com maior frequência e qualidade, as mudanças ainda não parecem ser capazes de modificar a velha divisão entre o que é coisa de mulher e coisa de homem (Fleck, Falcke & Hackner, 2005). No estudo de Perucchi e Beirão (2007), por exemplo, as mães participantes do estudo atribuíam a si mesmas a responsabilidade pelo cuidado com os filhos. Mesmo quando estas conviviam com o companheiro, entendiam que a ele cabia apenas a função de complemento.

Em resumo, a opinião que estes autores defendem é a de que os homens continuam a escolher as tarefas que não entram em conflito com suas atividades, como profissão, lazer, convívio social, salvo exceções. De acordo com Devreux (2006),

novos pais ou não, os homens continuam a escolher em que momento e em que condições eles se ocupam com suas crianças, assumindo, de fato, parcialmente suas responsabilidades parentais diante do conjunto da sociedade e demandando a ela reconhecimento de prerrogativas iguais às das mulheres que não fazem escolhas: quaisquer que sejam as condições, o cuidado com as crianças lhes incumbe, tenham elas ou não outros campos de atividade (p.622).

Corroborando esta ideia de assimetria nos cuidados parentais, Lawson e Mace (2009) encontraram em seu estudo longitudinal diferenças referentes aos cuidados dispensados por pais e mães aos seus filhos em termos de tempo e variação. Os autores perceberam que essa desigualdade certamente reflete uma divisão de formas de investimento parental, bem como uma divisão de tarefas, ficando o pai responsável pelo sustento da família a partir do emprego, ao passo que a mãe dispensa mais tempo com o cuidado direto dos filhos.

### **2.3. O campo de estudos da paternidade e maternidade adolescente**

A vivência da paternidade foi um fenômeno negligenciado durante muito tempo pelos pesquisadores até meados da década de 1980, só vindo a ganhar relevância e ser estudada devido às transformações ocorridas no espaço público e privado, provocadas sobretudo pelo movimento feminista, o qual implicou em desconstruções sobre o lugar social do homem (Brasileiro et al., 2002; Freitas et al., 2009; Orlandi & Toneli, 2005; Ramires, 1997; Silva & Piccinini, 2007; Trindade & Menandro, 2002).

Para Luz e Berni (2010), existe uma recusa social em reconhecer o pai adolescente, principalmente quando nos confrontamos com a quantidade de estudos disponíveis sobre a gravidez em adolescentes, desse modo, é necessário lembrar a importância de clarear também o ponto de vista da paternidade nesta fase da vida. Ao revisar a literatura internacional referente à temática da paternidade na adolescência, Levandowski (2001) constatou uma incidência superior no número de artigos e livros publicados sobre o tema da maternidade em relação ao da paternidade, revelando que a rejeição a este tema não acontece apenas no cenário brasileiro. A autora também verificou uma espécie de recusa em reconhecer a paternidade e a maternidade na adolescência em meio ao cenário de produções científicas. Os estudos acabam abarcando mais maternidade e paternidade em geral, especialmente a maternidade adulta.

Em contrapartida, Souza e Benetti (2009) também realizaram uma pesquisa bibliográfica a qual revela a existência de vários temas associados ao estudo da paternidade, o que reflete a complexidade de situações que determinam e facilitam o envolvimento masculino com os filhos. Os resultados apontam que a paternidade é foco importante para a compreensão das relações familiares e vem sendo estudada com mais intensidade, principalmente nos Estados Unidos, na Inglaterra e no Brasil.

Alguns estudos nacionais também se destacam na temática da paternidade. Além das pesquisas já citadas no decorrer deste texto, outros estudos como o de Vieira e Souza (2010) demonstram a importância dada ao tema. Os autores investigaram as representações sociais de paternidade e maternidade de homens separados que tinham a guarda dos filhos há pelo menos um ano e constituíam famílias monoparentais. Entre os principais resultados, fica evidente que as representações tradicionais de paternidade (como autoridade moral e financeira) e maternidade (aspectos biológicos, afetivos e superioridade materna) ainda são evocadas, contudo, observa-se também a emergência de elementos que se relacionam à ‘nova paternidade’ (pai cuidador e afetuoso com o filho), e a maternidade como análogo à paternidade.

Bustamante e Trad (2005) buscaram compreender como se dá a participação paterna no cuidado da saúde de crianças menores de seis anos em famílias de camadas populares em uma cidade do nordeste. O trabalho foi de cunho etnográfico desenvolvido mediante observação participante e entrevistas. As autoras identificaram entre os sujeitos que ter filhos constitui uma dimensão essencial na vida de homens e mulheres. A participação paterna é sintetizada em três dimensões: a educação, em que o pai é fundamental; os cuidados corporais, entendidos como atribuição feminina; e a preservação da integridade, considerada obrigação de todas as pessoas da família. As autoras constataram que uma contribuição original do estudo, facilitada pelo caráter etnográfico, foi a identificação de contrastes entre discurso e prática. Considera-se a coexistência de traços de permanências e mudanças dos papéis parentais (como encontradas em outros estudos), por exemplo, quando homens de famílias mais nucleares também participam ativamente no cuidados dos filhos, embora não demonstrem em seu discurso essa maior proximidade física e emocional com as crianças.

Schelemberg, Pereira, Grisard e Hallal (2007) realizaram um estudo com objetivo de descrever as principais características socioeconômicas e psicossociais de pais adolescentes e verificar a relação com a idade paterna. Foram estudados 80 pais

adolescentes e 610 já adultos. A partir dos sujeitos estudados, os autores identificaram que pais adolescentes geralmente não possuem trabalho remunerado, têm escolaridade e renda mensal baixa, e não exercem a chefia da família quando comparados aos pais adultos. Porém, não houve diferenças entre os aspectos psicossociais estudados, quando comparados os dois grupos.

Torres e Dessen (2008), por exemplo, averiguaram as composições da família brasileira (sobretudo a pobre) e analisaram o quanto esta é influenciada pelos aspectos culturais do país, levando em consideração transformações que ocorreram no Brasil nos últimos tempos. Os autores demarcam por meio de estudos anteriores a diversidade de estruturas familiares. Tal diversidade certamente é influenciada pelos diferentes contextos sociais presentes em nosso país.

Embora se note um aumento na produção de estudos que abrangem o tema, ainda é necessário que sejam desenvolvidas novas investigações sobre a paternidade, pois mesmo que os pais adolescentes sejam ainda considerados ausentes, vários vêm assumindo o seu papel, acompanhando suas companheiras em função de sua própria vontade e não somente por pressões sociais (Carvalho, Merighi & Jesus, 2008; Levandowski & Piccinini, 2002, 2006; Mendes, 2007). Corroborando essa hipótese, estudos recentes revelam que a gravidez na adolescência, tanto para o pai quanto para a mãe, pode ser significada de modos muito diversos, podendo lhe ser atribuídos vários sentidos (Amazarray, Machado, Oliveira & Gomes, 1998; Orlandi & Toneli, 2005).

Portanto, ao abordamos o assunto da maternidade e da paternidade adolescente, não devemos tratá-los como sendo inerentemente prejudiciais, indesejáveis e fruto de uma atitude irresponsável. Os dados do estudo de Esteves e Menandro (2005), por exemplo, revelam que a gravidez na adolescência gerou repercussões de tipos diferentes, mas não necessariamente negativas e limitantes. As maiores consequências decorrem muito mais das condições socioeconômicas do que da gravidez em si nesta etapa da vida. Carvalho et al. (2008) atentam para o fato de que embora a sociedade tenda a considerar a gravidez e a parentalidade adolescente pelo lado negativo, existem casais adolescentes que demonstram um bom desempenho parental, além do escolar e profissional.

Utiamada (2010), por exemplo, apresenta em seu trabalho a experiência da transição para a paternidade entre alguns jovens. Os sujeitos entrevistados relataram o aumento das responsabilidades, principalmente no momento em que constituíram família. Mesmo estando na fase da adolescência, se consideravam adultos, pois os

rendimentos agora não eram direcionados apenas para a sua “curtição”, além disso, deviam trabalhar, pois agora eram os grandes responsáveis pelo sustento da família. A sensação de “perda da adolescência” e aumento de gastos foi realçada, contudo, o filho era colocado como principal protagonista da nova família e a sensação de felicidade sobressaía. A responsabilidade pelo provento material e moral da família foi considerada como sendo deles mesmos.

Outras pesquisas realizadas no Brasil, como a de Heilborn et al. (2002), Levandowski e Piccinini (2002), Trindade e Menandro (2002), Orlandi (2006), Hoga e Reberte (2009), permitem afirmar que há uma abordagem crítica no estudo da paternidade adolescente em nosso cenário acadêmico, e que tal posicionamento vem rompendo concepções arcaicas e cristalizadas sobre este fenômeno. Os adolescentes destes estudos, apesar das dificuldades, revelaram satisfação com a condição de pai e destacaram aspectos positivos advindos com a nova situação, como o aumento da responsabilidade, amadurecimento e a relação afetiva com o filho.

Frente a estes dados, pode-se dizer que a imagem supostamente devastadora da paternidade adolescente deve ser relativizada. Por mais que ela exija um remanejamento das funções dos envolvidos, mais responsabilidades e desafios, não é o fato de ser adolescente que provoca isto, mas toda e qualquer gravidez, em geral, provoca as mesmas inseguranças e dificuldades em qualquer pai, de qualquer idade. Logo, deve-se repensar este estereótipo da gravidez no momento errado, prejudicial, pois muitos jovens, cada um a seu modo, vem demonstrando que conseguem assumir seu dever parental.

#### **2.4. A paternidade nos estudos internacionais**

A Organização Mundial de Saúde (2000) em uma revisão bibliográfica sobre a saúde e desenvolvimento dos jovens constatou que o uso de métodos contraceptivos possui maior incidência quando há um maior diálogo e negociação entre os parceiros. Segundo a OMS, como a atividade sexual dos(as) jovens solteiros(as) é geralmente esporádica, esta pode ser a razão que explica a não utilização desses métodos regularmente. Nesse sentido, muitas das gravidezes indesejadas nessa fase da vida podem ser explicadas também por esse fator.

Investigando a literatura internacional, destacamos alguns estudos sobre a paternidade realizados em diferentes países. Podemos citar o estudo de Dallas, Wilson e Salgado (2000), que consistiu em analisar as diferenças na percepção e conhecimento do desenvolvimento normal do filho, bem como as expectativas quanto às responsabilidades paternas entre jovens solteiros de baixa renda da cidade de Chicago (EUA), e mães adolescentes e seus parceiros. Foi realizado um grupo focal com mães solteiras e, após isso, os pais de seus bebês participaram de uma entrevista em separado do grupo focal. Foram detectadas algumas diferenças entre as percepções de mães e pais adolescentes jovens: o seu nível de conhecimento do desenvolvimento infantil; o contexto de seleção de métodos físicos de disciplina; as expectativas para comportamentos relativos ao exercício da paternidade; e sentimentos sobre o pagamento de pensão alimentícia e estabelecimento da paternidade legal.

Também nos EUA, Nelson (2004) revisa a literatura mais recente na época do estudo sobre os pais de baixa renda, relatando como é tratada a transição para a paternidade e os níveis de envolvimento de pais residentes e não residentes com os filhos. O autor chega à conclusão de que a literatura que aborda este tema normalmente se encontra segregada, uma literatura não mencionando a outra. Embora seja notável que os homens de baixa renda se tornem pais mais cedo que os homens de classe média, não há um motivo muito conclusivo para esta diferença; e mesmo que a literatura aponte que os homens de baixa renda tendam a abandonar suas responsabilidades quando engravidam uma mulher, o autor ainda identifica trabalhos que relacionam a paternidade à intencionalidade destes pais, mesmo que inconsciente. A base para esta convicção está no fato de que os estudos qualitativos têm demonstrado que os homens de baixa renda têm reais intenções de serem pais, já que muitos reagem com entusiasmo e felicidade quando recebem a notícia. O autor chama atenção ainda para a influência do aspecto financeiro no exercício da paternidade dos homens de classe média e os de classe baixa. Os de classe baixa, por carecerem de mais dinheiro e tempo para usar com seus filhos, podem passar a ideia de que não se interessem por eles ou pela paternidade em si quando comparados com os comportamentos e ideais dos homens da classe média.

O estudo de Rico (2004) teve como objetivo observar a dinâmica de cinco famílias mexicanas, por meio de uma técnica que contava com um informante chave de cada sistema familiar. O estudo tinha como eixos principais a investigação das estruturas familiares; o território privado e doméstico; os modos de comunicação no território doméstico; e também a contagem das atividades e rotinas domésticas de cada

uma das famílias. Entre os principais dados que diferenciam os papéis familiares, está que o “tempo livre” utilizado pelas mulheres para realização de atividades domésticas e cuidados parentais é superior quando comparado ao que os homens dispõem. Além disso, independente do tipo de estrutura familiar, a mulher se dispõe a servir as necessidades dos outros membros do sistema familiar além dos seus (mesmo trabalhando o mesmo número de horas, ainda se ocupam dos afazeres domésticos e dos demais). Em contrapartida, isto não é observado entre os homens, que em seu tempo livre demonstram maior envolvimento com os conteúdos midiáticos, pois graças às construções de gênero, esta é a atividade que lhes resta já que a casa é vista como o espaço de responsabilidade da mulher.

Como já citada anteriormente, Balancho (2004) realizou uma pesquisa em Portugal, na qual foram estudadas três gerações. A autora observou que o pai da primeira geração foi visto como um pai autoritário, pouco presente e com escasso envolvimento emocional com os filhos, ao passo que o pai da segunda geração é concebido por todos (inclusive por ele mesmo) como mais presente, não autoritário, brincalhão e compreensivo. De acordo com esse estudo, está presente a concepção de um pai mais envolvido na relação parental, um “novo pai”.

Também existem estudos em países da América Central. Hegg (2004), por exemplo, investigou as representações sociais de masculinidade e paternidade de homens pais e não pais. O autor identificou três grupos de representação acerca da masculinidade e paternidade: “paternidade tradicional”, com um estilo mais patriarcal; “paternidade moderna”, que se opõe à primeira e representa uma masculinidade no sentido de igualdade de gênero, associada a uma paternidade integral que não se restringe apenas à função de prover; e “paternidade em transição”, que estaria entre a tradicional e a moderna. O peso de cada uma dessas concepções é diferente em cada país, porém, segundo ele, a paternidade tradicional segue sendo a principal nos países pesquisados, valendo dizer ainda que a idade foi um fator significativo já que ela está presente na maioria dos casos entre homens com mais de 50 anos. Outro fator importante resgatado pelo autor é o aspecto temporal, como os estilos parentais mais flexíveis foram identificados entre os homens mais jovens, é importante pensar no aspecto não estático destas concepções e representações.

Cambios en el campo cultural son decisivos en la transformación de la mentalidad. La encuesta indica que el cambio de la mentalidad tradicional a la mentalidad moderna sobre la paternidad, aparece asociada a la secundaria completa (Hegg, 2004, p. 71).



Na Espanha, Paterna, Martínez e Rodes (2005) realizaram um estudo com o objetivo de analisar a representação social da condição da paternidade e da não paternidade. Realizou-se uma análise de conteúdo das respostas levantadas por meio de associação livre dos 80 pais participantes do estudo. Os dados principais indicam que os homens descrevem as condições da paternidade com uma maior amplitude e riqueza em comparação à descrição da não paternidade. Além do mais, demonstram uma representação social positiva da paternidade quando comparada à situação de não ser pai, o que indica a satisfação do papel paterno para estes sujeitos. Para os autores, este novo modelo de paternidade só é possível ser refletido a partir de certas mudanças nas definições do que seja masculinidade para estes sujeitos.

Em Bogotá, na Colômbia, Villamizar e Rosero-Labbé (2005) apreenderam as representações sociais de paternidade e maternidade de homens e mulheres. As autoras identificaram três grupos, e denominaram-nos como “de tendência tradicional”, “em transição” e “de ruptura”. Esta divisão é bem próxima aos três grupos proposto por Hegg (2004), citado anteriormente. Em cada uma das tendências são apresentadas diferenças individuais que estão intimamente relacionadas ao gênero. Entre os homens sua posição se associa ao modelo de masculinidade em que se desenvolveram. Enquanto a forma tradicional representa homens cujas emoções são inibidas, os pais de transição e ruptura constroem a paternidade meio a uma maior ligação com os(as) filhos(as), e conseqüentemente vão modificando seu estilo de ser homem. Segundo as autoras, com a mudança na maneira de ser pai, há a adoção de qualidades tipificadas como tradicionalmente femininas, como o sacrifício, a tolerância e até mesmo a delicadeza.

De acordo com uma revisão sistemática realizada por Hoga e Silva Mello (2006) em indexadores nacionais e internacionais acerca da produção sobre a paternidade e maternidade na adolescência, as autoras destacaram, a partir dos 63 artigos estudados, que os estudos abrangiam o âmbito social da maternidade e da paternidade; a amamentação e a saúde do bebê; a saúde materna, e as práticas anticoncepcionais adotadas pelos jovens. Segundo as autoras, os profissionais devem ter um conhecimento sistematizado dos múltiplos fatores que envolvem essa vivência para que possam desenvolver práticas pautadas em evidências científicas e que não descartem o contexto sociocultural.

Já o estudo desenvolvido por Velásquez (2006) analisou o processo de construção da identidade masculina em homens mexicanos, levando em conta a maneira como assumem a responsabilidade familiar e o exercício da paternidade. O estudo foi de

cunho qualitativo com a participação de 30 homens de camadas média-alta, que tinham esposas inseridas no mercado de trabalho e com filhos em idade escolar. Os resultados apontam a diversidade e complexidade do significado de ser homem. A autora identificou uma estreita relação entre o processo de construção da identidade masculina com o exercício da paternidade, já que esta é uma forma específica de ser homem para seus entrevistados. A paternidade é encarada por muitos como um projeto de vida importante e faz parte de um processo cheio de experiências impregnadas de contradições e dificuldades, muitas vezes silenciadas.

Gallardo, Gómez, Muñoz e Suárez (2006) desempenharam um trabalho no Chile com o objetivo de averiguar as representações sociais de paternidade entre jovens de 18 a 25 anos que fossem universitários e sem filhos. A pesquisa, de cunho qualitativo, teve entre os principais resultados o fato de que nas representações foram mantidos aspectos valorados positivamente, como a questão da autoridade familiar, prover e assegurar a vida dos filhos. Já os aspectos negativos não foram mencionados (rigidez, falta de afeto). Outro fator identificado na investigação foi a importância dada à qualidade da relação com a parceira na construção dessa nova paternidade, que segundo os autores, se refere ao maior envolvimento afetivo dos pais com seus filhos. De modo geral, aspectos antigos e mais contemporâneos formam a representação positiva de um pai “ideal” para estes jovens: os sujeitos revelam que além dos fatores que definem a nova paternidade – como o afeto nas relações –, ainda valorizam como positivo a autoridade e o provimento. Concebem um pai afetuoso, mas não querem que ele deixe de ser provedor também.

Ainda no Chile, homens de baixo, médio e alto setores socioeconômicos foram entrevistados em profundidade a fim de identificar as mudanças ocorridas na parentalidade no país. Rebolledo (2007) propõe uma classificação de estilos emergentes de paternidade, já que não é fácil construir “modelos” de exercício de paternidade, pois se trata de um processo em permanente mudança. Para a autora, existem os pais “presentes e muito próximos”, a paternidade “neopatriarcal”, e os pais “periféricos-comunicativo”. Apesar dessa classificação a autora deixa claro que nenhuma dessas formas de paternagem existe em sua forma pura, todas apresentam variações e estão em permanente mutação, já que estes homens sempre estão mesclando maneiras tradicionais e modernas de ser pai.

Após a exposição dos trabalhos que mencionam a paternidade, pode-se dizer que o assunto não está negligenciado como em décadas anteriores. Contudo, muito ainda

precisa ser feito haja vista as mudanças que ocorrem em nossa sociedade, a diversidade de estilos familiares existentes, modos de se relacionar, de ser mãe e, também, de exercer a paternidade. Nota-se que grande parte dos estudos não dá tanta importância aos arranjos familiares de classes populares; de pais não residentes; e menos ainda daqueles em que o pai é o único ou principal responsável pelo cuidado dos filhos – situação vista atualmente, e que demarca a posição que muitos homens vêm adotando quando se trata do exercício de sua paternidade.

Após esta breve revisão, é notável que diversos países exploraram o tema de forma variada. Foram averiguadas as expectativas quanto às responsabilidades de ser pai; as diferenças de envolvimento entre pais de baixa e média renda; a dinâmica familiar; diferenças no exercício da paternidade entre gerações; vários estudos abordando as representações sociais de paternidade, maternidade, masculinidade para homens e mulheres, entre pais e não pais, entre jovens universitários; revisões de bibliografia sobre maternidade e paternidade adolescente; envolvimento no cuidado da saúde dos filhos. Estes e outros quesitos foram averiguados a partir de metodologias diferenciadas também: entrevistas em profundidade, grupos focais, técnicas de associação livre, informantes-chaves. Contudo, as entrevistas e os estudos qualitativos são os mais utilizados. Embora os países latino-americanos se sobressaíam em quantidade de produção sobre este tema, estudos norte-americanos e europeus também foram encontrados.

Outro detalhe importante de ressaltar são os termos encontrados em alguns desses estudos, como “novo pai”, “nova paternidade”, “masculinidade em crise”. Embora sejam utilizados com bastante frequência por alguns autores, eles não são uma unanimidade no discurso acadêmico. É importante fazer esta observação, pois são termos que, se utilizados indiscriminadamente, podem gerar compreensões equivocadas sobre o que pensamos ser este “novo pai”, pois muitos estilos de ser pai existem e sempre existiram, e isso não significa que todos os pais que hoje se relacionam com seus filhos apresentam as características indicadas neste termo.

Diante deste levantamento, também observamos que não é possível desvincular a questão dos novos papéis parentais de questões maiores, como gênero, contexto histórico e familiar, entre outros. Sendo assim, ao estudarmos as novas configurações familiares e o papel que homens e mulheres vêm desempenhando nas famílias contemporâneas, é válido ressaltar que “as representações socioculturais da maternidade e da paternidade – influenciadas pelos valores de gênero vigentes na sociedade –

revelam nossos ideais, padrões, crenças e expectativas em relação às mulheres e homens que serão mães e pais” (Brasileiro et al., 2002, p.4). E essas representações são permeadas por valores tradicionais de gênero que interligam os modos de ser homem ao de ser pai, bem como os modelos de feminilidade ao modo ideal ao de ser mãe, isso sempre misturado às novas demandas que a sociedade impõe a estes papéis (Brasileiro et al., 2002; Staudt & Wagner, 2008).

## **2.5. A contribuição da Teoria das Representações Sociais**

Proposto por Serge Moscovici em 1961, o conceito de representação social (RS) consiste em um saber produzido e compartilhado socialmente acerca de determinado objeto social. As RS funcionam como um sistema de interpretação da realidade, capaz de determinar comportamentos e práticas. Para Andrade (1998) “representar um objeto significa inseri-lo significativamente no nosso mundo, fazer com que tenha um sentido para nós” (pp.142-143). Além disso, “as representações sociais referem-se apenas a objetos ou questões socialmente relevantes” (Wagner, 1998, p.18), e não devem ser entendidas como uma reprodução dos elementos cotidianos, mas uma construção destes; são fatores produtores de realidade (Vala, 1997).

Cada grupo social elabora representações tendo como referência a sua posição no conjunto da sociedade. Tais representações surgem de seus interesses específicos e da própria dinâmica da vida cotidiana (Moreira & Oliveira, 1998). De acordo com Wagner (1998):

A interação entre as pessoas expressa e confirma suas crenças subjacentes; de fato, a representação social é sempre uma unidade do que as pessoas pensam e do modo como fazem. Assim, uma representação é mais do que uma imagem estática de um objeto na mente de um grupo. É ao mesmo tempo uma teoria sobre o conhecimento representado, assim como uma teoria sobre a construção do mundo (p.11).

O conceito de representação social tem sido adotado para compreender diversos objetos sociais, notadamente nas áreas de conhecimento que reconhecem que a subjetividade se faz presente nas ações do dia-a-dia (Moreira & Oliveira, 1998).

Vale destacar que após a proposta de Moscovici, desdobraram-se três principais abordagens que colaboraram fortemente para o desenvolvimento da teoria, são elas: a Abordagem Culturalista, proposta por Denise Jodelet; a Abordagem Estrutural, de Jean-Claude Abric e a Abordagem Societal elaborada por Willen Doise (Almeida, 2005). A

abordagem estrutural e a culturalista é que nortearão, principalmente, a discussão dos dados encontrados neste estudo, já que a primeira focaliza o conteúdo cognitivo das RS (Sá, 1998), e a segunda, além de fornecer tais conteúdos, centraliza a discussão na pertença social dos indivíduos, com as implicações afetivas e normativas, que constitui base para o pensamento mental individual e coletivo.

Para Abric (1998) “a representação é um guia para a ação, ela orienta as ações e as relações sociais. Ela é um sistema de pré-decodificação da realidade porque ela determina um conjunto de antecipações e expectativas” (p.28). Segundo o autor, as representações podem ser entendidas como conjuntos de conceitos que se relacionam com as práticas sociais e apresentam algumas funções, como: compreender e explicar a realidade; definir identidades; guiar comportamentos e práticas, bem como justificar tomadas de posição.

De acordo com Sá (1998), a Teoria do Núcleo Central, proposta por Abric, visa compreender a composição, o conteúdo e a estrutura das RS, a fim de entender o seu funcionamento. O núcleo central constitui-se de elementos cognitivos mais estáveis, garantindo a continuidade das RS, enquanto os elementos periféricos possuem características mais mutáveis. As condições históricas, sociais e ideológicas determinam os elementos do núcleo central e, por isso, estes são coletivamente compartilhados e mais resistentes a mudanças. Assim sendo, observamos que:

Em torno do núcleo central e como seu complemento indispensável, organizam-se os elementos periféricos que se constituem como a interface entre a realidade concreta e o sistema central, por isso são mais flexíveis e móveis. Dessa forma, em caso de transformações da representação, estas acontecerão primeiramente nos elementos periféricos, pois é no sistema periférico que poderão aparecer e ser toleradas contradições (Martins, Trindade & Almeida, 2003, p. 557).

Na abordagem estrutural, o núcleo central e os elementos periféricos são entendidos como componentes de uma dada RS, e cada um assume uma função específica e também complementar à outra (Almeida, 2005). O núcleo central apresenta os elementos mais estáveis da representação, que mais resistirão às mudanças, ao passo que os periféricos são mais maleáveis e menos resistentes. Os elementos periféricos acabam por desempenhar a função de ancorar a representação na realidade (função de concretização), assumem o papel de acomodação da representação ao contexto social (função de regulação), e também funcionam como um sistema de defesa do núcleo central (função de defesa), já que permitem a permanência de elementos conflitantes.

Nesse sentido, estudar a paternidade tendo como guia a Teoria das Representações Sociais (e as duas abordagens aqui escolhidas) foi uma escolha por esta temática estar vinculada a algumas características deste pressuposto teórico. Uma delas é a importância dada aos conhecimentos populares e consensuais como um campo possível de representação de qualquer objeto socialmente elaborado e partilhado, ou seja, a teoria reconhece uma “ciência popular”, do senso comum, gerada e transmitida pelas pessoas no cotidiano (Moscovici, 2004) e que torna possível a comunicação e a organização dos comportamentos (Vala, 1997). A decisão pelas abordagens Estrutural e Societal deve-se ao fato de a abordagem estruturalista fornecer mais densamente a possibilidade de análise dos conteúdos que serão gerados pelo estudo com os jovens não pais (estudo dois), embora a Societal também forneça subsídios para tal análise. Assim, entendemos que a utilização de ambas não se explica por uma ser melhor que a outra, mas de as utilizarmos complementarmente.

No caso deste estudo, o fenômeno da paternidade será o objeto de representação, pois por ser socialmente conhecido e elaborado, pode ser representado no meio social devido sua importância e perenidade ao longo das gerações. Ou seja, não é um objeto novo, já se organiza de algum modo na mentalidade e nas práticas dos indivíduos; é um objeto que é constantemente repensado, explicado, e exposto às mudanças sociais e culturais.

Reforçando este conceito, Jodelet (2001) acresce que esta forma de conhecimento é diferenciada do conhecimento científico, porém, não menos importante, pois é tida como um objeto de estudo tão autêntico quanto àquele “devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais” (p.22).

Outra propriedade do conceito é consequência direta tanto da natureza partilhada socialmente das representações, quanto dos ajustes que estas representações sofrem à medida que são incorporadas singularmente pelos indivíduos e grupos em suas concepções de mundo. Esta incorporação, segundo Moscovici (2004), se dá através de dois processos, distintos, porém indissociáveis. O primeiro deles, a ancoragem, seria o processo através do qual um determinado conceito ou objeto desconhecido a uma determinada cultura é comparado e adequado aos modelos já existentes. Ancorar não é apenas adaptar, mas também pode ser pensado como “um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes” (p.62).

Assim, estes novos elementos não familiares são trazidos para um domínio particular, e conseqüentemente rearranjados para que possam se enquadrar no já estabelecido. Estas mudanças na alocação do novo serão materializadas através de um segundo processo denominado por Moscovici de objetivação, que finaliza a transformação do não familiar em familiar. Através dele, serão apresentados estes novos conceitos que passam a se reproduzir naquilo que pode ser sentido, discutido e, principalmente, controlado. Neste mecanismo o que se transforma é a própria realidade, que adquire novos núcleos figurativos, em função dos quais vão se agrupar “um complexo de imagens que reproduzem visivelmente um complexo de ideias” (Moscovici, 2004, p. 73).

Tendo em vista o exposto, acreditamos que o presente estudo pode contribuir para a temática da paternidade na adolescência, ainda pouco abordada pelos estudiosos quando comparada a da maternidade. Pelo fato de o fenômeno da paternidade ser passível de representação, dada sua importância e compartilhamento na vida comum, entende-se que a teoria é adequada para a compreensão do tema, já que, como afirma Jodelet (2001), a partilha das representações está fortemente relacionada às especificidades do contexto no qual o indivíduo que a expressa se situa, sem que com isso seja aniquilada a expressão das particularidades de cada contexto e de cada sujeito. Com o respaldo dessa teoria pode-se apreender em que imagens/figuras estão ancoradas os modelos de ser pai destes jovens e de que modo elas se objetivam e tomam forma em seu cotidiano.

Sendo assim, o foco principal deste trabalho foi o de identificar as RS de paternidade de jovens do sexo masculino, evidenciando as diferenças propiciadas pelas inserções sociais, e no caso dos jovens pais que vivenciaram tal experiência, compreender como orientaram suas condutas. Entendemos que a importância de se captar teorias sobre a paternidade está no fato de se conhecer melhor como esta experiência é vivenciada e compreendida pelo próprio jovem, a fim de que possam ser desenvolvidas políticas mais específicas voltadas para este público e sua família, já que nem sempre são tão considerados quanto as mulheres. Além disso, acreditamos que estudar as representações sobre esta temática pode agregar conhecimento tanto para a Psicologia como para áreas afins, haja vista a contribuição que esta ciência tem a oferecer na reflexão das atuais políticas públicas voltadas para jovens em geral e para o contexto da gravidez/sexualidade nesta fase da vida.

### **3. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS**

Sabemos que os padrões de masculino e de feminino e, conseqüentemente, de paternidade e maternidade passaram e ainda passam por mudanças significativas. Também partilhamos a ideia de que, a partir da vivência ou não propiciada pela existência de um filho, os jovens (pais ou não) elaboram RS de paternidade e expressam essas representações, compartilhando práticas e significados no contexto social em que estão inseridos.

A ideia inicial do presente estudo era entrevistar jovens que fossem os únicos ou principais cuidadores de seus filhos, porém, não foi possível estabelecer contato com a quantidade de pais formulada no projeto e optou-se, então, por entrevistar pais que assumiram a paternidade, independentemente de serem os principais responsáveis por estes.

Dentro do nosso tema de interesse – a paternidade na juventude – consideramos que a teoria das RS é eficaz para compreender como os jovens representam socialmente a paternidade, e como essas representações possivelmente orientam suas práticas. Assim, utilizamos a teoria como um instrumento para compreender o relato da vivência desse grupo de pais, bem como procedermos à comparação de suas RS com as de jovens que não são pais.

#### **3.1. Objetivo geral**

O objetivo geral deste estudo foi o de identificar e analisar as representações sociais de paternidade para jovens do sexo masculino (pais e não pais) de diferentes inserções sociais.

#### **3.2. Objetivos específicos**

Os objetivos específicos da pesquisa consistiram em identificar e analisar as diferenças de RS entre jovens pais e não pais; as diferenças de RS de acordo com a inserção social; bem como o relato desses jovens pais sobre os diferentes momentos vivenciados durante o processo de tornar-se pai.

Essas duas formas de conhecer o fenômeno da paternidade consistiram em uma maneira de verificar a presença ou não de elementos que podem ser classificados como pertencendo ao modelo da sugerida “nova paternidade”, quais sejam, maior envolvimento do homem no âmbito privado; maior envolvimento afetivo dos pais com seus filhos; práticas paternas e maternas mais parecidas em relação ao cuidado e educação do filho.



## 4. MÉTODO

### 4.1. Participantes

A pesquisa contou com dois procedimentos metodológicos: (a) entrevista com roteiro semiestruturado – estudo exploratório com jovens pais e (b) técnica de associação livre com jovens não pais. Diante disso, faz-se necessário o detalhamento de como os sujeitos foram escolhidos.

Para as entrevistas foram contatados quatro jovens (dois de classe socioeconômica média e dois de classe socioeconômica baixa). Estes deveriam ter se tornado pais entre os 17 e 24 anos de idade. Não houve preocupação quanto ao tempo de exercício de paternidade dos jovens. Os pais deveriam ter contato com a criança e ser um dos responsáveis por ela. Escolheram-se dois pais para cada classe social, pois acreditamos que a inserção destes sujeitos define uma série de variáveis, como acesso à educação, saúde, trabalho, os quais irão determinar planos de vida, maneiras de criar e educar filhos e, conseqüentemente, as representações sobre a paternidade. E, tendo em vista a extensão do instrumento (qualitativo), acreditamos que a quantidade de sujeitos seria suficiente para atingir os objetivos propostos.

Para a evocação com jovens do sexo masculino foram contatados 30 rapazes de classe socioeconômica baixa e 30 rapazes de classe socioeconômica média<sup>1</sup>. Eles também deveriam estar no período da juventude proposto neste estudo (17-24 anos)<sup>2</sup>. Neste caso, a quantidade de sujeitos explica-se pelo uso do *software* escolhido.

Optamos por utilizar apenas a evocação livre com os jovens não pais, pois consideramos esta técnica de rápida aplicação em casos de maior número de sujeitos, e suficiente para captar as informações necessárias para a pesquisa.

### 4.2. Instrumento de coleta de dados

A entrevista com os jovens pais (ANEXO A), além de averiguar as RS de paternidade e maternidade, também objetivou identificar e analisar a vivência do processo para a paternidade, ou seja, como era a vida desse jovem antes do filho, como recebeu a notícia, o processo da gravidez até o nascimento, e que práticas foram desenvolvidas por eles desde o nascimento da criança.

---

<sup>1</sup> A denominação de classe baixa e média teve como referência o bairro onde o jovem residia, de acordo com informações socioeconômicas contidas nos sites de algumas prefeituras da Grande Vitória.

<sup>2</sup> Esta faixa de idade foi escolhida por ter sido a mais encontrada em um estudo preliminar e também por estar inserida na faixa etária proposta pela Organização das Nações Unidas (15 a 24 anos).

Também foi observada a avaliação desse pai quanto às consequências do nascimento da criança nas outras esferas de sua vida como: estudos, trabalho, convívio social e familiar, e econômico; bem como sua percepção sobre as consequências (positivas e negativas) da paternidade.

A evocação com os jovens não pais (ANEXO B) teve o objetivo de identificar e analisar as representações sociais de paternidade e maternidade. Para a evocação com os 60 jovens também foram conferidos dados sociodemográficos, pois houve a intenção de identificar e analisar possíveis diferenças nas representações dos dois grupos socioeconômicos.

A técnica de evocação livre foi escolhida devido à sua conhecida vantagem por ser prática e de rápida aplicação, pois constitui uma maneira de acessar o universo semântico da representação (Vasconcellos, Viana & Souza-Santos, 2007). O estímulo que demandou evocações foi auditivo por meio dos termos ‘maternidade’ e ‘paternidade’. Desse modo, foi solicitado aos participantes que enumerassem cinco palavras que estivessem associadas a cada um dos termos.

O esperado foi que cada uma das técnicas empregadas na coleta de dados, embora se destinassem a um fim específico e a grupos diferentes, atuassem complementarmente oferecendo acesso a dimensões distintas das representações. A importância de associar diferentes formas de coleta e grupo de sujeitos está na possibilidade de alcançar um olhar mais abrangente sobre o fenômeno.

### **4.3. Procedimento de coleta de dados**

Todas as entrevistas com os jovens pais foram realizadas em data e local predeterminado e conveniente para o participante. As entrevistas foram individuais e gravadas mediante a solicitação da pesquisadora e autorização dos jovens. Após sua concessão, os jovens assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (ANEXO C). As gravações foram transcritas na íntegra e os dados obtidos por meio de seu conteúdo foram devidamente tratados e analisados. As gravações e transcrições foram de uso restrito dos pesquisadores envolvidos no estudo.

As evocações com os jovens do sexo masculino também foram realizadas com autorização e assinatura do TCLE (ANEXO D), porém de maneira mais informal, pois em poucos casos houve predeterminação de horário e local para a entrevista. O contato

com os jovens foi estabelecido por conveniência (por meio de indicação de conhecidos da pesquisadora ou abordagem no campus da universidade).

Conforme os procedimentos utilizados para a obtenção e análise dos dados, acredita-se que a pesquisa não ofereceu riscos aos participantes, além disso, foi assegurado a eles o anonimato das informações obtidas. Todos foram designados por nomes fictícios e os resultados da pesquisa serão fornecidos àqueles que desejaram.

#### **4.4. Tratamento e análise dos dados**

O procedimento de organização e análise de dados utilizado no estudo com os jovens pais baseou-se no método fenomenológico proposto por Bullington e Karlsson (1984), adaptado primeiramente por Trindade (1991).

De acordo com Trindade, Menandro e Gianórdoli-Nascimento (2007), este método permite que seja focado o significado atribuído pelos próprios sujeitos às experiências vivenciadas. Além disso, pode-se conhecer como diferentes indivíduos experienciam uma situação comum a eles.

Inicialmente, como recomendado por Trindade (1991), as entrevistas com nossos sujeitos foram transcritas na íntegra e após leitura exaustiva destas transcrições, foram definidas unidades de significado (fase 1). As unidades de significado são temas comuns e importantes presentes no discurso dos sujeitos e/ou que são de importância para o objetivo do estudo.

Após a definição das unidades de significado, as entrevistas foram reorganizadas de acordo com as mesmas, independente da sequência contida no roteiro, de modo que as falas literais dos sujeitos fossem alocadas nas unidades de significado correspondentes (fase 2).

Em seguida, os relatos dos jovens pais presentes nas unidades de significado foram convertidos em uma linguagem padronizada. As falas foram reconstruídas em terceira pessoa do singular (fase 3). E então, as unidades de significado foram transformadas em narrativas, ou estruturas, com o objetivo de elaborar um texto único que integrasse todos os temas que compõem a experiência do sujeito, reproduzindo, em alguns trechos, a fala do participante a fim de ilustrar a exposição dos dados (fase 4).

É importante informar que as unidades de significado foram identificadas com base no roteiro de entrevista, mas a ordem em que os temas foram apresentados nas narrativas foi estabelecida pela pesquisadora. No presente estudo optou-se apresentar os temas de maneira semelhante à cronologia das experiências dos jovens pais. Tomando

os conteúdos sistematizados nas unidades de significado, optamos pela sequência de temas a partir de quatro grandes eixos:

- 1) Trajetória até a concretização da paternidade – aqui incluímos um breve contexto da transição para a paternidade do jovem até a situação atual; o relacionamento com a parceira; recebimento da notícia; participação no processo de gravidez até o nascimento do filho.
- 2) Representações de filho, paternidade e maternidade – abrange o significado e importância do filho; representações sociais de paternidade e de maternidade; práticas parentais – divisão de tarefas e contribuição dos familiares; principais cuidadores; relacionamento com a criança.
- 3) Impactos nas outras esferas – principais mudanças provocadas pelo filho; reflexos no convívio social e familiar; influência nos estudos e trabalho/profissão; reflexos no âmbito econômico.
- 4) Avaliação da experiência – consequências positivas e negativas de ter sido pai jovem; visão sobre a paternidade na juventude; contato com outros jovens.

Em seguida apresentaremos as estruturas narrativas de cada sujeito. Devido a diferenças da trajetória de cada um, algumas narrativas se apresentam mais extensas que outras. Identificamos os jovens por meio de nomes fictícios, e a fim de facilitar a correspondência às inserções sociais de cada um, optamos por nomear os de classe média com iniciais de nome **M** e os de classe baixa com iniciais de nome **B**.

Entendemos que as estruturas narrativas além de integrar as unidades de significado, nos oferecem uma perspectiva muito interessante das experiências dos jovens pais, pois permitem destacar aspectos compartilhados entre eles como também as especificidades de cada um. Segundo Trindade et al. (2007), este instrumento é de grande valor, pois possibilita uma visão globalizada do conjunto de sujeitos bem como a visão completa de cada um isoladamente.

Nesse sentido, a discussão orientou-se basicamente pelas mesmas unidades de sentido evidenciando tanto aspectos individuais quanto coletivos do grupo estudado, bem como dialogando com outros estudos sobre paternidade/maternidade e representações sociais.

Já no estudo com jovens não pais, após a coleta, os dados das evocações foram homogeneizados, categorizados e submetidos ao *software* EVOC (*Ensemble de Programmes Permettant L'Analyse des Évocations*). Este *software* analisa as palavras

evocadas em função de dois critérios: frequência e ordem de evocação. Combinando estes dois fatores é possível realizar o levantamento das palavras que mais se relacionam ao termo indutor e, conseqüentemente, permite o levantamento da estrutura de organização interna das RS relacionadas a esses termos. A classificação dos elementos é apresentada em quatro quadrantes: no primeiro, estão os elementos mais relevantes e, por isso, os possíveis termos que compõem o núcleo central. Estes elementos são os primeiramente evocados e mencionados com frequência elevada. No segundo quadrante estão os elementos que alcançaram uma alta frequência, entretanto foram citados nas últimas posições. No terceiro quadrante ou na zona de contraste, são encontrados os elementos que foram evocados menos frequentemente, mas que foram considerados importantes pelo sujeito. No quarto quadrante encontram-se os elementos que correspondem à periferia distante, na qual se localizam os elementos menos citados e evocados por último (Oliveira, Marques, Gomes & Teixeira 2005).

Por meio deste procedimento de organização e análise dos dados, é possível obter tanto o conteúdo das representações quanto a ordenação desse conteúdo como forma de delinear a estrutura dessas representações.

A utilização das duas metodologias nos pareceu adequada tendo em vista o objetivo de aumentar a compreensão sobre fenômeno pesquisado.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na apresentação dos resultados de cada estudo optamos por apresentar primeiramente figuras que resumem as informações sobre a caracterização dos participantes.

### 5.1. Caracterização dos participantes (Estudo 1 – jovens pais)

A figura abaixo apresenta resumidamente as características dos jovens pais do presente estudo.

Inserção social	Nome	Idade	Idade em que foi pai	Estado civil	Religião	Escolaridade	Profissão	Idade do(s) filho(s)
Classe média	Mateus	26	24	União consensual	Católico	Ensino técnico incompleto	Corretor de imóveis	Um menino de 1 ano e 7 meses
	Marcos	33	24	Solteiro	Não tem	Ensino superior	Empresário	Um menino de 7 anos
Classe baixa	Bruno	22	19	Divorciado	Evangélico	Ensino médio incompleto	Cobrador de ônibus	Uma menina de 1 ano e 5 meses
	Bernardo	22	19	Casado	Evangélico	Ensino fundamental incompleto	Vigilante e dono de um pequeno comércio	Uma menina de 3 anos e um menino de 2 anos

Figura 1. Caracterização dos jovens pais

Como se pode notar, no momento da entrevista os rapazes tinham idades que variavam de 22 a 33 anos; os filhos de todos ainda eram crianças; dois eram de religião evangélica, um católico e um não possuía religião; se encontravam em estados civis distintos, porém, todos tiveram algum tipo de relacionamento duradouro com a parceira. Observa-se que, diferentemente dos jovens de classe média, os participantes de classe social mais baixa não completaram o ensino médio e atuam em profissões que exigem pouca escolarização e oferecem baixa remuneração.

## 5.2. Estruturas narrativas

### 1. Mateus – *“eu não sei definir muito bem, eu sei que é bom e eu sei que às vezes é ruim”*.

Mateus, 26 anos, foi pai aos 24 anos, e na época da entrevista seu filho estava com um ano e sete meses. É católico, possui o ensino técnico incompleto e trabalha como corretor de imóveis. Mantinha união consensual com a mãe de seu filho e moravam na casa dos familiares dela desde a gravidez. A companheira estava com 23 anos quando foi mãe, ela trabalhava e estudava, ao passo que Mateus apenas trabalhava. O casal não tinha planos de ter filho, a gravidez decorreu de uma relação casual, mas conservaram o relacionamento desde então.

Quando soube que teria um filho, Mateus conta que foi um baque: *“acho que eu fiquei uma semana, duas semanas pensando o que ia ser da vida e tal...”*. Cada um continuou em sua casa, mas com o avanço da gravidez a companheira começou a pedir que ele fosse para a casa dela auxiliá-la, onde permanecia até a época da entrevista: *“e aí foi bacana, a gente decidiu assumir o filho, um casamento, né”*. Quando o filho nasceu, Mateus relata que continuou trabalhando normalmente e sua mulher também, parando apenas no período da licença maternidade. Mateus não contribui financeiramente com os gastos da residência onde mora, sua renda é destinada a si e aos gastos com o filho e a mulher.

Mateus considera ter participado de todo o processo da gravidez: *“então eu decidi encarar, e a gente decidiu ficar junto e ter o nosso filho, né. E ao longo da gravidez foi bacana, a gente ficou junto, a gente se gosta...”*, e relembra que houve um período da gestação em que a parceira fez um esforço excessivo e quase perdeu a criança.

Para Mateus é difícil definir muito bem o que significa ter um filho, mas entende que às vezes é bom e às vezes é ruim: *“ruim que eu falo é de ter que deixar de dar uma coisa pra mim pra dar pra ele, mas não ruim que seja ter um filho, nada que seja negativo, ou qualquer coisa do tipo, é uma coisa muito boa e é um sentimento assim pra mim incomparável”*. Para ele, é um sentimento pra vida inteira. Considera importante ter filhos, mas na época da entrevista não pensava em ter outros, pois até então estava bastante cansativo. Porém, talvez após um tempo, caso se separe, por exemplo, ele adote uma criança.

Mateus avalia que ser pai e ser mãe não é muito diferente, pois a responsabilidade de certa forma é igual, contudo observa maior esforço físico em sua companheira: *“pelo menos essa fase que eu to vivendo agora... De madrugada, em vários momentos é só o seio dela que acalenta o filho, entendeu?”*. Mateus acha que ser pai é muito bom, embora seja muito cansativo, porque tem que trabalhar muito e nem sempre quando ele pode dar mais atenção, ele aguenta. Muitas vezes faltam coisas para ele mesmo, mas sabe que não pode deixar faltar para o filho.

A forma de falar da mãe e o esforço físico e bom humor do pai são características que Mateus atribui a cada um e também diferenciam as responsabilidades maternas e paternas. Mateus diz que a única parte ruim em ser pai é ter a preocupação em deixar algo para o filho, pois não sabe até quando viverá para cuidar dele.

Quando o filho de Mateus nasceu, todos na casa de sua companheira ajudaram no processo. Os pais dele, no entanto, não são muito presentes e não participaram dos cuidados tanto quanto a família da companheira. Ele considera que os principais cuidadores de seu filho sejam a companheira e a mãe dela. De acordo com ele, não há uma divisão de tarefas muito explícita com a esposa quanto ao cuidado do filho, o que avalia como sendo até um ponto negativo no relacionamento, pois ambos trabalham e quando pode, mantém seu momento de lazer com os amigos, o que não é muito bem visto pela companheira, que não recebe convites com a mesma frequência.

Mateus considera manter um ótimo relacionamento com o filho, o leva nos seus momentos de lazer e sempre que possível dedica períodos de brincadeira e cuidados com ele: *“Ah é maravilhoso (...) É muito boa a relação com ele, e acho que ele também gosta”*.

Mateus já não estudava quando foi pai, mas a vida mudou muito após o filho, desde a vida social, que era um pouco mais intensa e desregrada até o investimento mais incisivo no trabalho que ele desenvolvia. Para ele, a paternidade fez muito bem, pois antes trabalhava como corretor em uma empresa e não tinha muito sucesso, mas não em virtude de ser um mau profissional, mas por não ter muito interesse. No entanto, ele considera essas mudanças todas como muito positivas em sua vida, pois também fez com que diminuísse a ingestão de álcool, repensasse sua rotina e assumisse a criança: *“Mas fora isso eu não sei, acho que foi bacana, tem muita gente que se arrepende, larga a mulher, não assume, cria várias situações”*.



Mateus aponta que qualquer relacionamento possui conflitos, principalmente em um casamento, em que se passa muito tempo com a pessoa, e que há momentos em que ele relembra a época em que era solteiro, mas que esse sentimento passa e não é forte o suficiente para deteriorar a relação que estabeleceu com a parceira e o filho.

Para Mateus, houve impactos em outras esferas de sua vida. O convívio familiar melhorou, mas o social diminuiu, mesmo que ele não se considerasse uma pessoa de ir a muitas festas. Mateus entende que há um motivo para certo afastamento, que se explica pelo fato da criança exigir algumas rotinas de sono, cuidados, e que nem sempre quem está em volta compreende: *“A gente já tentou sair algumas vezes com nosso filho, ir em alguns lugares, (...). Tem alguns momentos que ele fica chato, que ele chora, que ele esperneia, (...). Então eu entendo quando às vezes porque as pessoas se afastam, mas realmente mudou, mais pra ela do que pra mim.”*

No aspecto econômico também houve mudanças, que segundo Mateus, foram positivas. Para ele, houve uma evolução em todos os sentidos, pois as despesas aumentaram, mas o padrão de vida também melhorou. Em suas palavras: *“O dinheiro veio, mas as contas aumentaram, mas assim, houve um crescimento pessoal, né, ao longo dessa jornada aí”*.

Mateus só vê coisa positiva em sua experiência, pois ainda é jovem e acredita que irá curtir muito com o filho até quando ele estiver adolescente. Como visto a seguir: *“eu só vejo coisa bacana. O filho foi cedo, tá, mas houve uma melhora na vida, profissionalmente falando, o pessoal na empresa começou a me enxergar com outros olhos depois que eu fui pai [é mesmo?] É, com certeza! né, então eu era o maluco do escritório e agora eu sou o gerente do escritório, então as coisas mudam”*.

Mateus entende que não pode falar pelos outros rapazes que também foram pais jovens, mas que ele gostou da própria experiência, pois foi boa e positiva: *“Sei lá, pra mim foi boa, mas pra um tanto de gente aí foi ruim. Então eu posso definir que é bom só que pra mim, pro resto do mundo eu não sei”*. Segundo ele, existem os aspectos negativos, como a diminuição da vida social: *“mesmo que eu não tivesse muitos amigos, mas eu tinha muitos bares na minha vida, no mínimo eu bebia em dois todo dia, então eu não bebo mais...”*. Durante a época em que soube que seria pai e seu filho nasceu, Mateus teve contato com outros jovens que passaram pela mesma situação, inclusive um deles era seu amigo. Outro colega havia passado por uma situação bastante complicada, que o influenciou a como agir diante da sua própria experiência. De acordo com ele, antes de ser pai, ele só tinha essa referência, avaliada por ele como ruim, mas que não o fez agir

de maneira semelhante, pois segundo Mateus, ele é uma pessoa que sabe muito bem o que quer e sabe assumir as coisas que faz, sejam elas certas ou erradas, e de forma alguma faria algo parecido com o que o colega fez. Mateus afirma ainda que outro motivo que o fez assumir sua responsabilidade foi a própria vivência de não ter tido o pai presente, o que avalia como muito ruim: *“Por exemplo, eu sou fruto de um relacionamento parecido desse meu amigo, entendeu, então eu vi toda uma dificuldade da mãe com ausência de pai, aquela coisa toda... Então decidi não ter isso pra vida do meu filho”*. Ele considera que mesmo tendo vivido uma situação negativa, ela provocou uma influência positiva em sua vida, fazendo pensar na melhor maneira de tomar suas decisões frente à paternidade.

**2. Marcos – “*tudo o que eu quero conquistar pra minha vida, tudo o que eu vejo na minha vida assim, é ser pai*”.**

Marcos, 33 anos, foi pai aos 24 anos, estava solteiro e com um filho de sete anos na época da entrevista. Ele não possui religião, é formado em comunicação social e é empresário. Mora com os pais e uma irmã e contribui com a renda desta residência além de pagar a pensão para o filho, que reside na casa da mãe e dos avôs maternos. Marcos namorou a mãe de seu filho por cerca de dois anos, e após o término continuaram tendo relações ocasionais por cerca de um ano, culminando com a gravidez não planejada. A mãe tinha 32 anos quando a criança nasceu e já trabalhava, ao passo que Marcos estava se formando e iniciando a carreira profissional. Desde então o filho de Marcos permaneceu com a mãe, e na época da entrevista o via comumente a cada quinze dias.

Marcos conta que ao receber a notícia da gravidez, ficou em choque: “*Não foi planejado, ela me comunicou num jantar na frente dos amigos dela*”. Ele relata que sentiu muita raiva e entrou em estado depressivo devido a algumas atitudes da parceira, como oferecer um apartamento, um carro e dinheiro para cuidarem juntos do filho. Segundo ele, estas atitudes da parceira fizeram com que ele se afastasse dela: “*eu entrei em depressão, porque ela não era uma mulher que eu pensava em casar (...). Acabei não me formando no ano que eu era pra me formar, mas isso me deixou muito mal, eu acabei nem trabalhando*”. Além disso, Marcos não tinha certeza que o filho realmente era dele, pois de acordo com seu relato, a parceira tinha caso com outros homens e engravidou quando eles não eram mais namorados, mas ainda mantinham relações casuais.

Marcos considerou todo esse processo muito difícil, no entanto, diz ter participado bastante de toda a gravidez, sempre ligava e aos poucos foi aceitando a nova realidade. Participou do nascimento, foi ao hospital todos os dias e só não assistiu o parto porque não foi permitido. Para ele, o nascimento da criança foi outro choque, pois vários questionamentos sobre ele mesmo vieram à tona: “*Quando ele nasceu, em choque eu fiquei, fiquei totalmente em choque*”. Foi difícil, pois ele não achava que o mundo estivesse bom para ter uma criança. Ele ainda relata que a mãe da criança reclamava muito de sua ausência, e que ela não entendia que naquela época ele estava se formando e não tinha condições de dar atenção para o filho. Marcos acreditava que teria que trabalhar bastante para poder dar um futuro satisfatório para a criança, e por causa disso

não podia ficar junto dele o tanto quanto gostaria. Marcos conta que seus pais achavam que ele deveria casar com a mulher, mas ele não fez isso por não gostar mais dela.

Marcos conta que a paternidade o fez sentir muito medo, pois se preocupava com o futuro de seu filho, e destaca uma experiência em específico, de quando estava gravando um documentário em uma cidade ao sul do Estado junto com seu grupo, e se perderam na mata. Segundo ele, esta experiência provocou a mudança de algumas atitudes em relação a sua função paterna, e depois disso desejava “*ser o melhor pai do mundo*”: “*Aí comecei melhorar, parei de beber, hoje eu parei de sair, não sou de beber, não fumo mais maconha, tipo assim, eu não sou mais aquele cara que adorava uma balada*”. Marcos avalia que passou a dar valor a certas coisas que antes não dava, parou de fazer “*algumas loucuras*”, o que acabou por influenciar positivamente até nas negociações de sua empresa. Ele entende que o filho o fez mudar para melhor: “*Meu mundo é outro. Eu tenho uma imagem a zelar, eu tenho um filho*”.

Marcos acredita que filho tem que ser cuidado sempre, e é reflexo do que somos, do que transmitimos: “*Filho pra mim é vida. É tudo. (...). É o fruto, você tem que regar sempre*”. Ele acredita que ter um filho faz com que a pessoa fique mais sensível e emotiva, e isso é ser pai. É gerar uma vida e fazer tudo por ela, ser o melhor possível para ela.

Marcos acha que é importante ter filhos, mas que ainda hoje sente muito medo de vivenciar esta experiência: “*Quando a minha ex-namorada falou isso pra mim, eu vomitei, eu vomitei muito! Eu passei frio, eu fiquei com febre... é um psicológico total... eu quero ter filho, eu quero ter família, mas assim, eu fiquei com medo...*”. Para ele, ainda hoje as pessoas banalizam muito os acontecimentos, e isso lhe dá muita insegurança, pois segundo ele, as pessoas não tem mais fé, não tem mais respeito pelo próximo.

Marcos entende que ser mãe é ser amiga, e que a mulher já carrega consigo esta possibilidade: “*a mulher já é uma mãe, ela carrega um ventre, ela carrega a luz*”. Para ele, ser mãe é uma coisa maravilhosa, linda: “*Mulher nasceu pra ser mãe*”. Acredita que mãe tem um lado maternal, de cuidar e até mesmo de “*estragar*” os filhos por papará-los muito.

Para Marcos, ser pai é proteger o filho: “*A mulher carrega, o homem zela. O homem tem o papel de defender, a mulher o papel de zelar, de cuidar, de dar carinho. Para ele, o pai representa a razão, e a mãe a emoção. Marcos conta que uma das coisas que diferencia papéis maternos e paternos é a maneira de lidar e cuidar dos filhos, e relata*

que até a maneira de bater nos filhos adotada por seus pais era diferente. Pai, para Marcos, é mais racional, enquanto mãe é mais cuidadosa.

Segundo ele, o principal cuidador de seu filho é a avó materna. Nos dois primeiros anos de vida do filho, Marcos conta que via o filho com grande frequência, mas que depois desse tempo a mãe da criança começou a impedir que o filho frequentasse a casa dele por causa de uma suposta alergia a gato, animal presente na casa de Marcos. Ele conta ainda que a ex-companheira o contraria muito, tomando atitudes referentes à educação do filho que Marcos não concorda, por exemplo, batizar o filho na religião católica, numa escola católica, e pedir que ele diga ao filho que eles já foram casados: *“os princípios dela não são os mesmos do que eu”*. Marcos não aprova tais atitudes e destaca que quando o filho estiver mais velho explicará toda a situação e responderá todas as perguntas do filho sem precisar mentir.

Marcos conta que gostaria de ver mais o próprio filho, contudo os momentos que passa com ele são bastante proveitosos, brincam muito, faz coisas para agradá-lo, e tenta mostrar para o filho que embora não seja muito presente, se importa bastante com ele.

Descreve que estava se formando quando seu filho nasceu e começando a trabalhar com um negócio próprio e, devido a isso, começou a trabalhar muito. Logo depois que a mãe de seu filho ficou grávida, Marcos parou de usar maconha e modificou outros hábitos que tinha. Ele sentiu que tinha que crescer, pois com um filho para cuidar e educar, ele deveria valorizar outras posturas, ser um exemplo para o filho.

Marcos não observou muita mudança no relacionamento com a família, mas com os amigos sim: *“Eu excluí alguns amigos da minha vida”*; *“e eu expliquei que era por causa que meu mundo não era mais aquele, que eu tinha que ter responsabilidade, que eu tinha que fazer isso...”*. Na sua visão, considera ter evoluído em relação aos amigos da época, pois parou de beber, de frequentar certos lugares, de ter certos costumes.

Marcos conta que no aspecto econômico também sentiu diferença e se sente irritado quando a mãe do seu filho alega que ainda é pouco: *“eu senti muita coisa, perdi todo o luxo que eu tinha, perdi certas coisas, coisas que eu gostava pra mim”*, em contrapartida, ele se adequou a isso e hoje entende que pode continuar vaidoso com um pouco menos. Marcos acha que a ex-companheira cobra essa pensão sem necessidade, pois ela mora com os pais, e segundo Marcos, ela não tem gasto com nada além da escola e atividades extracurriculares do filho. Marcos disse que nem procura saber com o que é gasto o dinheiro da pensão oferecida, e que desconfia que esse dinheiro não seja realmente destinado ao filho.

Marcos avalia que umas das consequências negativas de ter se tornado pai é que algumas pessoas que ele gosta não estão mais ao seu lado, e exemplifica que uma ex-namorada pediu que ele escolhesse entre ficar com ela ou o filho. Contudo, Marcos diz ser muito agradecido por ter a criança, pois ela modificou sua vida para melhor, sem ele Marcos teria seguido outros caminhos: *“eu já taria morando na Itália, taria fazendo minha vida lá, não teria aberto essa empresa, não teria gravado esse documentário, não teria parado de fumar, eu não teria feito nada disso, ele me fez mudar tudo isso. Então, tipo assim, ele me fez melhorar 100%, graças a ele eu sou uma pessoa 100% melhor, e graças a ele eu sou uma pessoa totalmente diferente do que eu era antigamente”*. Destaca ainda que uma das vantagens de ter sido pai jovem é que quando o filho estiver adolescente, ele ainda será novo e poderá acompanhá-lo nas saídas e lazer.

A paternidade fazia parte dos anseios de Marcos, mas de um modo mais planejado, com uma pessoa com quem ele compartilhasse interesses de uma vida a dois. Ele também conta que quando foi pai conhecia outros rapazes que também vivenciaram essa experiência. Marcos diz que se planejou para esta nova fase procurando se informar, fez cursos, trocou experiências com outras pessoas. Ele avalia isso tudo como muito bom e prazeroso, pois quando se tornou pai, sentiu a necessidade de conhecer esse universo, olhá-lo e preocupar-se com ele.

Marcos acha que a paternidade, em qualquer momento da vida, deve ser planejada. E mesmo quando é acidental como no caso dele, entende que a pessoa tem que se planejar, procurar informações, conhecer, estudar, fazer cursos, se necessário: *“Planeje pra não ser uma barreira na sua vida, mas ser uma maneira de superar e vencer mais”*. Segundo suas próprias palavras: *“a minha experiência foi muito foda... eu fui percebendo que eu fiquei mais chato, mais seletivo [...] hoje eu não quero ninguém sabendo da minha vida, não coloco mais bebida na minha boca. Eu sou pai do André, eu não sou mais só Marcos, eu sou Marcos e pai do André, então isso mudou tudo, isso fez eu mudar”*.

**3. Bruno – “não deixar faltar nada, cuidar bem, acompanhar... ah, fazer a função de ser pai”.**

Bruno, 22 anos, tinha 19 anos quando se tornou pai de uma menina que estava com 1 ano e 5 meses na época da entrevista. Ele é evangélico, não completou o ensino médio e trabalha como cobrador de ônibus. No momento da entrevista morava com os pais e mais três irmãos, e contribuía com as despesas desta casa, além da pensão destinada à filha. Ele estava em processo de divórcio na época, via a filha regularmente, mas com a saída da sentença teria direito a vê-la quinzenalmente. A criança não foi planejada, sua ex-esposa tinha 15 anos quando se tornou mãe e era estudante, e ele já trabalhava. Eles se conheceram numa festa de casamento e em pouco tempo já estavam juntos. Os dois namoraram, se casaram e tiveram uma união que durou cerca de 3 anos. Na época da entrevista já estavam separados há mais ou menos três meses.

A casa onde Bruno residia com sua família no momento da entrevista ficava no mesmo quintal da casa onde ele e a antiga esposa moraram. A ex-mulher permaneceu na casa do antigo casal. Bruno considera ter uma relação razoável com ela: “*nem lá nem... muito perto. Nem muito amigo, nem inimigo, sabe. Mas nos evitamos um pouco, porque senão dá conflito mesmo*”.

Bruno conta que teve a sensação de levar uma “*facada no peito*” quando soube da notícia que seria pai. Nenhum dos dois havia desconfiado da gravidez, a mãe da menina quem suspeitou e a levou para fazer o exame, e depois chegou com o resultado parabenizando ambos pela gravidez: “*foi um baque, né, aí no começo eu preoquepei, eu falei ‘nossa! Eu to ferrado, o que eu vou fazer, eu tenho que fazer isso, eu tenho que fazer aquilo’. Nossa! Eu já pensei em tudo, ‘eu vou ter que vender minha moto eu vou ter que...’ Nó! Eu fiquei doido. Foi difícil. No começo foi difícil... acreditar! Que ia ser*”. Bruno, na época da entrevista, conta que até então, às vezes, não acreditava que já era pai, pois se achava muito novo. Diz que saía sempre, mas agora já entende que nos finais de semana em que a filha ficará sob sua responsabilidade, ele não poderá fazer as coisas que planejou, e que isso tudo mudou bastante sua rotina em comparação ao que era.

Bruno diz que participou de todo o processo da gestação, e desde o dia em que soube que seria pai já levou a namorada para sua casa e deram início à construção do domicílio deles, que durou cerca de três meses.

Bruno entende que filho pode ser encarado como problema, mas que depois que teve sua filha, viu que é totalmente diferente, e segundo suas próprias palavras: *“é a melhor coisa que tem. Claro que eu não quero outro agora (risos)”*; *“Ah, filho é uma dádiva, né”*. Bruno conta ainda que mais importante que ter filhos, é ter uma família.

Para Bruno, ser mãe é cuidar bem da filha, não deixar faltar nada, e independente de o pai *“colocar coisa dentro de casa”*, a mãe não deve deixar faltar nada: *“ah, fazer a função de ser pai, né, às vezes”*.

Paternidade, para Bruno, tem a ver com cuidar do filho, *“Acompanhar, quando tiver doente, dar remédio, ser herói, né!”*. Para ele, um pai que não é presente, não é um bom pai, pois o pai tem o dever de colocar comida na mesa, de educar, dar amor: *“o pai que não dá amor, não é presente, não dá nada disso, é um pai muito irresponsável”*.

Conta que desde a dissolução do casamento a filha ficou principalmente sob os cuidados dele mesmo. Para ele, o que diferencia a maternidade da paternidade é que geralmente a mãe é mais presente que o pai, e entende que esta maior proximidade está relacionada ao fato de a mãe ter amamentado a criança e tê-la carregado na barriga durante a gravidez.

Bruno conta que com a paternidade muitas pessoas se envolveram e o ajudaram. Ressalta ainda que até para casar as pessoas os auxiliaram com eletrodomésticos e materiais para construção. Em sua opinião, sua mãe e a ex-sogra, na época, foram as pessoas que mais ajudaram na nova fase.

Bruno conta que quando residia com a ex-companheira trabalhava viajando, às vezes ficava várias semanas fora, e por ser muito cansativo, quando chegava gostava de ficar descansando. Desse modo, Bruno admitiu que os cuidados em relação à filha ficavam principalmente sob a responsabilidade da esposa. Ele entende que esse tipo de tarefa é responsabilidade da mãe: *“Assim, é claro que o pai não vai deixar de... se precisar. Mas a mãe estando... se estiver desocupada, se estiver em casa, acho que é mais, assim, eu acho, que é mais direito a mãe. Mas... se, eu falo que não haveria problema se eu tiver que fazer, eu já troquei, já dei banho... mas acho que é mais parte da mãe, assim”*.

Ele considera que ele e sua ex-parceira foram os principais cuidadores da filha, mas que agora que a guarda está oficialmente com ela, a criança deverá ser mais cuidada por ela. No entanto, na ocasião da entrevista, Bruno demonstrou interesse em pedir a guarda da filha, pois ela foi acostumada e criada na casa dele e entre os seus familiares. De acordo com Bruno, a decisão da guarda foi contra sua vontade: *“eu queria ficar com ela, acabou indo pra mãe porque geralmente eles... se a mãe quiser ficar com a filha, se*



*tiver condições... por exemplo, ela tá com a filha, eu só consigo a guarda se eu provar que ela maltrata a criança, lá na defensoria pública é assim...”,* o que revela até um equívoco jurídico, na visão de Bruno. Além disso, ele conta que não iria pedir a revisão desta decisão na época, pois esperava que a mãe da criança não cumprisse totalmente com tal responsabilidade e acabasse por deixar a filha com ele depois de um tempo.

Bruno avalia que a relação com sua filha é boa, sempre que chega do trabalho dedica um tempo a ela, conversa com a avó para saber como foi o dia, o que está precisando, mesmo que o tempo que sobre nunca seja suficiente.

Bruno relata que sua vida era bem mais confortável antes de ter se tornado pai, pois trabalhava de manhã, estudava a noite e podia sair todo final de semana: *“Bem mais desimpedido, muda muita coisa. Muita. Não é pouca não! Mas acostuma. Depois fica bom de novo”*. Como ele mesmo disse, houve uma adequação à nova situação, e quando a filha nasceu ele já havia parado de estudar, porém teve que trabalhar um pouco mais, mas não exageradamente, pois entende que tem que estar presente na vida da filha.

Expõe que a vida social mudou um pouco, que continua saindo com os amigos, que algumas pessoas realmente se afastam, mas que os amigos mais próximos não separaram, a amizade permanece, mas todos cientes de que ele tem uma filha.

O aspecto que Bruno mais sentiu diferença foi o econômico: *“É, principalmente agora, mudou muito, agora que mudou mesmo com essa separação aí. É pesa um pouquinho”*, e como na pensão também é descontado um valor sobre as horas extras que ele faz, Bruno diz que evita porque não vale muito a pena para ele, pois acaba ficando muito cansado.

Bruno considera que ter se tornado pai fez com que adquirisse mais respeito entre as pessoas, além de ter uma maior responsabilidade. Segundo suas próprias palavras: *“Eu era muito doidão também, mas eu falei, ‘não agora eu vou parar, se acontece alguma coisa comigo aí, querendo ou não vai afetar ela’. Então criei uma responsabilidade maior, você pensa mais, né, é isso, você tem mais responsabilidade”*. Tudo isso ele considera positivo, ficando apenas a perda de um pouco da liberdade como algo negativo.

Outro lado positivo que Bruno vê na paternidade jovem é que *“quando minha filha tiver uns 17 anos, eu ainda vou tá inteirão”*. Ele acha que se não tivesse se tornado pai nesta idade seria muito diferente, pois ele não teria mudado algumas atitudes, como se arriscar menos. Bruno expõe que até hoje se considera um pouco compulsivo, e que antes de ser pai saía muito, fazia algumas dívidas, mas a gravidez o forçou a repensar os

gastos, pois teve que dar mais importância à obra e aos gastos advindos com a criança. Nesse sentido, considera que o ideal seria ter um filho mais tarde, com mais experiência.

Bruno expõe que também conhecia outros jovens que se tornaram pais na mesma época que ele, e segundo ele, se surpreendeu com a história de um colega em específico que esperava ser o pai mais irresponsável e agora está “*tranquilo*”. E avalia sua experiência como boa, apesar das dificuldades que enfrentou: “*Foi bom, foi bom, valeu a pena. Apesar dos pesares, ser pai foi bom*”.

**4. Bernardo – “ *você muda, você vira um senhor de família, muda muita coisa. É muito importante*”.**

Bernardo, atualmente com 22 anos de idade, tinha 19 anos quando se tornou pai. Ele é evangélico, possui o ensino fundamental incompleto, e é vigilante e proprietário de um pequeno comércio. Na ocasião da entrevista, ele tinha uma filha de 3 anos idade e um filho de 2 anos. Residia com a esposa e seus dois filhos, e estava casado há cerca de 4 anos. Sua esposa tinha 20 anos de idade quando foi mãe da primeira criança, ela não estudava e não trabalhava, ao passo que Bernardo apenas trabalhava. Ele conta que os filhos não foram planejados, mas que desde quando começou a namorar sua atual mulher, já tinham a intenção de se casarem. Bernardo considera manter uma relação estável com a parceira, e ele é o principal responsável por contribuir com a renda desta família.

Bernardo conta que aos 17 anos surgiu a oportunidade de viajar para Portugal. Ele foi, conta que acabou não dando muito certo, e quando voltou, começou a se relacionar com a sua atual mulher: “*daí começou e surgiu que ela engravidou e chegou até o dia de hoje. [e vocês casaram logo depois?] a gente ficou um ano... ela casou grávida, ela não queria casar grávida. Então a gente esperou nascer a menina, praí depois a gente casar*”. Mas quatro meses depois o casal engravidou novamente e aí se casaram em seguida.

Bernardo conta que muita coisa mudou quando recebeu a notícia de que seria pai, segundo suas próprias palavras: “*Muda tudo. Você tem que assumir agora uma responsabilidade, fica... Você fica indeciso. Você fica ‘não sei se eu assumo a responsabilidade, se eu tomo posição de homem e viro pai, ou se eu faço como muitos fazem, que a gente vê em muitas histórias: some’*”.

Ele expõe que ficou em choque com a notícia, começou a pensar nas coisas que teria que deixar de fazer e que muita coisa muda com a chegada de um filho, são muitas responsabilidades adquiridas, coisas que antes ele se arriscava em fazer, mas agora por ter uma família para cuidar, não faz mais. Segundo ele, quando a criança nasceu foi mais tranquilo, pois já tinha se acostumado com a ideia, já estava morando junto com a mãe da criança. Ainda assim Bernardo revela que a nova fase foi difícil para os dois, pois nenhum deles esperava que isso acontecesse, e por causa disso muitos sonhos e

planos de ambos foram deixados de lado devido à gravidez não planejada. Por causa disso, eles passaram por brigas e desentendimentos juntos: *“tinha um pouco daquela coisa no início que ‘ah, a gente vacilou, que merda’, um pouco de arrependimento da situação. Aí tem um que conviver com isso junto com o outro”*. Bernardo entende que para a mulher é mais difícil, pois ela tem que se adaptar não só emocionalmente, mas também fisicamente, ela não tem para onde fugir. Segundo ele, a situação melhorou quando a filha nasceu, pois já foram acostumando com a ideia e tiveram que dedicar atenção para a criança.

Bernardo diz ter participado de todo o processo de gestação, ia às consultas, e que se tivesse sido possível, gostaria de ter participado mais ainda, ido em toda consulta de ultrassom, ter se envolvido mais com essa fase, pois na época ainda não tinha *“caído na real”*, como ele mesmo conta, *“mas eu participei bastante. Acho que foi bom”*.

Bernardo considera que filho é tudo, pois depois que nasce a pessoa tem a responsabilidade de cuidar dele, a pessoa vive para ele. Para ele, ter filho é muito importante, pois *“você muda, você vira um senhor de família, muda muita coisa. É muito importante”*.

Bernardo considera difícil ser pai, e entende que para a mulher é pior. Ele acha que mesmo que o filho seja bastante próximo do pai, quando a situação complica é a mãe quem consegue resolver melhor o problema: *“Na hora do desespero, até a gente depois de velho no desespero é a mãe. Acho que mãe é muito mais puxado do que pai, então é barra mesmo, porque além de sofrer um tanto de alterações (...) mãe vai mudar a rotina toda mesmo, não tem jeito”*. Segundo ele, é dever da mãe cuidar de si e do filho, pois a mãe só pode cuidar do filho se estiver em boas condições, porém, não acha que deva existir uma superproteção: *“eu acho que ela tem que cuidar sim, mas sem esquecer também dos objetivos que ela tinha antes de ser mãe, porque se ela cuida demais, dedica 100% do tempo dela pro filho, ela não vai conseguir dedicar ao tempo dela”*.

Bernardo entende que ser pai é algo muito importante também, e o pai de verdade deve ser presente, e estar junto dentro de casa, convivendo junto, pois pai e mãe se complementam. Para ele não há possibilidade de se exercer a maternidade ou a paternidade com plenitude se ambos não estiverem juntos: *“Ah, ser pai tem que tá participando de tudo, de tudo os momentos, os bons, os momentos ruins... do filho tem que tá cuidando, acho que a educação faz parte dos dois, um sozinho não consegue educar, então é isso aí, eu acho que é o complemento”*. Para Bernardo, sua criação o fez acreditar que é função do pai alimentar a família, e por mais dificuldade que exista, esta

responsabilidade é principalmente dele. Além disso, pai também deve dar atenção ao filho, educar, dar exemplo para os filhos, seja homem ou mulher, é no dia-a-dia que os filhos veem o exemplo: *“o pai tem esse dever de ser exemplo (...), o homem que tem essa responsabilidade e ele tem que assumir, tem que levar, e a mãe tem a responsabilidade de educar, de ensinar, de dar carinho, que o pai às vezes pode ser...”*.

Bernardo entende que uma das diferenças existentes entre ser pai e ser mãe, é que o pai pode renunciar esta obrigação, ao contrário da mãe, que não tem a opção de abandonar. Bernardo também acha que a mulher tem mais zelo no cuidado com os filhos, mais jeito: *“acho que devido ela ter ficado 9 meses na barriga da mãe, ela consegue detectar (risos), eu acho que tem um sexto sentido entre a mãe e o filho, seja ele homem ou mulher, então por isso que eu acho que a mãe é a pessoa mais certa, porque ela consegue sentir”*. Ele acredita que o homem não possui esta mesma capacidade de detectar o que está acontecendo com o filho.

Bernardo crê que a divisão de tarefas entre homem e mulher é algo a ser definido entre o casal, não pensa que seja algo pré-definido, e se os dois trabalham, os dois podem cuidar da casa juntos: *“não tem esse machismo de a mulher que tem que cuidar da casa!”*.

Bernardo não afirma ter planos de ter mais filhos, mas tem intenção, pois por terem se tornado pais sem planejar não curtiram tanto a gravidez devido à pressão psicológica que passaram, e revela que talvez surja uma vontade de ter um filho daqui a alguns anos, embora esta vontade não existisse no momento.

Relata que nunca houve uma divisão de tarefas muito rígida, como ele trabalhava e fazia hora extra, a esposa ficava mais responsável pelos cuidados com a criança, por exemplo, à noite. Ele salienta que a sogra ajudou muito nessa questão, sobretudo no início, com o primeiro filho. Bernardo considera ainda que ela seja a principal cuidadora de seus filhos.

No período em que teve a filha, Bernardo reforça que recebeu muita ajuda dos seus pais e dos de sua esposa, inclusive econômica e compra de mantimentos. Ele conta que nessa época largou o emprego de técnico em informática e tentou trabalhar com um negócio próprio, no caso, a sorveteria, e calhou de a companheira engravidar novamente, e por causa disso retornou ao antigo emprego de técnico. Bernardo enfatiza que a ajuda dos parentes foi fundamental. Ele acha que sem ajuda não seria possível, e mesmo a recebendo (ganhando algumas coisas como a casa, roupas), ele enquanto pai sentia vontade de comprar coisas para os filhos com o próprio dinheiro: *“você quer ter o*

*prazer de ir lá na loja e comprar uma roupa e ver seu filho vestir uma coisa que você comprou”.*

Ele relata que atualmente as crianças não vão para a creche devido à falta de vagas, mas que a sogra cuida das crianças quando ele e a esposa estão ocupados trabalhando.

Bernardo conta que mantém um bom relacionamento com os filhos, mas que por trabalhar muito, sente que falta um pouco de dedicação de sua parte, contudo, quando está com os filhos, dedica-se com qualidade.

Bernardo relata que quando foi pai já não estudava, pois na 8ª série desanimou dos estudos e logo em seguida teve a oportunidade de ir para outro país. No entanto, ele conta que trabalhava desde os 11 anos de idade com oficina, na borracharia do pai como ajudante, e como sempre trabalhou, quando a filha nasceu, já estava acostumado nesse sentido, porém, revela que o dinheiro que ele ganhava como técnico de informática ainda não era o suficiente.

Bernardo conta que o tempo é uma das dificuldades para conciliar a paternidade e o trabalho, pois embora trabalhe por escalas, também ajuda a mulher na sorveteria que possuem embaixo de sua residência. Ele descreve que sente falta de sair mais com os filhos, sair em casal e aproveitar o lazer em família.

Outro fator que Bernardo cita é que não pode escolher um trabalho que seja mais confortável para ele, como na época em que era solteiro. Hoje ele tem que optar necessariamente por um que lhe sustente. O fato de não ter levado tão adiante os estudos é um fator que o prejudica na procura por um emprego melhor. Ele avalia que para quem não se preparou para ser pai, há muita mudança no aspecto do trabalho, pois tem que trabalhar muito para se preparar e arcar com as responsabilidades.

Bernardo não acha que o pai tem sua rotina fortemente alterada por causa do filho, o que muda é o conceito dele: agora ele deve dividir o tempo com o filho. Ao contrário da mãe, que tem toda a rotina alterada, implicando mais responsabilidades.

Bernardo não observou muitas mudanças na relação social, diz apenas ter selecionado alguns amigos, pois havia amigos que ele sabia que não iria conseguir acompanhar a rotina, e isso fez com que o contato diminuísse: *“Mas tem aqueles que eram próximos e tal e que já eram amigos mesmo e que você não perde o contato”*. Destaca que o mesmo não ocorreu com a vida social da esposa, que acabou perdendo contato com as amigas.

No aspecto econômico Bernardo enfatiza que teve que trabalhar mais, e expôs ainda que, no período em que foi realizada a entrevista, já estavam conseguindo controlar melhor as despesas.

Bernardo avalia que na época teve muitos pontos negativos por ter se tornado pai, mas com o passar do tempo percebeu que não eram somente coisas ruins: *“como o plano da gente fica frustrado, então de início você não sabe ainda o que é, então fica assim, fica frustrado, você pensa que vários pontos são negativos, mas depois você vê que não. Os pontos que depois você reconhece que são positivos anula aqueles que você achava que eram negativos”*. Ele entende que passou a valorizar outros fatores e isso modificou sua visão da nova realidade, e diferencia a paternidade planejada da não planejada, visto que quando é planejada a pessoa já está mais preparada pro que pode vir de novidade: *“agora quando você descobre que você é pai (...) cada passo é uma surpresa. Mas depois você vai descobrindo os valores que tem, você muda o seu pensamento, você fica mais maduro, fica mais responsável”*. Ele acredita que se ainda fosse solteiro não estaria financeiramente como estava na ocasião da entrevista, porque com a paternidade foca-se mais no futuro e administra-se melhor os gastos.

Ele acha que com os filhos fica mais difícil retomar os estudos, aspecto que o atrapalha no mercado de trabalho, mas analisa que se retornasse a estudar, talvez ficasse difícil de conduzir e acabaria não sobrando tempo para os filhos. Outro aspecto que Bernardo avalia não como negativo, mas impeditivo, é que com filhos fica mais complicado fazer programas em casal.

Em contrapartida, conta que ter filhos mais cedo é melhor, desde que não seja na adolescência. Além disso, acredita que filho é para casal e que eles trazem a possibilidade de unir o casal em termos de valores de ambos. Bernardo ressalta ainda que o filho dá sentido à vida: *“muita gente acha que o sentido da vida é os estudos, outros acham que o sentido da vida é a situação financeira, tem casais, namorados apaixonados que acham que é o namorado, né (risos) e vice versa, né. Nada disso é, tudo isso quando você tem um filho, você descobre que simplesmente são pessoas e que são coisas a conquistar, que o filho é o sentido da vida”*.

Bernardo revela que o carinho que os filhos dão é muito gratificante, e resume todo o significado e sentido da vida, algo que em sua opinião, é de muita importância. Ressalta que o filho promove um salto social: *“você muda na sociedade, você subiu um escallão (riso), a pessoa pode conquistar financeiramente, ser um cara muito dedicado, ser aquilo ou outro, se ele não tem filho ele não está onde eu to, eu to um passo na frente dele”*.

Para Bernardo essa experiência só será ruim caso o filho venha antes do tempo, e não considera que este tenha sido seu caso. Entende que filhos não trazem desvantagens, mas obrigações, e que isso não pode ser confundido.

Para ele, sua vida seria diferente caso não se tornasse pai, mas não sabe dizer se seria melhor ou pior. Bernardo observa que quando conversa com alguns colegas, os vê cometendo erros que não percebem, em sua opinião estes colegas não possuem a mesma maturidade que ele.

Bernardo acha que com a mentalidade que tem hoje, escolheria outro momento para ter filhos, mas também optaria por mudar uma série de coisas antes de tê-los, por exemplo, casar-se, aproveitar a vida a dois e principalmente, planejar-se financeiramente.

Ele relembra que na época em que foi pai conhecia outros rapazes que também tiveram filhos, mas não era muito próximo exatamente pelo fato das obrigações que cada um teve que assumir.

Bernardo entende que a paternidade jovem é “*uma barra*”, e por isso existem, segundo ele, muitos casos em que os jovens não conseguem lidar. Para ele, se o jovem não puder contar com o apoio da família fica muito difícil enfrentar a nova situação. Ele acha que, sobretudo a mulher, passa por uma “*reconstrução psicológica*”, pois ela muda bastante em todos os aspectos. Ressalta ainda que somente quando você se torna pai, que pensa no quão pouco viveu para poder ter um filho; e se compara aos seus genitores, que já viveram bem mais: “*só quando você se torna pai é que você reconhece isso, que aí você vê que você precisa da experiência deles, aí você vê o tanto de conhecimento que eles têm que você não tem*”.



### 5.3. Síntese dos elementos de representação social de paternidade e maternidade

Encerrando a seção de resultados, apresentaremos uma síntese com os principais conteúdos apreendidos nas entrevistas acerca da paternidade e da maternidade. Aqui também adicionamos termos que expressam o significado de filho, pois entendemos que as representações de maternidade e paternidade também se constroem a partir da representação deste elemento.

Elementos de representação social		Mateus	Marcos	Bruno	Bernardo
Paternidade	Prover o filho e a família	x	x	x	x
	Cuidar/defender o filho		x	x	
	Estar sempre presente	x	x	x	x
	Ser uma referência para o filho		x	x	x
	É tudo		x		
	É difícil				x
	Sentimento bom/eterno	x			
	Dividir e completar a função da mãe	x	x		x
	É muito cansativo	x			
	Ter bom humor	x			
	Dá medo		x		
Maternidade	Cuidar/ser carinhosa/ser amiga	x	x	x	x
	Prover quando o pai não puder/estiver presente			x	
	É mais difícil que ser pai/exige mais responsabilidade e presença	x		x	x
	É bom	x			
	É difícil				x
	Mulher já é mãe		x		
	Não pode abandonar (não tem essa escolha)	x			x
	É emoção		x		
	É quem gera/nutre		x	x	
	É tudo		x		
Igual a ser pai	x				
Filho	É tudo				x
	Deve ser cuidado para sempre	x	x		x
	É muito importante				x
	Faz você mudar para melhor		x		x
	É muito bom/sentimento incomparável	x		x	
	Implica ter família			x	
	É reflexo do que somos e transmitimos		x		
As vezes é bom e as vezes é ruim	x		x		

Figura 2. Resumo dos elementos representacionais (pais)

#### **5.4. Análise das estruturas narrativas**

É importante salientar, inicialmente, que este estudo é resultado do interesse em desvendar, além das representações sociais de paternidade e maternidade, a experiência de rapazes que se tornaram pais na juventude, assumiram a paternidade e cuidaram de seus filhos. Já há algum tempo a masculinidade vem sendo explorada e, sobretudo o modo como homens criam filhos vem ganhando destaque nas pesquisas sobre o tema.

No entanto, alguns autores acreditam que a paternidade na adolescência ainda é um tema pouco examinado na literatura, especialmente no que se refere ao contexto da sexualidade e saúde reprodutiva de jovens. Passados dez anos de seu estudo inicial, Lyra observou que a ausência de informações ainda era um dos problemas centrais para o desenvolvimento de estudos sobre o tema (Rodrigues, Medrado, Lyra, Oliveira, Oliveira & Felipe, 2008).

#### **Trajatória até a concretização da paternidade**

##### *Situando os jovens e suas biografias/relacionamento com as parceiras*

Em nosso estudo, Marcos, Bruno e Bernardo já se relacionavam com as mães de seus filhos antes de se tornarem pais, apenas Mateus foi pai devido a uma relação casual. Os jovens que entrevistamos, apesar de apresentarem inserções sociais distintas, disponibilizavam seu tempo de formas parecidas antes da paternidade. A rotina de cada um estava voltada para o trabalho e para o lazer, principalmente nos fins de semana. Marcos ainda estava concluindo o curso superior quando se tornou pai, mas todos já trabalhavam. Sabe-se que o trabalho ocupa um forte espaço no universo moral do homem, já que é responsável por grande parte da estruturação de sua identidade masculina (Gontijo, Bechara, Medeiros & Alves, 2011).

Assim como na pesquisa acima citada, é possível notar que os jovens do presente estudo entraram no mercado de trabalho ainda cedo, sobretudo os de classe social mais baixa, denotando não somente a moral do trabalho e de homem provedor, mas uma necessidade posta desde cedo de ajudar a família, ou pelo menos de não sobrecarregar as despesas da casa. Esta situação também apareceu entre os jovens da pesquisa de Heilborn et al. (2002).

Com exceção de Marcos, os rapazes avaliaram manter um bom relacionamento com a parceira. Bruno, o único divorciado, revelou que ainda existiam alguns conflitos com a antiga esposa, mas que se respeitavam na medida do possível.

### *Recebendo a notícia*

Apesar das histórias pessoais serem diferentes, todos os jovens receberam a notícia com choque, pois nenhum deles esperava a gravidez da mulher. No entanto, os caminhos seguidos por cada um variaram. Mateus, Bruno e Bernardo permaneceram com a companheira e foram residir juntos. Marcos, dentre os entrevistados, foi o que apresentou uma reação mais particular, visível em seu discurso até o momento da entrevista, já que não mantinha um bom relacionamento com a antiga namorada e por existir certa dúvida quanto à verdadeira filiação da criança.

Esta espécie de espanto também é relatada por jovens de estudos anteriores (Trindade & Menandro, 2002; Paula, Bittar, Silva & Cano, 2011), evidenciando a assunção de novas responsabilidades e até mesmo a imaturidade para esta nova tarefa. Em linhas gerais, assumir esta realidade consolida, ou até mesmo força a passagem para a vida adulta (Cabral, 2003).

Um dado que nos chamou atenção foi o narrado por Bruno, quando este conta que a mãe da menina quem suspeitou e a levou para fazer o exame, e depois chegou com o resultado parabenizando ambos pela gravidez. Isso nos faz pensar no quanto a cultura é capaz de produzir comportamentos diferenciados de acordo com o contexto, já que uma reação dessa não é típica em uma família de classe média, por exemplo.

De maneira geral, observa-se que os jovens se sentiam despreparados, inclusive financeiramente, e imaturos para esta experiência, pois não planejaram e não esperavam a gravidez da parceira. Sentimentos como medo, ansiedade, insegurança, choque também foram sentimentos e sensações evidenciados por eles. Estas informações os igualam a pais e mães de estudos anteriores (Trindade & Menandro, 2002; Rangel & Queiroz, 2008).

### *Participação na gestação e nascimento do filho*

Todos os participantes consideraram ter participado do processo da gestação e nascimento dos filhos. Avaliaram como uma experiência boa e gostosa, apesar de

enfrentarem um momento delicado de aceitação e ressignificação ante a experiência de vir a ser pai. Esse dado nos indica que a participação na gestação também depende desse processo de adaptação. Isso ficou mais evidente nas falas de Marcos, Bruno e Bernardo. Marcos se manteve informado da gravidez com a parceira, ligava para ela sempre que possível. Para ele, existia a incerteza de o filho ser dele ou não, e a própria insegurança com a paternidade, que em sua opinião, gerou muito medo e ansiedade. Bruno e Bernardo também relataram que foi um processo complexo. Bernardo acredita que até por estar passando pela transição não aproveitou a gravidez como deveria, pois ainda não tinha “*caído na real*”.

A postura dos jovens pais foi semelhante à encontrada em um estudo de Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes e Tudge (2004), no qual o acompanhamento dos pais em exames e consultas foi bastante relatado por eles como uma forma de participação na gravidez. De acordo com os autores, é importante demonstrar que os pais, e não apenas as mães, atravessam uma série de modificações já neste período. Desde esse momento já constituem sua paternidade envolvendo-se e participando da gravidez física e emocionalmente. Os pais de nossa pesquisa também sentiram dúvidas, medos e inseguranças. Bornholdt e Wagner (2005) atentam que essa fase parece ser negligenciada na literatura em geral, e por isso sugerem maior destaque visto que apesar de a demanda paterna ser menor nesta etapa, a gravidez acarreta vários processos psicológicos que influenciarão a relação com o filho futuramente.

No relato de Marcos fica bem explicitado o processo pelo qual estes jovens passaram: não é apenas a experiência de ter um filho que gera ansiedade, mas a assunção de uma nova postura, a de ser um pai de família, criar um novo núcleo familiar. É possível identificar que ser pai não se desprende da noção de constituir uma família: para ser pai é necessário ter uma família. No caso da paternidade inesperada, esta ansiedade aumenta devido ao não planejamento de algo que, em tese, deveria ocorrer após a criação de um novo ambiente familiar.

## **Representações de filho, paternidade e maternidade**

### *Significado e importância do filho*

Os jovens entrevistados, de maneira geral, avaliaram que ter filho é bom. Mateus, Bruno e Bernardo pontuam de maneira mais clara que existem obrigações,

responsabilidades e um investimento que por vezes pode ser confundido como negativo, mas que na opinião deles não é. A felicidade que o filho proporciona recompensa qualquer desafio. Bernardo destaca que o filho proporciona um salto perante a sociedade: “*você muda, você vira um senhor de família*”.

A noção de sofrimento, “lado ruim de ser pai”, se revela devido os embates entre anseios individuais destes jovens e sua nova responsabilidade. Como mais explícito na fala de Mateus, agora ele não pensa mais apenas em si, ele deve planejar o que será dado ao filho em primeiro lugar, e caso “sobre” alguma coisa, aí será destinado a ele mesmo. É compreensível este sentimento, pois a idade em que estes rapazes se encontravam, em geral, é um momento em que é esperado do jovem que ele busque sua independência financeira, organize sua vida profissional, e o filho pode acarretar em atraso ou adiamento de tais planos, de modo que a paternidade apresente alguns aspectos não tão positivos. Esta perspectiva também é encontrada na pesquisa de Barreto et al. (2010). Para os autores a paternidade na adolescência provoca mudanças, força o jovem a readaptar-se psicossocialmente, e faz com que este marco seja um importante fator no processo de inserção no mundo adulto. Autores como Sarti (1996), Cabral (2003) e Carvalho et al. (2008) também sugerem que paternidade implica na inserção destes jovens no mundo adulto.

É possível notar ainda que a criança acaba sendo o motivo da união do casal e construção de um novo núcleo familiar, como também observado na pesquisa de Paula et al. (2011).

Marcos também entende que filho é algo positivo, para ele, o significado do filho é que ele é o reflexo dele mesmo, é possível ver no filho o pai, o avô. Além disso, é algo pelo qual você deve se dedicar sempre e, como consequência, o sujeito passa a fazer o bem e se sentir bem. Todos os rapazes sugeriram que o sentimento que nutrem pelos filhos é algo para a vida inteira.

Nenhum deles alegou ter interesse de ter outro filho na época da entrevista, porém, apenas Bruno não fez menção à possibilidade de vir a ter outro filho futuramente. Esta informação enfatiza a importância que estes jovens dão à paternidade enquanto homens, e demonstra que ter filhos já fazia parte dos planos, em algum grau, na vida deles.

### *Representações sociais de paternidade e de maternidade*

O cuidado apareceu como elemento de representação de maternidade no relato de todos os jovens entrevistados. Mateus e Bruno acham que ser mãe é a mesma coisa que ser pai, pois ambos têm as mesmas responsabilidades. No entanto, Mateus também expõe que, segundo sua experiência, a mãe tem um dispêndio maior de esforço físico. Mateus e Bernardo entendem que ser mãe é mais difícil, pois ela sofre mais impacto em sua rotina.

O discurso destes jovens sugere que, embora haja a noção de que pai e mãe devem responder igualmente às necessidades do filho e dispensar cuidados de maneira igualitária, eles percebem a existência de aspectos de cunho biológico que determinam o modo como o filho é cuidado.

Para Bruno, ser mãe é não deixar faltar nada para a filha, e exercer a função de pai quando precisar, que na visão deste jovem, é prover. Marcos ressalta, além do cuidado, a função de ser amiga e companheira do filho. Para este jovem, a mãe “*é tudo*”, “*é o ventre*” e exerce o papel da emoção no equilíbrio entre razão e emoção, para ele simbolizados como o pai e a mãe, respectivamente.

Como bem realçam Rangel e Queiroz (2008), é de fundamental importância que ao buscarmos conhecer as representações sociais da gravidez/maternidade, por exemplo, estejamos atentos ao fato de que os sujeitos estão imersos em um conjunto social, e suas representações, inevitavelmente, estarão impregnadas do que é esperado que se pense a respeito do tema. A maternidade, no caso, é vista como positiva e socialmente valorizada. As mesmas autoras acreditam ainda que as representações sociais acerca da maternidade de grupos sociais menos favorecidos economicamente estejam ligadas a necessidade de valorização social, onde a escassez de opções de vida acaba por definir a maternidade como possibilidade de visibilidade: sendo mãe, dona de casa, destaque no espaço doméstico.

Com relação à paternidade, os elementos de representação mais encontrados no discurso dos rapazes entrevistados, foi a de que ser pai é prover as necessidades do filho e da família, além de ser presente na vida do filho, cuidar dele. Marcos, Bruno e Bernardo declaram mais intensamente que ser pai implica em exercer seu cuidado em todos os momentos, sejam eles bons ou ruins.

Diante dos dados encontrados, observa-se que representações tradicionais foram primeiramente destacadas, não obstante seja possível perceber elementos de representação condizentes com a imagem da “nova paternidade”. Isto pôde ser observado nas falas que expõem que ser pai implica em “dar amor”, “ser presente”. Esta

informação coincide com o estudo de Mendes (2004), no qual o autor afirma que parece existir atualmente uma necessidade de acesso ao desempenho, em equivalência com as mulheres, de um papel mais ativo em atividades referentes aos cuidados, acompanhamento e educação dos filhos, e até mesmo emocionalmente por parte dos jovens pais.

Na pesquisa de Braz, Dessen e Silva (2005), por exemplo, os sujeitos de classe baixa consideram que o pai deve ser afetivo, ao passo que os de classe média acham que para ser um bom pai o importante é ser participativo, prover o filho emocionalmente, orientar e disciplinar o filho.

Como exemplo da reprodução da justificativa tradicional, podemos destacar a fala de Marcos quando este afirma que não podia dar muita atenção ao filho quando este nasceu, pois teria que trabalhar bastante para poder dar um futuro satisfatório para a criança. Assim como os outros jovens, este pai mesclou representações antigas e novas sobre a paternidade.

A capacidade de prover e educar o filho não é um dado apenas de nosso estudo. A competência para sustentá-los é uma constante encontrada em estudos semelhantes sobre a paternidade, inclusive quando as informantes são as mulheres. De acordo com Paula et al. (2011), sustentar os filhos é uma tarefa socialmente concebida como masculina. Até mesmo as informantes do estudo de Braz et al. (2005) avaliaram um “pai provedor” como mais importante que os próprios pais do mesmo estudo.

Alguns pesquisadores propõem que as representações da paternidade se deem de maneiras diferenciadas, pois elas também se organizam em relação à posição social em que os jovens ocupam. Nesse sentido, os adolescentes de classe social baixa tendem a vivenciar a paternidade como prova de amadurecimento e de responsabilidade, ao passo que os jovens de classe alta não perdem sua posição [de jovem] no contexto familiar. Para os autores, o fenômeno da gravidez jovem ocorre em menor proporção nas classes mais abastadas se comparado à classe mais baixa, não implicando na diminuição da juventude para aqueles (Barreto et al., 2010).

Mateus entende que ser pai “*é padecer no paraíso*”, e gera um sentimento muito gostoso. Marcos acha que “*ser pai é tudo*”, e que tudo o que já conquistou e ainda almeja conquistar gira em torno da sua vivência como pai. Para ele, ser pai é defender, proteger o filho, é ser a razão, dar exemplo, impor a moral. Bernardo também pensa que ser pai tem a ver com ser exemplo, e completar a função da mãe.

Achamos interessantes algumas expressões citadas pelos pais para se referir à paternidade. Em vários momentos a paternidade foi descrita como tudo na vida do jovem, bem como atitudes de dedicação incondicional, e sua disposição para o cuidado. Isso nos fez pensar no quanto estes jovens representaram a paternidade com características tradicionais de maternidade. Diante desta constatação, questionamos o quanto estas respostas podem ter feito parte de um discurso politicamente correto, bem como indagamos porque estes elementos tão estereotipados das práticas maternas aparecem na fala destes jovens para a definição da paternidade.

Embora mais atualmente a paternidade englobe não somente o provimento e proteção dos filhos, ainda assim os cuidados com a prole são fortemente relacionados à responsabilidade materna. Mesmo que existam mudanças sociais nas práticas cotidianas dos jovens, as responsabilidades de pais e mães ainda apresentam distinções (Toneli, 2010).

Estudos de Romanelli (1998, 2003) destacam a atuação paterna em termos de orientação dos filhos, mesmo que seja para dar a palavra final sobre determinada decisão ou orientações indiretas: através de sua história de vida, pela transposição de obstáculos cotidianos. Os filhos captam estes exemplos e direcionam suas ações e representações.

Entre os sujeitos pesquisados, é generalizada a opinião de que a paternidade é uma responsabilidade que cabe ao pai assumir, embora nem todos os jovens tomem tal atitude. É algo que dá trabalho, porém é gratificante, gera bons sentimentos.

As diferenças que marcam a socialização de homens e mulheres em nossa sociedade podem ajudar a compreender como os jovens encaram a maternidade e a paternidade, e como direcionam suas práticas e anseios frente a esta experiência. Nesse sentido, é compreensível que alguns sintam dificuldade em explicar o que é esta experiência ou detalhar melhor seus sentimentos frente a elas.

Por mais indesejável que seja a gravidez não planejada da parceira destes jovens, a paternidade toma outro contorno com o passar do tempo. É através do processo de ancoragem que o objeto paternidade na juventude e sua representação enquanto algo fora de hora se situam em relação aos valores sociais vigentes, e se investem de coerência na vivência deles mesmos. A vivência da paternidade acaba por inserir uma série de experiências gratificantes e difíceis, mas que marcam a história destes jovens e, graças a isso também, a própria noção de paternidade ganha contornos mais próximos às representações aqui mencionadas. Embora ser pai dê trabalho, implique uma postura de



assunção de responsabilidades, também representa orgulho por ser capaz de assumir, de sustentar, enfim, de exercer em plenitude o papel que lhe é socialmente esperado.

Sendo assim, não podemos deixar de mencionar que, dependendo da história de cada sujeito, elementos surgiram no decorrer do tempo, e fizeram com que as representações fossem reconfiguradas, e conseqüentemente, modificando a própria paternidade. É de extrema importância destacar isso, pois as diferentes inserções sociais destes jovens também definirão a maneira como estes experienciam e representam a paternidade. Ou seja, estas representações dependem tanto de elementos do passado (socialização e as representações sociais apreendidas, estilo parental, experiências individuais e familiares, etc.) como de fatores do presente (relacionamento com a família e com a companheira, carga horária de trabalho, remuneração). Isso pode ser elucidado no relato de alguns jovens pais, por exemplo, no de Bruno, que logo pensou em ter que vender a moto para poder pagar as despesas; a preocupação com o aspecto financeiro mencionado por todos; a busca por um trabalho que remunerasse melhor, dito por Bernardo; o apoio familiar relatado por Bruno e Bernardo.

Podemos observar como os processos de ancoragem e objetivação se dão de acordo com as falas destes jovens. É possível afirmar que as representações estão ancoradas no modelo tradicional de ser pai (prover, proteger), e também nos modelos mais condizentes com o “novo pai” (cuidar, dar amor, não abandonar). Pode-se dizer ainda que estas representações se objetivam em suas práticas, quando alegam não ter abandonado suas responsabilidades enquanto pais, ter trabalhado para suprir suas necessidades, bem como afirmarem levar os filhos para passear, dar carinho e atenção quando estão com eles. É importante destacar esta descrição dos jovens pais, pois nela podemos observar a coexistência de representações antigas e novas, e com isso realçar em que nível esse discurso que mescla tais elementos, realmente se objetiva na prática desses pais.

Aparentemente, para os sujeitos deste estudo, a paternidade se ancora na masculinidade, pois para ser pai, segundo eles, é necessário que se seja homem de verdade. Esta análise é muito semelhante à proposta por Trindade, Andrade e Souza (1994), complementando ainda que o processo se dá de maneira invertida para as mulheres, pois para elas a feminilidade se ancora na maternidade, ou seja, a gravidez e o filho consistem na concretização do ser mulher na sociedade.

Em resumo, os dados encontrados reforçam a sugestão de Toneli, Araújo, Amaral e Silva (2011), que ao revisarem as pesquisas realizadas nos últimos dez anos

no núcleo de pesquisa Margens – da Universidade Federal de Santa Catarina, expõem que a paternidade ainda é definida como sinônimo de prover e proteger, mesmo que atualmente abarque comportamentos de cuidados. Estes últimos, por sua vez, se mantêm associados à mãe de forma inalterável. Os autores concluem que embora existam modificações nas práticas, responsabilidades de pai e mãe ainda são diferentes, evidenciando a necessidade de se discutir melhor o tema.

Vale ressaltar que, embora atualmente presenciemos pais assumindo um papel mais ativo e próximo dos filhos, essas mudanças não acompanham necessariamente as mudanças do imaginário social, visto que ele não se modifica com a mesma velocidade. Ainda é esperado, de modo geral, que as mães, por exemplo, exerçam um papel mais próximo, idealizado e diferenciado na educação dos filhos (Fleck et al., 2005; Staudt & Wagner, 2008).

Isso explica também porque no discurso desses jovens é possível observar falas que ora se aproximam ora se distanciam do modelo tradicional de pai. Como também ressaltado no estudo de Freitas, Coelho e Silva (2007), apesar da imagem do “novo pai” ter se revelado nos discursos dos jovens ainda em segundo plano, ela não pode ser desprezada, pois aponta para possíveis mudanças nas relações de gênero, forçando a revisão de características tidas socialmente como de homens e de mulheres. Ximena (2009) também ressalta que as novas representações sobre a paternidade apontam rupturas intergeracionais de modo que atributos relacionados à afetividade e à comunicação com os filhos sobressaiam frente o pai autoritário, violento e distante.

Hemos visto que los referentes socio-culturales influyen en las representaciones de los entrevistados de manera relativamente homogénea pese a las diferencias de ingresos y capitales escolares y culturales. Una nueva construcción social de la paternidad parece estar diseñándose, nutriéndose e influenciando nuevos imaginarios (p. 403).

Acreditamos que os significados atribuídos à maternidade e à paternidade e que foram construídos a partir de suas trajetórias, estão estreitamente relacionados com suas representações de masculinidade e feminilidade apreendidas nos contexto social, por efeito das diferenças de gênero.

Estudos anteriores também revelaram a paternidade como positiva e o caráter “divino” mencionado pelos pais. A paternidade contribui para o desenvolvimento pessoal do jovem mesmo que ela se mostre uma experiência que implique muitos desafios e dificuldades (Allen & Doherty, 1996, citado por Levandowski & Piccinini, 2006).

Uma interessante observação da pesquisa de Costa (2002) foi a de que os entrevistados de seu estudo concebem a paternidade como um desejo que se estabelece ao longo da trajetória de vida dos homens, ao passo que a maternidade é a consolidação de um plano anterior. Segundo o autor, “os entrevistados não concebem a paternidade como um desejo e um evento naturais em suas vidas, da maneira como concebem as mulheres que entrevistei” (p. 344). Isso sugere que, como também encontrado em nosso estudo, a paternidade é uma atribuição da masculinidade, cabe a ele, enquanto homem, assumir o filho. No caso dos nossos jovens, por ter sido uma ocorrência inesperada que se estabeleceu em um determinado momento de suas vidas, é compreensível que estes tenham sentido a necessidade do casamento para concretizar tal evento.

A capacidade masculina de prover está intimamente relacionada com o referencial de masculinidade construído socialmente. O pai forte, homem, é o pai construído segundo padrões de gênero, como bem observam Freitas et al. (2009). Isso porque a maneira como homens e mulheres se concebem enquanto mães e pais, e como se organizam na transição para a parentalidade, é resultado da construção social de gênero. Seus valores, crenças e expectativas individuais, construídos a partir do imaginário cultural e de prescrições sociais, influenciam mutuamente as vivências de cada membro do casal.

O pai ideal é aquele capaz de prover, dar lições de vida, ao passo que a maternidade é culturalmente concebida como a aptidão para cuidar dos filhos, alimentá-los. Estas construções sociais estão intimamente relacionadas às diferenças de gênero, desse modo, cada membro possui seus deveres referentes à criação dos filhos. Sendo assim, muitas atividades são afastadas do repertório paterno por serem vistas como atribuições femininas, e vice versa (Freitas et al., 2007). Concepções similares também foram localizadas no estudo de Gontijo et al. (2011), em que bom pai é aquele que provê material e moralmente o lar, e mais uma vez as concepções de gênero norteiam a constituição de valores e condutas dos jovens do estudo.

Estas diferenças serão mais bem apreendidas com a distinção de tarefas exercidas no cotidiano por estes jovens, vistas a seguir.

#### *Práticas parentais, divisão de tarefas e a contribuição da família*

Gênero é um dos princípios organizadores mais importantes em nossa sociedade. De acordo com Garcia (1998), a antropologia feminista vem estudando a masculinidade

em diversas culturas, destacando as diferentes características de comportamento associados ao “ser homem”. A distinção dos papéis de pai e mãe também se delineia por meio de construções sociais de gênero tendo como norteadores as atribuições de masculino/feminino, diferenças estas construídas a partir das diferenças sexuais (Perucchi & Beirão, 2007).

Neste estudo não abordamos gênero como um conceito central, mas como uma categoria de análise que nos permitiu elucidar algumas diferenças nas representações e práticas dos jovens pais. A identidade de gênero pode ser compreendida como uma categoria relacional e sócio-histórica que se constitui ao longo da história do sujeito, bem como constituinte dele mesmo (Siqueira, 1997). Assim sendo, podemos entender a masculinidade e a feminilidade como atributos construídos socialmente, sendo estes relacionais e sensíveis a variações históricas. Como bem apresenta Connell (1995, citado por Garcia, 1998, p.36), “há uma diversidade de tipos de masculinidades, que correspondem a diferentes inserções dos homens na estrutura social, política, econômica e cultural e a trajetórias e estágios diferentes do seu ciclo vital”. Vale lembrar também que a escassa produção de estudos sobre a paternidade na adolescência acompanha a produção de estudos sobre gênero, os quais oferecem maior número acerca do gênero feminino (Cabral, 2003).

Em relação à rede de apoio, todos os rapazes do estudo afirmaram ter recebido ajuda de familiares quando se tornaram pais. Tais auxílios se deram sob diversas formas e em diferentes momentos. Mateus, por exemplo, passou a residir com a companheira na casa da família dela desde a gravidez, segundo ele, todos na casa se envolveram com o processo. Marcos por ter uma relação conflituosa com a parceira, não constituiu relacionamento com esta, mesmo ela demonstrando interesse. A criança ficou sob a responsabilidade dela e Marcos pagava pensão e ficava com o filho em finais de semana alternados. Bruno e Bernardo aparentemente tiveram um percurso semelhante, casaram-se com as respectivas namoradas e desde o início da gravidez foram morar juntos. Estes dois jovens, em especial, receberam diversos tipos de auxílios dos genitores e também de outros familiares.

Nota-se que nem sempre existe uma coabitação imediata do novo casal, mas sim um acolhimento por parte dos familiares a esses jovens. O apoio familiar abrange diversos formatos, por exemplo, moradia, alimentação, ajuda no cuidado e educação do filho. Dados semelhantes foram encontrados na pesquisa de Cabral (2002), onde o apoio

oferecido ao jovem casal variou desde a ajuda financeira para enxoval do bebê até a divisão de cômodos no interior das casas.

Entre os pais participantes do estudo, os de classe baixa mencionaram exercer atividades de cuidado com o filho como dar banho, trocar. Em relação às tarefas diárias, Marcos e Bernardo foram os que afirmaram participar, como cozinhar e limpar. Entretanto, estas atividades (cuidado com o filho e com a casa) são exercidas quando a parceira está impossibilitada de realizar, ou seja, como uma ajuda. De modo geral, os pais deste estudo, quando se referem à sua participação no cuidado com o filho, se referem aos momentos de lazer que dispensam com as crianças. Este dado pode ser exemplificado quando um dos jovens menciona que os momentos que passa com o filho são “*bastante proveitosos, brincam muito*”, e “*faz coisas para agradá-lo*”. Este dado corrobora achados anteriores (Trindade, Andrade & Souza, 1997).

Sendo assim, notamos que a divisão do trabalho no espaço privado parece ainda influenciada pela divisão tradicional de gênero. Os autores Fleck et al. (2005) destacam que é comum o homem entender o trabalho doméstico como natural à mulher, pois à ele cabe o sustento, o poder e respeito.

Do modo geral, vale ressaltar a dificuldade que representou o período de adaptação do novo papel de pai na vida destes jovens, bem como destacar a importância que a participação da família teve tanto no aspecto financeiro, como no emocional. Nesse sentido, não podemos deixar de destacar que as mães destes jovens ocupam uma importante posição na educação e cuidado dos netos, sobretudo as avós maternas. Mateus, Marcos e Bernardo apontam que as avós maternas, inclusive, estão entre as principais responsáveis pelo cuidado de seus filhos. Mateus e Marcos não ressaltam a participação mais intensa de suas próprias mães no envolvimento com a criança. A importância desta figura na ajuda com os filhos também é relatada como boa e importante em estudos anteriores (Trindade & Menandro, 2002; Falcão & Salomão, 2005; Dias & Aquino, 2006).

Mendes (2004) revela que é em relação à quantia de tempo dispensado aos cuidados e vigilância das crianças que surgem maiores discrepâncias entre homens e mulheres. Para o autor, isso demonstra que as atividades de controle vêm sendo realizadas principalmente pelas mulheres.

As informantes do estudo de Perucchi e Beirão (2007) se reconheciam desempenhando funções paternas e maternas. Devido às construções tradicionais de gênero, estas mulheres relacionaram a maternidade à sensibilidade e submissão, e a

paternidade à força e atividade, mantendo assim, o estereótipo de pai como responsável pela autoridade familiar.

Corroborando esta opinião, Cabral (2002) destaca que tanto a literatura sobre masculinidades quanto a sobre de camadas populares têm enfatizado a importância da função de provedor do homem para a constituição de sua identidade masculina: “está presente nesse universo um imperativo moral que incita o homem à busca pelo trabalho” (p.23). A gravidez na juventude para jovens de camadas pobres acaba acirrando esta passagem para o universo adulto, o que não ocorreria de modo tão abrupto caso a paternidade inesperada não ocorresse.

Tendo em vista o que foi mencionado pelos sujeitos do presente estudo, é possível alegar que novas formas de se relacionar com os filhos e com a dinâmica familiar têm sido apresentadas por estes jovens. Não podemos, contudo, confirmar que esse discurso se objetiva na prática desses pais do mesmo modo como o colocaram na entrevista, pois não foi este o propósito da pesquisa. Trindade et al. (1997) já destacaram que as mudanças nas ações desses pais ainda são incipientes. No entanto, no que tange o estudo das representações sociais, pode-se dizer que a paternidade vem pouco a pouco sendo exercida de maneira mais coerente com a dinâmica do casal contemporâneo em nossa sociedade, visto que com a inserção da mulher no mercado de trabalho, as tarefas da família também passam a ser executadas por eles, em maior igualdade com as mulheres.

Desse modo, é compreensível que na prática ainda não fique muito claro para homens e mulheres como acomodarem estes papéis no dia-a-dia, pois vivemos um momento em que atitudes e modos de criar filhos vêm sendo questionados a todo o momento, e o próprio lugar social de pai e de mãe não se mostra muito definido como em períodos anteriores da história. Além disso, nem sempre a prática acompanha o discurso, a qual exige novas posturas e atitudes no contexto social. As influências sociais se atualizam a cada dia e se expressam no modo de agir de cada sujeito de maneira bastante individual.

#### *Relacionamento com a criança*

Todos os rapazes participantes afirmaram ter um bom relacionamento com seus filhos. Bruno e Bernardo expuseram que nem sempre esse tempo é o suficiente como desejariam, mas assim como Mateus e Marcos, se esforçam para que este tempo seja

muito proveitoso. Marcos revela que gostaria de ver mais o filho, pois por manter uma relação distanciada e conflituosa com a ex-namorada, acaba tendo sua relação com a criança prejudicada.

A satisfação no relacionamento com a criança também foi mencionada em estudo recente (Gontijo et al., 2011), indicando que acompanhar o desenvolvimento dos filhos e desempenhar tarefas como banho, alimentação extrapolam a concepção de que apenas as mulheres exercem estas atividades.

Assim como na análise de dados de Romanelli (2003), é possível apreender características inovadoras e tradicionais nos relacionamentos entre pais e filhos. Estas transformações indicam que, embora ainda não exista uma completa mudança, aos poucos algumas práticas representacionais parecem se tornar irreversíveis.

## **Impactos nas outras esferas**

### *Principais mudanças provocadas pelo filho*

Todos os participantes consideraram ter sofrido mudanças quando se tornaram pais. É consenso entre os rapazes que o filho alterou a rotina de alguma forma. As mudanças vieram para todos, mas de maneiras diferentes. A paternidade afetou praticamente todas as esferas de suas vidas, mas cada jovem destacou alguma(s) em especial. Diante disso, ficou evidente o quanto a inserção social de cada um afetou o modo como estes vivenciaram a paternidade, sobretudo no início, e como cada um enxergou tais mudanças. É compreensível que seja dada importância diferenciada por cada um, pois a inserção social ultrapassa a designação de classe socioeconômica, logo, por pertencerem a contextos diferentes, conseqüentemente foram criados valores, práticas, costumes diferentes. Essas distinções serão mais bem elucidadas a seguir.

Mateus e Bruno, por exemplo, observaram maiores mudanças na vida social e profissional. Ambos aprimoraram o serviço que realizavam, pois sabiam que os custos aumentariam com a vinda do filho, e estes dois pais, mais especificamente, enfatizaram o quanto tiveram de abrir mão da vida de jovem, solteiro e desimpedido.

Embora estes dois jovens já trabalhassem, não estudassem e de algum modo já estivessem inseridos no mundo adulto, Arilha (1998) aponta que assumir um filho pode definir a passagem de uma vida de desimpedimento, “de ‘zoeira e irresponsabilidade, aprendizagem, molecagem’ para uma vida de compromissos, perda de amizades, perda

ou limitação da vivência da sexualidade como uma sexualidade do prazer, sem limites” (p.65).

Existe uma crença que relaciona a gravidez na adolescência ao abandono escolar, e que vale a pena ser mencionada. Embora dados anteriores indiquem que o jovem pode interromper os estudos por causa do filho (Trindade & Menandro, 2002), outros não correlacionam estes dois eventos (Gontijo, Bechara, Medeiros & Alves, 2011), e demonstram que antes de ter o filho, os jovens já não estavam estudando. Entendemos que esta última situação é a que mais coincide com os achados de nossa pesquisa, já que os próprios jovens mencionaram que a paternidade não foi o motivo que os fez parar de estudar.

Apenas Marcos ainda estudava na época em que seu filho nasceu. Ele revelou que a principal mudança foi no aspecto emocional, pois não esperava ser pai naquela época e não desejava ter filhos com aquela parceira.

Bernardo desde muito novo já trabalhava, e segundo ele esse quesito não mudou muito, ele continuou trabalhando como sempre. No seu caso, especificamente, a renda insuficiente que gerou grandes insatisfações e dificuldades. Apesar de receber ajuda dos familiares, a carência financeira foi a principal dificuldade enfrentada por ele, além da pressão de ser pai sem ter se planejado.

Estudos mais antigos já mencionavam que os pais adolescentes encaram a paternidade como positiva e acreditam que o filho seja uma dádiva divina. Para eles, a paternidade contribui para o amadurecimento e crescimento pessoal incluindo aspectos bons e ruins, bem como desafios para esta nova responsabilidade (Allen & Doherty, 1996, citado por Levandowski & Piccinini, 2006).

Romanelli (2003) encontra um interessante dado em sua pesquisa: os pais estabelecem uma relação com o trabalho de modo que este se apresenta como um aspecto muito importante na sua história de vida e identidade de trabalhador. Assim como em nosso estudo, o autor observa que os genitores narram com muitos detalhes e interesse a sua trajetória de trabalho, no entanto, todos esses sucessos individuais só adquirem sentido quando se reportam à própria história da família.

Mais uma vez é possível observar que o trabalho aparece como um constituinte moral na biografia destes jovens. A identidade não só de pai, mas também de homem está relacionada à de homem trabalhador, que é capaz de prover suas necessidades e de sua família, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas.



### *Reflexos no convívio social e familiar*

Os pais participantes desta pesquisa revelaram transformações em algum grau na vida familiar e social. Mateus expôs a redução da vida social, mas destacou a melhora no convívio familiar. Marcos, Bruno e Bernardo não observaram muitas mudanças no convívio com a família, mas enfatizaram que a principal mudança no convívio social, foi a de que o círculo de amizades reduziu.

O distanciamento dos grupos de amizade dos jovens pais também foi relatado em pesquisa anterior, em que analisando as relações de amizade antes e após gravidez 42,3% dos jovens do referente estudo apontaram mudanças, principalmente em relação ao afastamento dos companheiros (Gontijo et al., 2011). Os mesmos autores também relataram a percepção dos jovens quanto à perda da liberdade para sair e ter contato com os amigos, ao mesmo tempo em que ganharam responsabilidade, amadurecimento e satisfação frente à experiência da paternidade.

### *Estudos e trabalho/profissão*

Marcos ainda estudava quando se tornou pai, mas por causa da paternidade acabou não se formando no tempo estimado, e também parou de trabalhar. Bruno e Bernardo não mencionaram grandes alterações no aspecto profissional, pois trabalhavam desde mais jovens e a única diferença foi a maior cobrança de si para poder custear os gastos advindos com o filho e a nova família que formaram.

Mateus e Marcos, aparentemente, por pertencerem à classe social mais elevada, estabeleciam outra relação com o trabalho: não precisavam dele para sobreviver. Nesse sentido, é possível captar no discurso destes dois jovens que a busca por uma melhora profissional coincide com os gastos gerados pelo filho, provocando, assim, maior dificuldade com a nova rotina que tiveram de estabelecer.

Estes dados corroboram os achados de Rangel e Queiroz (2008) no que tange à obrigatoriedade do trabalho para os segmentos populares. Embora os jovens mencionem que uma das consequências da paternidade é a necessidade do trabalho, na realidade, este já fazia parte de sua rotina. Segundo os autores, o que ocorre na verdade é uma ressignificação do trabalho, que acaba por se tornar o meio pelo qual irá sustentar seu novo núcleo familiar. A mesma opinião é compartilhada por Brasileiro et al. (2002). Segundo os autores, com o advento da paternidade, o homem tende a aumentar sua

implicação com a profissão, já que passa a cair sobre ele a principal responsabilidade pelo sustento da família.

A prioridade do trabalho em relação aos estudos é um referencial que acompanha especialmente os jovens de classes menos favorecidas, pois desde muito cedo já vivenciam a problemática do desemprego (Cabral, 2003). Como bem aponta Sarti (1996) em seu estudo sobre a moral dos pobres, fica evidente a relevância deste quesito para a constituição da moral e também identidade masculina.

Na moral do homem, ser *homem forte para trabalhar* é condição necessária, mas não suficiente para afirmação de sua virilidade. Um homem, para ser homem, precisa também de uma família. A categoria *pai de família* complementa a auto-imagem masculina, a moral do homem, que tem *força e disposição para trabalhar*, articula-se à moral do provedor, que *traz dinheiro para dentro de casa*, imbricando-se para definir a autoridade masculina e entrelaçando o sentido do trabalho à família (p. 72-73).

### *Reflexos no âmbito econômico*

Todos os participantes do estudo afirmaram ter sofrido fortes consequências no aspecto econômico. Eles afirmaram que remanejaram os gastos, e que no início foi bastante difícil se adequar à nova realidade. Marcos e Bruno destacaram que a pensão que pagam ao filho também pesa no orçamento deles. Vale destacar que, entre esses dois sujeitos, Marcos, por exemplo, acha que a mãe da criança cobra a pensão sem necessidade, demonstrando que, na visão deste pai, tal benefício só deve ser oferecido se for preciso.

Vale destacar que mesmo sendo uma dificuldade, Mateus, por exemplo, encarou a adversidade de maneira positiva, pois o fez melhorar de vida. Bernardo, mesmo com toda a ajuda que recebeu dos pais, foi o jovem que mais enfatizou a dificuldade no âmbito financeiro. Mesmo ele e a esposa trabalhando, e com um negócio próprio, ainda tinham dificuldade para estabilizar as contas.

É interessante notar que embora tenham afirmado fortemente o quanto passaram por dificuldades financeiras para se ajustar à nova experiência, não deram importância para o fato de ter que trabalhar para se sustentar. Ou seja, o difícil não é ter que trabalhar, pois esta responsabilidade já se exercia, estava implícita, o difícil era conseguir suprir as necessidades com o que recebiam neste trabalho.

Sendo assim, é possível notar a importância que estes jovens dão à capacidade de prover a família, e não apenas de possuir um trabalho. Toneli (2010) e Costa (2002)

também avaliam que, de acordo com os dados de seus estudos, a paternidade não implica apenas em ter filhos, mas ser capaz de sustentá-los:

Sustentar os filhos é uma responsabilidade considerada masculina, o que coloca o trabalho remunerado dos homens como referência fundamental nas concepções sobre paternidade e masculinidade. Assim, se ‘fazer filhos’ pode servir para comprovar o atributo físico da paternidade, conseguir sustentá-los e educá-los comprova seu atributo moral (Costa, 2002, p. 341).

## **Avaliação da experiência**

### *Consequências positivas e negativas da paternidade jovem*

A transição para a parentalidade, tanto para as adolescentes quanto para os jovens do sexo masculino gera uma série de mudanças em suas vidas, como nos âmbitos biológico, psicológico e também social. Diante desta nova etapa, o jovem se vê obrigado a rever sua própria história de um modo que será determinante para como irá lidar com as responsabilidades desta nova experiência.

Embora tenham sido citados alguns aspectos que podem ser encarados como negativos na paternidade, nenhum jovem considerou a experiência ruim. Cada um destacou aspectos que foram marcantes em sua trajetória, mas de maneira geral, é possível apreender por traz de cada experiência um fator comum: o aumento da responsabilidade.

A vida social diminuída é um aspecto apontado por Mateus quando este conta que apesar de não ter muitos amigos, todos os dias saía para algum bar, coisa que não ocorre mais em sua rotina. A abdicação de atitudes e costumes da vida de solteiro fica evidente em seu discurso, ao passo que o aumento das responsabilidades, sobretudo no quesito financeiro, demarca a conseqüente melhora no padrão de vida, que para este jovem, compensa as dificuldades enfrentadas na paternidade não planejada.

Marcos destaca que por causa do filho houve um afastamento no convívio social de algumas pessoas queridas por ele. No entanto, as mudanças provocadas por causa do filho o fizeram mudar para melhor. Marcos também entende que as trocas e aprendizados que realizou e ainda realiza por causa do filho são muito boas.

Bruno avalia que embora tenha perdido um pouco da sua liberdade, quando se tornou pai, adquiriu mais respeito perante as pessoas. Além disso, entende que por ser pai deve se comportar com muito mais responsabilidade e pensar em cada atitude antes de executá-la.

Já Bernardo destaca a mudança de ponto de vista que a paternidade provoca. Ao se tornar pai, teve que redesenhar uma série de sonhos, e para ele, o que veio de positivo ao longo do processo, anula os pontos que considerava negativos no início. Bernardo não entende que haja desvantagens, mas muitas responsabilidades quando se tem um filho, e avalia como negativo a maior dificuldade de retomar os estudos e aproveitar a vida a dois.

Interessantemente todos os pais participantes do estudo mencionaram que um dos pontos positivos, em longo prazo, de ter se tornado pai jovem, é que ainda serão bem novos quando o filho estiver adolescente, e poderão realizar atividades juntos.

Fica evidente diante das principais justificativas destes pais que a paternidade exige uma nova postura do jovem frente à situação, e de modo geral, frente a todos os que estão próximos: parceira, família, amigos, conhecidos. A paternidade, embora trazendo consequências que afetam diretamente a rotina e a vida do jovem, os forçou a escolherem caminhos diferentes do que estavam adotando até então, seja direcionando melhor seu tempo a atividades necessárias ao sustento de si e do filho, seja na mudança de atitudes e companhias. Um novo papel social foi inserido à identidade destes jovens, os quais após algum tempo não percebem como inteiramente ruim.

Como também observado na pesquisa de Carvalho et al. (2008), a experiência de se tornar pai/mãe acarretou uma série de situações conflituosas, e a partir disso, os jovens tentaram elaborar suas perdas e ganhos frente às demandas de atitudes mais responsáveis ainda na juventude.

Marcos foi o jovem que mais enfatizou o aspecto subjetivo da experiência, que são as mudanças enquanto sujeito. Embora também tenham sido mencionadas pelos outros pais de alguma forma, Marcos foi o pai que mais destacou o quanto repensou seu modo de viver a vida por causa do filho. Isso é interessante em nossa pesquisa, pois evidencia uma faceta não muito mencionada nos estudos sobre homens/paternidade. Não são apenas as mulheres que sofrem interferência no aspecto emocional e repensam sua história de vida e o modo como estão agindo. A fala desses jovens demonstra sua alta implicação no cuidado com o filho, e no quanto se planejou para o que poderia vir futuramente. Estudos anteriores já mencionavam este movimento por parte dos pais (Levandowski & Piccinini, 2002; Piccinini et al., 2004).

Percebe-se que a paternidade foi descrita como um processo de grandes transformações para os jovens pais, cada uma delas atreladas às condições sociais e pessoais deles. Nesse sentido, podemos afirmar que observamos múltiplas vivências da

paternidade, cada uma delas condicionadas ao contexto social que, por sua vez, definem os uma série de possibilidades e significações desta experiência.

### *A paternidade na juventude*

Todos os entrevistados afirmaram conhecer outros rapazes que também foram pais no mesmo período que eles, mas apenas Mateus relatou isso ter ocorrido com um amigo próximo. Nenhum deles disse ter convivido diretamente com tais jovens e trocado informações sobre sua experiência, com exceção de Marcos que realizou cursos, buscou informação e trocou experiência com pessoas que também tomaram a mesma atitude que ele.

A busca por informações especializada sobre a educação dos filhos é um diferencial percebido em pesquisas anteriores (Braz et al., 2005) e estão estreitamente relacionadas à diferenças de modos de vida, valores e visões vinculadas ao contexto social que cada família se encontra (Romanelli, 1998). Em geral, as de classe média, por terem acesso a um amplo meio de informações, tendem a inserir estas atitudes na vivência da paternagem/maternagem de forma mais intensa que as de classe popular.

Contudo, outros autores já não constataram um grande empreendimento por parte dos pais na busca de informações sobre bebês e gravidez (Piccinini et al., 2004). Para eles, isto pode ser um indício de que alguns aspectos da gestação ainda permanecem sob o encargo feminino, indicando que o modelo de paternidade tradicional ainda se conserva em algum nível, presente entre determinados casais.

Nem todos os pais deste estudo esboçaram opiniões sobre a paternidade em geral. Todos preferiram falar da própria experiência e expor os aprendizados que extraíram dela. Marcos e Bernardo, de forma semelhante, expuseram sua opinião sobre o fenômeno. Para eles, a paternidade não tem momento ideal para existir, mas deve ser sempre planejada.

Em linhas gerais, observa-se quão indispensável é para o jovem formar uma família para, então, ter filhos. Assumir a criança mesmo não tendo planejado-a é uma atitude que torna o jovem responsável pelas suas ações. Desse modo, não fugir dessa responsabilidade é uma prova não apenas para si, mas para toda a família e sociedade de que ele é capaz de abarcar a tarefa que lhe foi apresentada, demarcando assim a atitude esperada de um “verdadeiro pai”, de um “verdadeiro homem”.

### 5.5. Caracterização dos participantes (Estudo 2 – jovens)

A seguir a apresentação das principais características dos jovens do segundo estudo. A maioria dos informantes se concentrou na faixa etária de 19 a 24 anos. A quantidade de jovens referente a cada classe socioeconômica ficou equilibrada.

Idades	Total de jovens	Classe baixa	Classe média
17-18 anos	13	7	6
19-21 anos	22	12	10
22-24 anos	25	11	14

Figura 3. Distribuição por idade dos jovens/classe social

Quanto à escolaridade, a maioria ainda cursava o ensino superior. Neste quesito a quantidade de jovens de ambas as classes também ficou equacionada (dos 50 jovens que cursavam o ensino superior, 26 eram de classe média e 24 de classe baixa).

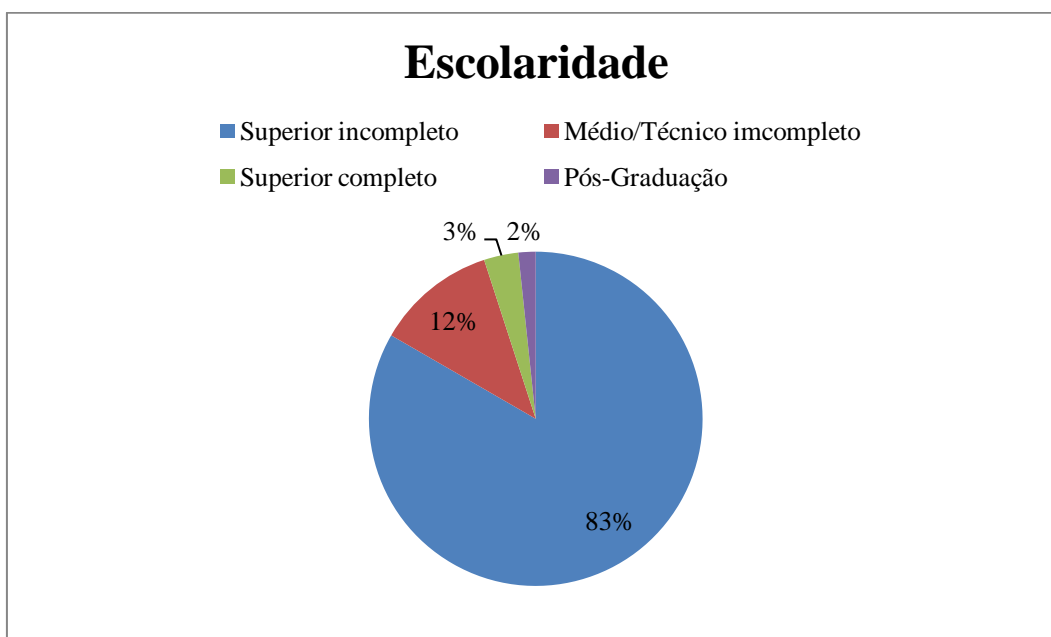


Figura 4. Porcentagem de jovens para cada nível de escolaridade

### 5.6. Análise das RS de paternidade e maternidade para jovens com diferentes inserções sociais

Na abordagem estrutural, proposta por Abric (1998), o núcleo central e os elementos periféricos são entendidos como componentes de uma dada RS, e cada um assume uma função específica e também complementar à outra (Almeida, 2005).

Apesar de ser uma técnica bastante proveitosa, o produto obtido pela associação livre é de difícil interpretação, já que as associações vinculam um significado, mas não o todo. Isso exige do pesquisador um manuseio cuidadoso dos dados, e uma das questões que se coloca é: como então diferenciar entre as associações produzidas, aquelas centrais e possivelmente organizadoras da representação daquelas mais periféricas? (Oliveira et al., 2005).

Estes mesmos autores salientam que algumas técnicas adicionais – umas utilizadas desde a coleta dos dados –, ajudam o pesquisador chegar a conclusões consideradas mais confiáveis, por exemplo, pedir ao sujeito que ordene as palavras evocadas da mais importante para a menos importante; pedir que ele eleja a palavra mais representativa; utilizar o teste de centralidade; o teste de similitude. Neste estudo, utilizamos as cinco evocações dos sujeitos na ordem em que foram evocadas. Todas passaram por uma homogeneização realizada pela pesquisadora a fim de unir em um mesmo termo palavras que traduzissem sentidos muito próximos. Posteriormente, montou-se o banco e o submetemos ao programa EVOC.

Cabe dizer que, inicialmente, rodou-se o programa com as evocações dos jovens de ambas as classes juntas: totalizando 60 evocações para paternidade e 60 para maternidade. Este procedimento gerou dois quadros, um para paternidade e outro para maternidade, que se encontram ao fim do texto (ANEXOS E e F). Contudo, como um dos objetivos era averiguar as diferenças de acordo com a inserção social deles, optamos por rodar o programa com as evocações de classe média e classe baixa separadamente, pois assim facilitaria a discussão dos dados. Este modo gerou quatro quadros, e os escolhemos para nortear a discussão a seguir.

Como já explicado, os quadrantes são formados levando-se em conta a frequência e o valor médio da ordem de evocação de cada termo. Para a análise, as palavras presentes no primeiro quadrante serão consideradas como provavelmente as estruturantes do núcleo central. As situadas no quadrante superior direito pertencerão à 1ª periferia e são os elementos periféricos mais importantes; as situadas no quadrante inferior esquerdo são os elementos de contraste, geralmente são considerados importantes pelos sujeitos apesar da baixa frequência, podendo revelar elementos que reforçam os da 1ª periferia ou até mesmo a existência de um subgrupo minoritário portador de uma RS diferente; e finalmente, as localizadas no quarto e último quadrante, são os elementos mais periféricos, ou constituintes da 2ª periferia. Cada um dos

quadrantes apresenta uma informação essencial para a análise da representação (Oliveira et al., 2005).

Neste estudo identificamos e analisamos tanto as RS de paternidade e maternidade de jovens do sexo masculino de 17 a 24 anos, como também consideramos as inserções sociais diferentes como possíveis norteadores destas representações.

### 5.7. Representações sociais de paternidade de jovens de 17 a 24 anos de idade

Com relação às RS relacionadas ao termo “paternidade” pelos jovens, obteve-se dois quadros gerados pelo *software* EVOC, um para os jovens de classe média e outro para os jovens de classe popular. Optamos por apresentar os dois quadros seguidamente para, logo após, analisá-los já integrando as semelhanças e diferenças de acordo com a classe social.

EVOCAÇÕES DE “PATERNIDADE” PARA JOVENS DE CLASSE MÉDIA							
		Média da ordem de evocação					
		Inferior a 2,8		Superior ou igual a 2,8			
		Termo evocado/Frequência/Ordem de evocação		Termo evocado/Frequência/Ordem de evocação			
Média das Frequências	Superior ou igual a 7	responsabilidade	22	1,682	bons-sentimentos	10	3,800
					carinho	8	3,375
					companheirismo	11	3,909
					educar-o-filho	9	3,222
					respeito	7	3,000
	Inferior a 7	amar	6	2,333	casamento	5	3,200
		compreensão	3	2,667	família	4	4,250
		comprometimento	6	2,500	futuro	3	3,000
		filho	4	2,250	obrigações	3	3,333
		ser-pai	3	1,000	proteger	5	2,800
				ser-presente	3	3,333	
				sustentar	6	4,333	
				trabalho	5	4,000	

Figura 5. Evocações de “Paternidade” para jovens de classe média da Grande Vitória



EVOCAÇÕES DE “PATERNIDADE” PARA JOVENS DE CLASSE POPULAR						
		Média da ordem de evocação				
		Inferior a 2,8		Superior ou igual a 2,8		
		Termo evocado/Frequência/Ordem de evocação		Termo evocado/Frequência/Ordem de evocação		
Média das Frequências	Superior ou igual a 7	responsabilidade	18	1,611	amar	14 3,143
					bons-sentimentos	8 3,625
					carinho	10 3,400
					companheirismo	11 3,273
					educar-o-filho	8 2,875
	Inferior a 7	comprometimento	5	2,000	compreensão	4 4,000
		cuidar	6	2,167	cumplicidade	3 3,333
		disciplina	5	2,600	dedicação	6 3,000
					medo	3 4,667
					respeito	3 4,667
					sustentar	5 3,200
					trabalho	3 3,667

Figura 6. Evocações de “Paternidade” para jovens de classe popular da Grande Vitória

A análise das evocações sugere que o elemento que possivelmente organiza a RS de paternidade tanto para classe média quanto para classe popular é “responsabilidade”.

Já o termo “amar” aparece no segundo quadrante dos jovens de classe baixa, com 14 evocações, ao passo que este mesmo termo só aparece na zona de contraste dos jovens de classe média, com 6 evocações. O termo “respeito” aparece no segundo quadrante dos jovens de classe média, e no de classe popular, apenas 3 evocações situados no último quadrante.

O elemento do núcleo central dos dois grupos nos permite sugerir que a representação de paternidade pode estar ancorada numa visão tradicional de pai, coerente com os estudos sobre masculinidade e paternidade em geral, os quais elucidam a função reconhecida socialmente como masculina, de arcar com seus deveres. Ainda assim, o elemento “amar” parece ser um forte compositor desta representação para ambos os grupos, pois aparece nas zonas próximas do núcleo central. Isto sugere a implicação que o pai deve ter no âmbito emocional e afetivo da vida do filho. Este elemento denota algo novo, pois altera a ideia daquele pai autoritário e afetivamente

distante dos filhos, apenas, já mencionado em outros estudos (Piccinini et al., 2004; Orlandi & Toneli, 2005; Perosa & Pedro, 2009; Gontijo et al., 2011).

Outros termos também são comuns em ambos os grupos: “bons-sentimentos”, “carinho”, “companheirismo”, “educar-o-filho”, “comprometimento”, “compreensão”, “sustentar” e “trabalho”.

Observa-se que “comprometimento” é um termo comum na zona de contraste dos dois grupos. Contudo, entre os jovens de classe popular um elemento mais contrário ao núcleo central e à 1ª periferia aparece: “disciplina” contrasta mais intensamente que “amar” e “compreensão” (presente nos de classe média), o que parece indicar uma representação que ainda evidencia a permanência de um pai mais tradicional e responsável por orientar os filhos, na visão desses jovens.

Considerando estes dois grupos de jovens, é interessante observar que, apesar da paternidade ainda ser representada em suas dimensões tradicionais, a afetividade e o envolvimento emocional já aparecem como elementos de RS, sugerindo que são aspectos provavelmente vivenciados por eles ou então ganharam valor em seu cotidiano.

Alguns elementos periféricos, observados no 2º quadrante em ambos os grupos, como “bons sentimentos”, “carinho” e “companheirismo”, possibilitam reforçar a ideia acima apresentada, de que há a percepção de um pai mais envolvido afetivamente, enfatizado pela valorização dos aspectos de parceria, de estar junto com o filho. Também é possível observar a presença de elementos que dizem respeito às concepções socialmente construídas de provedor do pai e responsabilização pela criança, como visto no elemento “educar o filho”, “sustentar” e “trabalho”, comum aos dois grupos.

Além disso, o elemento “respeito” (que o pai merece ter) vem corroborar a imagem de homem responsável e representante da moral. Esta representação tradicional apareceu mais fortemente entre jovens de classe média. Ela parece ser construída desde o início de nossa socialização, e permeia não apenas o imaginário masculino, pois as informantes do estudo de Perucchi e Beirão (2007) também vincularam a paternidade à imagem de força, respeito e autoridade.

Ainda comparando as evocações em ambos os grupos, observamos um dado muito interessante. Entre os jovens de classe média, aparecem no último quadrante os termos “casamento”, “família”, “futuro”, “obrigações”, “proteção” e “ser-presente”. Estes termos não aparecem nas evocações de jovens de classe popular. Ao mesmo tempo, no grupo de classe popular, os termos “cumplicidade”, “dedicação” e “medo” aparecem também no quarto quadrante e são exclusivos deste grupo.

Isso sugere um dado importante, pois embora no sistema periférico localizem-se os elementos menos estáveis e que permitem as variações ou modulações individuais (Almeida & Santos, 2011), observamos que estes agrupamentos de termos remetem a conceitos que diferenciam um grupo do outro, mesmo suavemente. Os elementos sugeridos pelos jovens de classe popular estão bem mais aproximados com as práticas paternas que indicam maior afeto com o filho, pois indicam maior proximidade e envolvimento com este. É importante destacar esta diferença, pois geralmente são nas classes sociais mais favorecidas que brotam as regras e ideais que norteiam o exercício dos papéis sociais (Amazonas et al., 2003; Braz et al., 2005).

De modo geral é possível apreender que a maioria dos elementos evocados indica a paternidade como algo positivo e valorizado, bem como uma atividade que exige um empreendimento por parte do homem. Além disso, observamos que os jovens de classe média parecem falar não apenas da paternidade, mas desta no em um contexto de projeção de futuro, no âmbito do que é esperado. Este dado nos parece coerente tendo em vista evocações como “casamento”, “família”, “futuro”; e até mesmo um planejamento desse momento, como em “obrigações”, “sustentar” e “trabalho”. Já entre os jovens de classe popular, o termo “medo”, exclusivo deste grupo, pode sugerir que a paternidade é uma tarefa que exige extrema responsabilidade, e pode causar inseguranças e angústias que podem não ser alcançadas, tendo em vista que para este segmento populacional, nem sempre ela é planejada e caracterizada como bem sucedida, logo, gera receio.

Já a existência de valores aparentemente contraditórios (como disciplina/carinho) pode ser entendida como uma resignificação da tarefa de ser pai na atualidade. Embora ele esteja mais presente na vida do filho e mais emocionalmente envolvido, ainda é esperando que este pai seja o responsável por agir com firmeza, impor limites, em resumo, seja o responsável por orientar o que deve/pode ser feito na educação dos filhos.

Almeida e Santos (2011) discorrem sobre o teste de centralidade. Embora isto não tenha sido feito nesta pesquisa, ele indica um movimento bastante interessante no estudo de uma estrutura representacional. Segundo as autoras, algumas palavras mostraram-se como “elementos de forte modulação individual, apontando para processos de caráter mais individual” (p.116). Contudo, mesmo que não configurem elementos amplamente partilhados pelos sujeitos, dada sua instabilidade, não se pode negar que são elementos que podem estar em processo de migração para o núcleo

central: “Mesmo os elementos da primeira periferia, que apesar de indicarem certa instabilidade indicam também uma forte probabilidade de vir a compor o núcleo central” (p.119).

Assim, apesar de serem periféricos, vários elementos de representação que não reafirmaram o modelo tradicional podem ser vistos como indícios de uma possível mudança da estrutura representacional, e por isso merecem atenção, pois justamente essas características dão suporte às práticas que esses jovens desenvolvem em seu cotidiano. Como exemplo desse processo, podemos citar os termos “amar” e “comprometimento”, os quais compõem o núcleo central se levarmos em conta a análise conjunta dos dois grupos (ANEXO E).

### 5.8. Representações sociais de maternidade de jovens de 17 a 24 anos de idade

As figuras 7 e 8 ilustram o resultado das questões de evocação referente ao termo indutor “maternidade”.

EVOCAÇÕES DE “MATERNIDADE” DE JOVENS DE CLASSE MÉDIA							
		Média da ordem de evocação					
		Inferior a 2,8		Superior ou igual a 2,8			
		Termo evocado/Frequência/Ordem de evocação		Termo evocado/Frequência/Ordem de evocação			
Média das Frequências	Superior ou igual a 7	amar	14	2,286	bons-sentimentos	9	3,111
		responsabilidade	22	2,727	carinho	17	2,882
					comprometimento	9	3,556
					dedicar-se	9	2,889
	Inferior a 7	família	3	2,333	companheirismo	4	3,750
		ser-mãe	4	1,750	compreensão	5	3,600
					cuidar	4	3,000
					cumplicidade	4	3,000
					educar-o-filho	6	3,167
					filho	4	3,500
				respeito	5	2,800	

Figura 7. Evocações de “Maternidade” para jovens de classe média da Grande Vitória

EVOCAÇÕES DE “MATERNIDADE” DE JOVENS DE CLASSE POPULAR							
		Média da ordem de evocação					
		Inferior a 2,8		Superior ou igual a 2,8			
		Termo evocado/Frequência/Ordem de evocação		Termo evocado/Frequência/Ordem de evocação			
Média das Frequências	Superior ou igual a 7	amar	17	2,647	cuidar	7	3,143
		carinho	20	2,750	dedicação	11	3,455
		responsabilidade	8	2,250	mais-difícil-que-ser-pai	7	3,143
	Inferior a 7				proteger	7	3,286
		compaixão	3	2,333	bons-sentimentos	6	4,000
		companheirismo	6	2,667	difícil	6	3,667
		compreensão	3	2,333	educar-o-filho	4	4,000
		conceber	4	2,750	ligação-maior	3	3,000
		ser-mãe	3	1,667			

Figura 8. Evocações de “Maternidade” para jovens de classe popular da Grande Vitória

Entre os elementos constituintes do núcleo central para a maternidade, mais uma vez encontramos “responsabilidade”, como também mencionado para paternidade, além do elemento “amar”. Outra expressão comum aos dois grupos foi “carinho”, sobretudo entre os de classe popular.

No estudo de Pecora e Sá (2008) os autores alertam para a possibilidade de alguns elementos da primeira periferia serem considerados centrais desde que além da alta frequência, algum outro critério de avaliação seja utilizado. Neste estudo, apesar de não executarmos o teste de centralidade ou até mesmo o de similitude, podemos lançar a hipótese de que o termo “carinho”, para os jovens de classe média, pode ser um desses elementos, por causa sua alta frequência de aparição e seu tênue afastamento da média estabelecida para a ordem de evocação. Levando em conta este dado, e também a observação da tabela com a análise conjunta (ANEXO F), pode-se dizer que o núcleo central para a representação de maternidade dos dois grupos é o mesmo.

Nota-se que a representação de maternidade está primeiramente ligada à ideia de doação de afeto. Mas também implica responsabilidade. Desse modo, entende-se que a

dimensão da maternidade encontra-se intimamente relacionada aos afazeres socialmente concebidos como maternos e à ligação afetiva.

Vale lembrar que os elementos relacionados ao afeto são um dos focos da discussão de grande parte dos estudos sobre maternidade. São vários os estudos sobre a temática que sugerem a mãe como mais afetuosamente vinculada à criança, ficando sob sua responsabilidade este quesito na criação dos filhos (Braz et al., 2005; Rangel & Queiroz, 2008). A análise desse tema revela uma visão da maternidade marcadamente tradicional, em que a ocupação designada à mulher consiste na sua disponibilidade às necessidades afetivas e fisiológicas da criança.

Os elementos presentes na periferia mais próxima, explicitada no 2º quadrante, evidenciam mais uma vez o caráter de doação à que a maternidade está vinculada. A representação referente à “dedicação” foi evocada pelos jovens de ambos os grupos, situado no segundo quadrante. No terceiro e quarto quadrantes é possível notar elementos relacionados ao aspecto biológico de ser mãe (“conceber”, “ligação-maior” e “filho”), bem como expressões que conferem o sentido de algo autoexplicativo, que já se encontra subentendido: para os jovens, maternidade é exercer o que lhe é socialmente esperado (“ser mãe”).

Comparando os dois quadros, na zona de contraste dos jovens de classe popular encontramos elementos bastante tradicionais. Já quando se leva em conta todas as evocações de ambos os grupos, embora entre os jovens de classe média também apareçam vários termos tradicionais, parece que para os jovens de classe popular o suporte familiar é muito mais centrado na figura da mãe. Esta informação nos parece coerente quando se nota que neste grupo são mencionados mais termos que se referem ao suporte materno, sua disposição para o cuidado e envolvimento com o filho.

Como na estrutura das RS de paternidade, aqui também observamos um processo interessante. Alguns elementos evocados pelos jovens foram exclusivos tendo em vista a divisão por grupos socioeconômicos. Entre os jovens de classe popular as expressões “mais-difícil-que-ser-pai”, “proteger”, “compaixão”, “conceber”, “difícil” e “ligação-maior” aparecem bem distribuídas nas zonas periféricas. Já entre os jovens de classe média, são evocados elementos como “comprometimento”, “família”, “cumplicidade”, “filho” e “respeito”, que não são vistos entre os jovens de classe baixa. Mais uma vez é possível notar expressões diferenciadas vindas de ambos os grupos. Mesmo que estas expressões tenham aparecido de maneira mais difusa na representação de maternidade, ficou claro que entre os jovens de classe popular aparecem elementos

extremamente tradicionais e que evocam o intenso envolvimento por parte da mãe no cuidado com a criança, no sentido de cuidado direto com o filho. Embora também tradicionais, nas expressões dos jovens de classe média parece prevalecer uma representação da maternidade compreendida no contexto da família, como algo que se estabelecerá posteriormente.

A Teoria das RS compreende a conexão entre os quadrantes como um processo típico da representação. Conforme a abordagem estrutural, essa maleabilidade é mais explícita nos elementos periféricos, que são mais flexíveis e passíveis de mudança, e estão relacionados mais diretamente com o contexto dos sujeitos. Pode-se dizer que os elementos periféricos representam práticas observadas no cotidiano destes jovens, e aparecem em suas representações como um modo de ilustrar como estes objetos sociais se ancoram no dia-a-dia de cada um.

Notamos que o resultado exibido é compatível com essa assertiva tendo em vista que os elementos periféricos expressam elementos menos subjetivos, ou seja, mais próximos às práticas cotidianas.

Na figura a seguir esquematizamos a distribuição dos elementos de representação social para os diferentes grupos, a fim de melhor visualizar os termos utilizados pelos jovens em cada uma das evocações.

<b>Grupos/ Elementos de representação</b>	<b>RS Paternidade (classe média)</b>	<b>RS Maternidade (classe média)</b>	<b>RS Paternidade (classe baixa)</b>	<b>RS Maternidade (classe baixa)</b>
Amar	X	X	X	X
Bons-sentimentos	X	X	X	X
Carinho	X	X	X	X
Casamento	X			
Compaixão				X
Companheirismo	X	X	X	X
Compreensão	X	X	X	X
Comprometimento	X	X	X	
Conceber				X
Cuidar		X	X	X
Cumplicidade		X	X	
Dedicação		X	X	X
Difícil				X
Disciplina			X	
Educar-o-filho	X	X	X	X
Família	X	X		
Filho	X	X		
Futuro	X			
Ligação-maior				X
Mais-difícil-que-ser-pai				X

Medo			X	
Obrigações	X			
Proteger	X			X
Respeito	X	X	X	
Responsabilidade	X	X	X	X
Ser-mãe		X		X
Ser-pai	X			
Ser-presente	X			
Sustentar	X		X	
Trabalho	X		X	

Figura 9. Distribuição dos elementos representacionais entre os jovens

Podemos ver que algumas expressões foram evocadas tanto para a paternidade como para a maternidade: “amar”, “bons sentimentos”, “carinho”, “companheirismo”, “compreensão”, “educar o filho” e “responsabilidade”. Isso nos permite dizer que tais elementos constituem as representações do ser pai e também do ser mãe. Embrenhando-se um pouco mais nos dados, podemos dizer que tanto a paternidade como a maternidade, embora impliquem em comprometimento e aquisição de tarefas por parte dos pais, também traduz bons sentimentos e sensações para os que vivem esta experiência.

Além disso, não observamos muitas expressões estritamente vinculadas a uma classe social, com exceção das palavras “família” e “filho”, as quais aparecem somente entre os jovens de classe média. Este dado pode reforçar a nossa análise anterior de que a classe média representou a paternidade muito mais tradicionalmente, e até mesmo de que para ter filhos, faz-se necessário ter família.

Outro dado que pareceu diferenciar um grupo do outro, foi o de que, entre os jovens de classe média, tanto as representações de paternidade quanto de maternidade foram envolvidas num contexto de futuro, ou seja, são representadas não apenas em termos de sentimentos e maneiras de exercê-la, mas também como um projeto que se estabelecerá após um planejamento.

Diante dos resultados, podemos dizer que não há diferenças significativas nas representações de paternidade e maternidade. Além disso, é possível formular que tanto as RS de paternidade quanto as de maternidade dos jovens deste estudo ainda se apresentam tradicionais, mesmo que seja perceptível a existência de elementos modernos. Este dado apoia um fenômeno mencionado por Negreiros e Féres-Carneiro (2004), de que há duas décadas é possível identificar um considerável número de estudos psicossociais no Brasil que atestam a coexistência de representações tradicionais e modernas no que se refere à substituição de modelos antigos por novos



nos modos de se relacionar. Segundo as autoras, o próprio conceito de família se modificou e com isso transformou-se também a noção do “masculino” e do “feminino”. No “modelo antigo”, onde perdurava a divisão de papéis, em que o homem exerce o papel de provedor e a mulher a de responsável pela casa e pelo cuidado dos filhos não persiste de maneira tão intensa em todas as famílias atuais.

Esta observação corrobora em parte a pesquisa de Gallardo et al. (2006) realizada no Chile com o objetivo de averiguar as representações sociais de paternidade entre jovens universitários e sem filhos, de idade entre 18 e 25 anos. Os jovens do estudo também mencionaram que consideram o afeto na relação pai/filho como algo positivo, mas ainda assim destacam a importância na manutenção da responsabilidade de provedor e figura de autoridade por parte do homem.

Na pesquisa de Vieira e Souza (2010), com homens que constituíam famílias monoparentais, entre os principais resultados, ficou evidente que as representações tradicionais de paternidade (como autoridade moral e financeira) e maternidade (aspectos biológicos, afetivos e superioridade materna) ainda são evocadas, contudo, observa-se também a emergência de elementos que se relacionam à “nova paternidade” (pai cuidador e afetuoso com o filho), e a maternidade como análogo à paternidade.

De maneira semelhante, Toneli (2010) ressalta que nas pesquisas que vem desenvolvendo, as atribuições de responsabilidade para pais e mães ainda são marcadas pelo sistema sexo/gênero. De acordo com ela, entre os jovens pesquisados, o ideal de provedor e protetor do grupo familiar ainda é visto como responsabilidade paterna.

No entanto, algumas diferenças nos permitem afirmar também que as representações de maternidade conservam-se mais tradicionais quando comparadas às de paternidade. Isso sugere que, embora as representações (e práticas) de paternidade apresentem elementos da dita “nova paternidade” (como cuidado, carinho, compreensão), o mesmo não pode ser dito a respeito de maternidade, a qual se apresenta bastante fundamentada no que diz respeito ao dispêndio de cuidado e atenção aos filhos. Além da responsabilidade, as mães têm o papel de ser afetiva com os filhos, aspecto não tão central entre as RS de paternidade.

Sendo assim, parece que os jovens já assimilaram novas possibilidades para o exercício da paternidade, mas não abrem mão da concepção de que eles ainda devem manter o status de autoridade familiar. Ao mesmo tempo, esperam que a mulher, no exercício da função materna, mantenha sua postura carinhosa e dedicada aos filhos.

### 5.9. Integrando os dois estudos

A fim de estabelecer uma relação com os dados encontrados nas duas metodologias utilizadas, avaliaremos as diferenças de representações entre jovens pais e não pais.

De modo geral, tanto os jovens pais como os não pais trouxeram representações bastante tradicionais para maternidade e para paternidade. As diferenças mais sutis foram percebidas devido à análise mais cuidadosa permitida por cada metodologia.

Entre os jovens pais, representações tradicionais de maternidade foram destacadas, como o cuidado, ser amiga, carinhosa, ser mais trabalhoso que ser pai, gerar, não abandonar. Já entre os não pais, as representações foram amar, carinho, responsabilidade, entre outras. Nota-se que ambas giram em torno de bons sentimentos e atitudes que exigem dedicação da mulher. No entanto, entre os pais, aspectos como as dificuldades da maternidade, emoção, prover quando o pai não pode executar esta tarefa, foram conceitos que não apareceram entre os jovens não pais.

Referente à paternidade ocorreu o mesmo. Entre os jovens pais, prover as necessidades do filho e da família, cuidar, educar, defender, impor a moral, dar exemplo, ser presente, foram características ditas típicas da paternidade. Para eles, mães e pais devem responder igualmente às necessidades dos filhos; contudo, eles mencionaram que os aspectos biológicos fazem com que algumas tarefas sejam realizadas necessariamente pela mãe, por exemplo, a amamentação. Os jovens não pais evidenciaram densamente a responsabilidade como típico para a paternidade, mas também estiveram presentes os bons sentimentos e o companheirismo. Aqui notamos que os pais do estudo destacaram os bons sentimentos que a paternidade proporciona, e também as dificuldades, o medo, o fato de ser cansativo.

Esse sutil diferencial presente entre as representações de jovens pais e não pais certamente se relaciona às experiências desses sujeitos. Ao se tornarem pais, passam por situações atípicas para um adolescente, e assim sendo evocam aspectos que não são mencionados pelos não pais.

Vimos que entre os jovens pais alguns aspectos foram comuns para ambas as representações. O cuidado, ser “tudo”, o fato de ser difícil e bom ao mesmo tempo, para eles, permeia tanto a função deles como pais quanto para o papel materno. Já os jovens não pais, como já mencionado, utilizaram algumas expressões comuns para os dois elementos representacionais, como “amar”, “bons sentimentos”, “carinho”,

“companheirismo”, “compreensão”, “educar o filho”, “respeito” e “responsabilidade”. No entanto, alguns elementos foram citados pelos pais, mas não citados pelos jovens não pais, por exemplo: papéis como “impor a moral” e “dar exemplo”, e a menção às características biológicas da mulher como definidoras de relações mais aproximadas de cuidado, como a gravidez e a amamentação. Novamente, isso provavelmente está relacionado à experiência que estes jovens pais tiveram, pois adicionaram mais intensamente ao seu repertório representacional elementos que os jovens do segundo estudo não experimentaram. Não podemos deixar de lembrar, entretanto, que a metodologia utilizada com os jovens pais facilitou a manifestação de conteúdos referentes à vivência paterna em seus discursos.

A única característica comum a todos os pais, é que paternidade implica o dever de prover o filho e a família, e ser sempre presente. Estudos anteriores relatam que estas funções são vistas como predominantemente masculinas em nossa sociedade (Fleck et al., 2002; Toneli, 2010), independentemente da classe social. Já para maternidade, o elemento comum entre eles foi o “cuidar”. Estas permanências e diferenças nas representações compõem um fenômeno já mencionado por outros pesquisadores (Toneli et al., 2011).

Ainda foi possível responder a um dos primeiros questionamentos desta pesquisa: vários elementos de representação atribuídos à “nova paternidade” foram evocados tanto por jovens pais quanto por aqueles que não eram pais, indicando que a existência desse mais recente modo de se relacionar e criar filhos já está presente na mentalidade e possivelmente nas atitudes dos jovens desta geração.

A fim de complementar a compreensão do que representa a paternidade e a maternidade para os pais, também avaliamos os significados de filho. Para eles, filho é tudo, produz um sentimento muito bom e incomparável apesar de às vezes ser bom e às vezes ser ruim. Além disso, os pais entendem que é algo muito importante, que deve ser cuidado para sempre, faz o sujeito mudar para melhor, é um reflexo dos pais e pressupõe a existência da uma família. O estudo de Moreira e Rabinovich (2010), também destaca a importância que os filhos assumem na vida dos pais, tornando-se o principal foco de preocupação dos genitores.

Embora não tenhamos colhido evocações de filho entre os jovens não pais, podemos inferir que este elemento tem grande importância na constituição das RS de paternidade e maternidade deles, pois como é possível observar nas figuras, o termo é utilizado pelos jovens dos dois grupos para definição destas representações. Isso reforça

um dos pressupostos desta pesquisa e da teoria adotada, de que o fato de não ser pai (não ter filhos) não exclui a possibilidade de o jovem apresentar representações sobre os objetos sociais estudados.

Em linhas gerais, ao analisar os dados de cada estudo, podemos chegar à conclusão de que as representações são muito próximas, e que as diferenças observadas devem-se não somente ao fato de ser pai ou não, mas também pelo peso das diferentes inserções sociais e histórias pessoais de cada um.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo não teve a intenção de abarcar todas as formas de interações e experiências da paternidade, mas é condizente afirmar que se puderam acrescentar elementos mais aprofundados sobre a temática da paternidade na juventude para as duas classes sociais abordadas.

Ainda que existam semelhanças entre jovens pais de classes média e mais empobrecidas, existem também diferenças individuais que são notoriamente estabelecidas devido às diferentes possibilidades as quais estes rapazes foram e são submetidos cotidianamente. Embora a primeira abordagem trate-se de um estudo qualitativo, com busca de apreensão de aspectos mais minuciosos da vivência de cada um, foi possível observar o quanto as representações sociais de maternidade e paternidade se fizeram presentes no discurso destes pais, mostrando que as ações socialmente esperadas [ou não] tomam forma em suas atitudes e falas.

É possível observar também que elementos de representação mais aproximados da ideia de “nova paternidade” fazem parte do repertório destes jovens pais. Isso pode ser afirmado, pois embora ainda seja possível notar a forte influência da representação tradicional de paternidade (trabalhador/provedor, protetor, que impõe a moral familiar), um pai mais afetuoso, emocionalmente próximo a seus filhos, e comprometidos com sua educação e desenvolvimento, também está presente no discurso destes rapazes. Estes achados endossam resultados de pesquisas anteriores e reforçam a mudança já em curso destas representações.

Apesar da pequena quantidade de informantes do primeiro estudo, acreditamos que por abarcar classes diferenciadas pudemos contribuir para o melhor entendimento de como pais de diferentes inserções sociais lidam com a paternidade e como agem diante de dificuldades e embates rotineiros. Ainda assim, não pensamos que a temática esteja esgotada, é necessário que outras pesquisas investiguem as diferenças não só das representações, mas também das atividades realmente desenvolvidas por pais e mães de diferentes classes e regiões de nosso país, bem como os sentimentos despertados por estas atitudes.

Estudos mais aprofundados sobre este tema são de grande relevância, notadamente para a área da psicologia e, por isso, vale lembrar que ainda são poucas as

pesquisas que se baseiam em vários contextos étnicos e socioeconômicos e que abarquem vastamente os estudos sobre a paternidade (Dessen & Lewis, 1998).

Embora tenha se considerado o quanto as diferenças individuais, as quais transcendem a noção de classe social, permitiram que este episódio fosse representado de formas diferenciadas e únicas entre os jovens pais, o estudo deixa evidente a necessária discussão sobre como as variáveis socioeconômicas propiciam diferentes vivências e representações da paternidade, e por isso permite o reconhecimento de que vivemos numa sociedade onde as condições sociais têm impacto significativo em como esta experiência será significada e pelos jovens.

No que se refere ao segundo estudo, com os jovens não pais, foi possível entender melhor como o contexto social influenciou as percepções destes jovens sobre os objetos sociais pesquisados. A paternidade foi representada como algo positivo, mas que exige do homem empreendimento, arcar com as responsabilidades desta tarefa; e de forma mais tradicional para a classe média, ela sugere a construção de uma família, casar-se, e realizar isso no futuro, ou seja, sugere um planejamento prévio. A maternidade também é representada de maneira positiva, mas ainda bastante tradicional, e parece indicar uma vinculação com a própria vivência destes jovens.

Com maior intensidade é notável a representação da maternidade com atributos tradicionais desta função, como dar amor, carinho, ser o suporte emocional do filho. Ao passo que as representações sobre a paternidade foram as que mais apresentaram elementos que indicam as transformações da noção de pai autoritário e provedor. Isso indica que embora estes jovens estejam receptivos às novas tarefas destinadas ao exercício da paternidade, ainda mantém estereótipos bem demarcados do que seja a função materna.

Não percebemos, contudo, grandes diferenças entre as representações dos participantes dos primeiro e do segundo estudo. Embora evocadas por metodologias diferentes, podemos perceber que as representações não são tão distintas, salvo é claro, pela maior riqueza de detalhes colocada pelos jovens pais. Estes, ao descreverem as dificuldades e alegrias da paternidade, destacam elementos cotidianos para exemplificar o que há de bom e ruim nesta experiência.

Cabe ressaltar, apenas, que os jovens pais em alguns momentos enfatizaram o papel paterno como sendo muito parecido ao estilo tradicional de maternidade. Isso nos chamou bastante a atenção, pois nos pareceu uma necessidade de provar que eram

envolvidos com o filho e, para isso, utilizaram-se de termos e atitudes tão negadas anteriormente pelas mulheres que se viam resumidas ao exercício destas tarefas.

Uma grande relevância desta pesquisa manifesta-se no fato de estudarmos a temática sob a perspectiva do próprio jovem, pois ele nos proporciona um ponto de vista privilegiado. Entendemos que ele traz consigo uma maior possibilidade de evidenciar mudanças nas representações sociais de um determinado objeto social em um determinado contexto histórico, já que ele está inserido em uma fase da vida em que há intensas trocas sociais com amigos, familiares, grupos distintos. Acreditamos que isso seja interessante para podemos refletir sobre em quais direções caminham as representações e práticas sociais de futuros adultos, pais.

Tendo em vista o exposto, pode-se dizer que o presente estudo contém um valioso dado para profissionais que trabalham com esta temática/público – a paternidade na juventude, pois apresenta uma visão ampla sobre como a paternidade e a maternidade é vista pelos jovens em geral, bem como oferece a perspectiva de jovens que vivenciaram a experiência e sofreram as consequências deste papel socialmente conhecido.

Desse modo, a pesquisa almejou, além de se tornar mais uma fonte de consulta científica sobre a temática das representações sociais e da paternidade no contexto específico da juventude, atentar para o valor desses informantes que vivenciam uma fase peculiar, e abordar suas representações sobre objetos sociais muito presentes em nosso cotidiano. Bornholdt e Wagner (2005) destacam que o processo de transição para a paternidade abrange vários fatores relacionados à vivência com a família de origem. Tendo isso em vista, talvez um aspecto que mereça ser adicionado nas investigações futuras seja incluir a percepção dos jovens pais e não pais acerca de sua criação, possibilitando, assim, que se originem dados mais enriquecidos sobre as RS de maternidade e paternidade, bem como a maior explicitação de nuances das representações que os jovens têm anunciado.

Acreditamos que o estudo da paternidade se insere no campo de interesse não apenas da Psicologia e da Teoria das Representações Sociais, mas agrega informações que são de interesse de áreas como a da saúde, da educação, bem como fornece subsídios para ações profissionais dirigidas aos pais jovens e sua família, em diferentes contextos. Certamente também contribui para a reflexão sobre as atuais políticas públicas direcionadas a esse público (por exemplo, as de saúde reprodutiva), e eventuais políticas que possam surgir, já que dá voz a sujeitos nem sempre incluídos no processo

de planejamento, e permitir a construção de espaços para que estes falem de suas experiências, dificuldades, ansiedades e dúvidas.

Além disso, os dados desta pesquisa respondem, pelo menos em parte, algumas sugestões de estudos anteriores como o proposto por Barreto et al. (2010), de que havia a necessidade de focar o sujeito adolescente que se torna pai, e que se buscasse “a compreensão de seus sentimentos, expectativas, dúvidas, temores, ansiedades, com o intuito de ampliar o seu conhecimento e melhor compreender esse fenômeno” (p.58). Dessa maneira, confiamos que apesar de não poder abarcar toda a complexidade do fenômeno da paternidade na juventude, esta pesquisa vem agregar em qualidade outras investigações já publicadas na área.



## 7. REFERENCIAS

- Abric, J. C. (1998). A Abordagem Estrutural das Representações Sociais. In A. S. P. Moreira, & D. C. de Oliveira (Orgs.). *Estudos Interdisciplinares de Representação Social* (pp. 27-38). Goiânia: Editora AB.
- Almeida, A. M. de, & Souza-Santos, M. de F. (2011). Representações sociais masculinas de saúde e doença. In Z. A. Trindade, M. C. S. Menandro, & C. R. R. Nascimento (Orgs.). *Masculinidades e práticas de saúde*. Vitória (ES): GM Editora.
- Almeida, A. M. O. (2005). Pesquisa em RS: Proposições teórico-metodológicas. In M. F. Santos, & L. M. Almeida (Orgs.). *Diálogos com a Teoria das RS*. Alagoas: UFAL/UFPE.
- Amazarray, M. R., Machado, P. S., Oliveira, V. Z. de, & Gomes, W. B. (1998). A experiência de assumir a gestação na adolescência: um estudo fenomenológico. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, 11(3).
- Amazonas, M. C. L. de A., Damasceno, P. R., Terto, L. de M. de S., & Silva, R. R da. (2003). Arranjos familiares de crianças das camadas populares. *Psicol. estud.*, Maringá, 8(esp), pp. 11-20.
- Andrade, M. A. A. de (1998). A identidade como representação e a representação da identidade. In A. S. P. Moreira, & D. C. de Oliveira (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB.
- Arilha, M. (1998). Homens: entre a “zoeira” e a “responsabilidade”. In M. Arilha, S. G. Unbehau, & B. Medrado (Orgs.), *Homens e masculinidade: outras palavras* 34, (pp. 163-184). São Paulo: ECOS/Editora.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Balancho, L. S. F. (2004), Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 2(22), pp. 377-386.
- Barreto, A. C. M., Almeida, I. S. de, Ribeiro, I. B., Tavares, K. F. A. (2010). Paternidade na Adolescência: tendências da produção científica. *Adolescência & Saúde Vol.* 7(2).
- Bornholdt, E., Wagner, A. (2005). A gravidez a luz da perspectiva paterna: aspectos relativos à transgeracionalidade. In A. Wagner (Coord.), *Como se perpetua a família?: a transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Brasileiro, R. F., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T. (2002). Papéis de gênero, transição para a paternalidade e a questão da tradicionalização. *Psico*, Porto Alegre, 33(2), pp. 289-310.

- Braz, M. P., Dessen, M. A., Silva, N. L. P. (2005). Relações Conjugais e Parentais: Uma Comparação entre Famílias de Classes Sociais Baixa e Média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), pp.151-161.
- Bullington, J., & Karlsson, G. (1984). Introduction to phenomenological psychological research. *Scandinavian Journal of Psychology*, 25, pp. 51-63.
- Bustamante, V., & Trad, L. A. B. (2005). Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 21(6), pp. 1865-1874.
- Cabral, C. da S. (2002). Gravidez na Adolescência nas Camadas Populares do Rio de Janeiro: um “problema” de classe ou de geração? *UERJ/Instituto de Medicina Social*. In XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Ouro Preto. *Anais do XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais: violências, o Estado e a qualidade de vida da população brasileira*. Campinas : ABEP.
- Cabral, C. S. (2003). Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 19(Sup. 2), pp. S283-S292.
- Carvalho, G. M., Merighi, M. A. B., & Jesus, M. C. P. (2008). Perdas e ganhos advindos com a parentalidade recorrente na adolescência. *O Mundo da Saúde*, 32, pp. 14-24.
- Corrêa, A. C. P., & Ferriani, M. G. C. (2006). Paternidade na adolescência: um silêncio social e um vazio científico. *Rev Gaúcha Enferm*, 27(4), pp. 499-505.
- Costa, R. G. (2002). Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. *Estudos Feministas*, 10, pp. 339-56.
- Dallas, C., Wilson, T., & Salgado, V. (2000), Gender Differences in Teen Parents' Perceptions of Parental Responsibilities. *Public Health Nursing*, 17, pp. 423–433.
- Dessen, M. A., & Lewis, C. (1998). Como estudar a “família” e o “pai”? *Paidéia*. FFCLRP-USP, Rib. Preto.
- Devreux, A. M. (2006). A paternidade na França: entre igualização dos direitos parentais e lutas ligadas às relações sociais de sexo. *Soc. estado*, 21(3). Brasília.
- Dias, A. B., & Aquino, E. M. L. (2006). Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. *Cad. Saúde Pública*, 22(7). Rio de Janeiro.
- Esteves, J. R., & Menandro, P. R. M. (2005). Trajetórias de vida: repercussões da maternidade adolescente na biografia de mulheres que viveram tal experiência. *Estud. psicol. (Natal)*, 10(3). Natal.

- Falcão, D. V. da S., & Salomão, N. M. R. (2005). O papel dos avós na maternidade adolescente. *Estud. psicol.*, 22(2). Campinas.
- Fleck, A. C., Falcke, D., & Hackner, I. T. (2005). Crescendo menino ou menina: a transmissão dos papéis de gênero na família. In A. Wagner (Coord.), *Como se perpetua a família?: a transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Freitas, W. de M. F. e., Coelho, E. de A. C., & Silva, A. T. M. C. da. (2007). Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cad. Saúde Pública*, 23(1). Rio de Janeiro.
- Freitas, W. de M. F., Silva, A. T. M. C da., Coelho, E. de A. C., Guedes, R. N., Lucena, K. D. T. de., & Costa, A. P. T. (2009). Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Rev. Saúde Pública*, 43(1). São Paulo.
- Gallardo, E. G. G., Gómez, E., Muñoz, M., & Suárez, N. (2006). Paternidad: Representaciones Sociales en Jóvenes Varones Heterosexuales Universitarios sin Hijos. *Psykhé*, 15(2). Santiago.
- Garcia, S. M. (1998). Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In M. Arilha, S. G. Unbehau, & B. Medrado (Orgs.), *Homens e masculinidade: outras palavras* (34, pp. 163-184). São Paulo: ECOS/Editora.
- Gontijo, D. T., Bechara, A. M. D., Medeiros, M., & Alves, H. C. (2011). Pai é aquele que está sempre presente: significados atribuídos por adolescentes à experiência da paternidade. *Rev. Eletr. Enf.*, 13(3), pp. 439-48.
- Hegg, M. O. (2004). Masculinidad y paternidad en Centroamérica. *Revista centroamericana de ciencias sociales*, 2(1), pp. 59-74.
- Heilborn, M. L., Salem, T., Rohden, F., Brandão, E., Knauth, D., VICTORA, C., Aquino, E., McCallum, C., & Bozon, M. (2002). Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. *Horizontes Antropológicos*, 8(17), pp. 13-45. Porto Alegre.
- Hoga, L. A. K. H., & Silva Mello, D. (2006). Paternidad y maternidad en la adolescencia conocimiento científico producido en la última década. *Avances in Enfermería*, 24(2), pp. 13-23.
- Hoga, L. A. K., & Reberte, L. M. (2009). The experience of paternity during adolescence in a low-income Brazilian community. *Rev Esc Enferm USP*, 43(1), pp. 106-11.
- IBGE (2008). *Estatísticas do Registro Civil*, v.35. Disponível em [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acessado em 13/10/2010.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: Um domínio em expansão. In D. Jodelet (Org.), *As representações sociais* (pp. 17-44). Rio de Janeiro: EdUERJ.

- Lawson, D. W., & Mace, R. (2009). Trade-offs in modern parenting: a longitudinal study of sibling competition for parental care. *Evolution and Human Behavior* 30, pp. 170–183.
- Levandowski, D. C. (2001). Paternidade na adolescência: uma breve revisão da literatura internacional. *Estudos de Psicologia*, 6(2), pp. 195-209.
- Levandowski, D. C., & Piccinini, C. A. (2002). A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. *Psicologia reflexão e crítica*, 15 (2), pp. 413-424.
- Levandowski, D. C., & Piccinini, C. A. (2006). Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. *Psic.: Teor. e Pesq.*, 22(1). Brasília.
- Levandowski, D. C., Piccinini, C. A., & Lopes, R. de C. S. (2009). O Processo de separação-indivuação em adolescentes do sexo masculino na transição para a paternidade. *Psicol. Reflex. Crit.*, 22(3). Porto Alegre.
- Luz, A. M. H., & Berni, N. I. de O. (2010). Processo da paternidade na adolescência. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 63(1), pp. 43-50.
- Lyra da Fonseca, J. L. C. (1997). *Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP, Brasil.
- Martins, P. O., Trindade, Z. A., & Almeida, A. M. O. (2003). O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. *Psicol. Reflex. Crit.*, 16(3), pp. 555-568. Porto Alegre.
- Medrado, B., & Lyra, J. (1999). A adolescência "desprevenida" e a paternidade na adolescência: uma abordagem geracional e de gênero. In: N. Schor, M. S. F. T. Mota, & V. Castelo-Branco (Orgs.), *Cadernos: Juventude, Saúde e Desenvolvimento* (1, pp. 230-48). Brasília: Ministério da Saúde
- Medrado, B., Lyra, J., Toneli, M. J. F., Trindade, Z. A., Valente, M., Quirino, T., Machado, M., Felipe, D., Oliveira, L. de., Dantas, L. G., Silva, M. C. da., & Gondim, S. (2011). Literatura científica sobre gravidez na adolescência como dispositivo de produção de paternidades. In M. J. F. Toneli, B. Medrado, Z. A. Trindade, & J. Lyra (Orgs.), *O pai está esperando? Políticas públicas de saúde para a gravidez na adolescência*. Florianópolis: Editora Mulheres.
- Mendes, R. (2004). À procura dos novos pais: Representações e atitudes perante a paternidade. *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção Atelier: Famílias*
- Mendes, R. (2007). A parentalidade experimentada no masculino: as vivências da paternidade. ISCTE: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia.
- Miranda, E. B. de, & Souza-Santos, M. F. (2009). Histórias de jovens que estão “dando certo” na vida. In Z. A. Trindade, M. C. S. Menandro, L. SOUZA, & M. B. CORTEZ, (Orgs.), *Juventude, masculinidade e risco*. Vitória, ES: GM.

- Moreira, A. S. P., & Oliveira, D. C. (1998). Apresentação. In A. S. P. Moreira, & D. C. de Oliveira (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social*, Goiânia: AB.
- Moreira, L. V. de C., & Rabinovich, E. P. (2010). O pai em pesquisas sobre família. In *XIII Simpósio e Intercâmbio Científico em Psicologia da ANPPEP GT Família e Comunidade*.
- Moscovici, S. (2004). O fenômeno das representações sociais. In S. Moscovici *Representações sociais: investigações em psicologia social*. (pp. 29-109). Petrópolis: Ed. Vozes.
- Negreiros, T. C. de G. M., & Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estud. psicol.*, 4(1). Rio de Janeiro.
- Nelson, T. J. (2004). Low-Income Fathers. *Annual Review of Sociology*, 30, pp. 427-451.
- Olavarría, J. (2003). Los estudios sobre masculinidades en América Latina. Un punto de vista. *Anuario Social y Político de América Latina y el Caribe*. Flacso / Unesco / Nueva Sociedad, (6), pp. 91-98. Caracas.
- Olavarría, J. (2005). La masculinidad y los jóvenes adolescentes. *Revista Docencia*, 27(10), pp. 65- 71.
- Oliveira, D. C., Marques, S. C., Gomes, A. M. T., & Teixeira, M. C. T. V. (2005). Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuino, & S. M. Nóbrega. *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. João Pessoa: Editora Universitária: UFPB.
- Organización Mundial de la Salud. (2000). ¿Qué ocurre com los muchachos? Una revisión bibliográfica sobre la salud y el desarrollo de los muchachos adolescentes. Departamento de Salud y Desarrollo del Niño y del Adolescente.
- Orlandi, R. (2006). *Paternidades nas adolescências: investigando os sentidos atribuídos por adolescentes pais à paternidade e às práticas de cuidado dos filhos*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Orlandi, R., & Toneli, M. J. F. (2005). Sobre o processo de constituição do sujeito face à paternidade na adolescência. *Psicol. rev. (Belo Horizonte)*. 11(18).
- Paterna, C., Martínez, C., & Rodes, J. (2005). Creencias de los Hombres sobre lo que Significa ser Padre. *Interamerican Journal of Psychology*, 39, pp. 275-284.
- Paula, E. R., Bittar, C. M., Silva, M. A. I., & Cano, M. A. T. (2011). A paternidade na adolescência e seu significado entre os jovens universitários que a vivenciaram. *Investigação* 11, pp. 5-12.

- Pecora, A. R. & Sá, C. P. (2008). Memórias e Representações Sociais da Cidade de Cuiabá, ao Longo de Três Gerações. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), pp. 319-325.
- Perosa, C. T. & Pedro, E. N. R. (2009). Perspectivas de jovens universitários da região norte do Rio Grande do Sul em relação à paternidade. *Ver. Escola de Enfermagem USP* 43 (2), pp. 300-6.
- Perucchi, J., & Beirão, A. M. (2007). Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicol. clin.*, 19(2). Rio de Janeiro.
- Piccinini, C. A., Silva, M. da R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. S., Tudge, J. (2004). O Envolvimento Paterno durante a Gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), pp. 303-314.
- Ramires, V. R. (1997). *O Exercício da Paternidade Hoje*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Rangel, D. L. de O., & Queiroz, A. B. A. (2008). A representação social das adolescentes sobre a gravidez nesta etapa de vida. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, 12(4), pp. 780-788.
- Rebolledo, L. (2007) Del padre ausente al padre próximo. Emergencia de nuevas formas de paternidad en el Chile actual. *Ponencia presentada en Congreso de los 50 años de FLACSO*, Quito, Equador.
- Resende, A. L. M. & Alonso, I. L. K. (1995). O perfil do pai cuidador. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento humano*, 5(1/2), pp. 66-81.
- Rico, L. A. G. (2004). Eu descanso, você trabalha: “Lar, doce lar” na perspectiva do gênero. *Líbero*, 6(11), pp. 50-57.
- Rodrigues, L., Medrado, B., Lyra, J., Oliveira, A. R., Oliveira, D., & Felipe, D. (2008) No contexto da gravidez na adolescência, há paternidade: revendo olhares e práticas. Trabalho apresentado em *Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, 25-28 de agosto.
- Romanelli, G. (1998). O relacionamento entre pais e filhos em famílias de camadas médias. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 8, pp. 123-136.
- Romanelli, G. (2003). Paternidade em famílias de camadas médias. *Estudos e Pesquisas em Psicologia (UERJ)*, 2, pp. 79-95. Rio de Janeiro.
- Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

- Santos, M. de F. de S. (1998). Representação social e identidade. In: A. S. P. Moreira, & D. C. de Oliveira (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB.
- Sarti, C. A. (1996). *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Sarti, C. A. (2004). A família como ordem simbólica. *Psicologia USP*, 15(3), pp. 11-28
- Schelemberg, J. M., Pereira, L. D. C., Grisard, N., & Hallal, A. L. C. (2007). Características socioeconômicas e psicossociais do pai adolescente. *Arquivos Catarinenses de Medicina* 36(2), pp. 62-68.
- Silva, M. da R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estud. psicol. (Campinas), Campinas*, 24(4).
- Siqueira, M. J. T. (1997). The Shaping of Masculine Identity: Some Points for Discussion. *Psicologia USP, São Paulo*, 8(1), pp. 113-130.
- Souza, C. L. C. de, & Benetti, S. P. da C. (2009). Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 19(42). Ribeirão Preto.
- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicol. teor. prat.*, 10(1). São Paulo.
- Sutter, C., & Bucher, J. S. N. F. (2008). Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, 39, pp. 74-82.
- Toneli, M. J. F. (2010). Paternidades e Masculinidades no Contexto de Populações Urbanas no Brasil. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia Universidade do Minho*, Portugal.
- Toneli, M. J. F., Araújo, S. A., Amaral, M. dos S., & Silva, F. L. S. dos. (2011). Exercícios e atribuições sociais da paternidade: pequeno balanço de uma década de pesquisa. In: M. J. F. Toneli; B. Medrado; Z. A. Trindade & Lyra, J. (Orgs.) *O pai está esperando? Políticas públicas de saúde para a gravidez na adolescência*. Florianópolis: Editora Mulheres.
- Torrão Filho A. (2005). Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*, 24, pp. 127-52.
- Torres, C. V., & Dessen, M. A. (2008). Brazilian Culture, Family, and its Ethnic-Cultural Variety. *Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies*, 12, pp. 189-202.
- Trindade, Z. A. (1991). *Representações sociais da paternidade e da maternidade: implicações no processo de aconselhamento genético*. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo.

- Trindade, Z. A., Andrade, C. A., & Souza, J. Q. (1994). Paternidade: representações sociais e práticas cotidianas. *Cadernos de pesquisa - UFES*, 3, pp. 14-22. Vitória-ES
- Trindade, Z. A., Andrade, C. A., & Souza, J. Q. (1997). Papéis parentais e representações da paternidade: a perspectiva do pai. *PSICO*, 28(1), 207-222.
- Trindade, Z. A., & Menandro, M. C. S. (2002). Pais adolescentes: vivência e significação. *Estud. psicol. (Natal)*, 7(1). Natal.
- Trindade, Z. A., Menandro, M. C. S., & Gianórdoli-Nascimento, I. F. (2007). Organização e interpretação de entrevistas: uma proposta de procedimento a partir da perspectiva fenomenológica. In M. M. P. Rodrigues, & P. R. M. Menandro (Orgs.), *Lógicas metodológicas: trajetos de pesquisa em psicologia*. Vitória: UFES – Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
- Utiamada, M. R. P. (2010). A paternidade na adolescência: um estudo a partir da visão dos pais adolescentes do ambulatório de pré-natal do Hospital de Clínicas de Londrina. *Anais do I simpósio sobre estudos de gênero e políticas públicas*. Universidade Estadual de Londrina, pp. 38-48.
- Vala, J. (1997). Representações sociais: para uma psicologia social do pensamento social. In J. Vala, & M. B. Monteiro (Coords.), *Psicologia Social* (pp. 353-384) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vasconcellos, K. de M., Viana, K. M. P., & Souza-Santos, M. de F. (2007). Pensando o método de pesquisa em representação social. In M. M. P. Rodrigues & P. R. M. Menandro (Orgs.), *Lógicas metodológicas: trajetos de pesquisa em psicologia social*. Vitória: UFES. GM Gráfica Editora.
- Velásquez, A. S. (2006). Identidad, responsabilidad familiar y ejercicio de la paternidad en varones del Estado de México. *Papeles de Población*, abril-junio, pp. 155-179.
- Vieira, E. N., & Souza, L. de. (2010). Guarda paterna e representações sociais de paternidade e maternidade. *Aná. Psicológica*, 28(4), pp. 581-596.
- Villamizar, Y. P., & Rosero-Labbé, C. P. M. (2005). Traer “hijos o hijas al mundo”: significados culturales de la paternidad y la maternidade. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales – Niñez y Juventud*, 3(2), pp. 02-21.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C. & Verza, F. (2005). Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), pp. 181-186.
- Wagner, W. (1998). Sócio-gênese e características das representações sociais. In A. S. P. Moreira, & D. C. de. Oliveira (Orgs), *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB.
- Ximena, S. V. (2009). El lugar que habita el padre en Chile contemporáneo Estudio de las representaciones sobre la paternidad en distintos grupos sociales. *Polis, Revista de la Universidad Bolivariana*, 8(23), pp. 385-410.



## 8. ANEXOS

### 8.1. ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA (PAIS)

#### Caracterização

Idade:

Escolaridade:

Religião:

Bairro onde mora:

Frequenta a escola/estuda no momento?

Possui alguma profissão? Qual?

Com quem mora?

Você contribui de alguma forma com a renda familiar?

Estado civil atual (há quanto tempo):

Quantos anos tinha quando teve o 1º filho?

Idade da criança:

Você estudava/trabalhava quando teve o 1º filho?

Tem outros filhos? Quantos? (idades)

Se o(s) filho(as) não moram atualmente, visitam? Com que frequência?

#### Trajetória até a paternidade

*Começar perguntando como ele se refere à parceira com que teve o 1º filho [(ex) namorada, mulher, esposa, companheira, outros]*

Idade dela na época.

Como vocês se conheceram? Que tipo de relação teve? Quanto tempo durou?

Como é sua relação com a mãe da criança atualmente, mantém contato?

Como foi a separação ou decisão por não ficarem juntos? O que motivou a decisão?

Houve decisão por ter o filho? Se sim, como foi a decisão? Por que decidiram isso?

Como foi sua vida escolar/profissional? Até que ponto você foi na época? [*Se for o caso: parar de estudar/trabalhar teve a ver com a gravidez?*]

Quando você era mais novo, quando ainda não tinha se tornado pai, como era a sua vida, suas atividades mais rotineiras?

### Época em que foi pai – sentimentos e expectativas

O que mudou quando você soube que teria filhos(s)? E quando ele nasceu?

Participou da gestação e nascimento do filho? Como foi a experiência?

O que significa o filho(a) para você?

Para você, é importante de ter filhos(as)? Qual?

Na sua opinião, o que é ser mãe?

Na sua opinião, o que é ser pai?

Quais são as responsabilidades (função/dever) de uma mãe?

Quais são as responsabilidades (função/dever) de um pai?

Na sua opinião, existe diferença em ser pai e ser mãe? Quais? Por quê?

Na sua opinião, como deve ser um pai? Por quê? (Quais as características de) Como é um “bom” pai?

(Quais as características de) Como é um “mau” pai?

Em caso de separação, com quem deve ficar os filhos (as) normalmente? Por quê?

### Se tiver mais filhos

Os outros filhos foram planejados? Por que decidiu isso?

Você tem algum plano em relação a ter mais filhos? Quantos?

Acha que será possível? Por quê?

### Transição para parentalidade - divisão de tarefas e cuidados com o filho

Quem ficou com o(s) filho(s) após a nascimento/dissolução do relacionamento?

Como o filho foi cuidado desde o nascimento até hoje? Quem foi/é o responsável por cada tarefa? Como foi definida essa divisão?

Quem foi o principal cuidador de seu filho?

Como acha que deve ser realizada o cuidado com os filhos (as)?

Como é sua relação com o filho(a)? Como é o dia-a-dia com o filho(a)?

Quando teve o filho [se separou ou mãe desapareceu], você teve ajuda de alguém?

Quem? Em que essas pessoas o ajudavam?

*Caso more com a família, parceira, amigos:* No dia-a-dia familiar há uma divisão de tarefas domésticas entre você e as pessoas que moram com você? Sempre foi assim?

Como vocês decidiram essa divisão?

Você acha que existem diferenças entre homem e mulher em relação aos cuidados da casa? Por quê? Isso acontece na sua família? Você concorda que seja assim?

Existem diferenças entre homem e mulher no cuidar dos filhos? Por quê? Isso acontece na sua família? Você concorda que seja assim?

#### Impactos nas outras esferas

Depois que teve o 1º filho, houve mudanças nas seguintes esferas da sua vida?

- Escola. Se sim, quais?
- Trabalho. Se sim, quais?
- Convívio social e familiar. Se sim, quais?
- Econômico. Se sim, quais?

Em sua opinião, houve consequências (positivas e/ou negativas) imediatas a ter se tornado pai? Quais?

E em longo prazo, você viu consequências (positivas e negativas) em ter se tornado pai? Quais?

Em sua opinião, quais as vantagens de ter filhos?

Em sua opinião, quais as desvantagens de ter filhos?

*No caso de não ter planejado o 1º filho:* Como você acha que seria se você não tivesse tido seu filho na adolescência/juventude? Seria muito diferente do que foi? Por quê?

Se pudesse escolher, teria tido filho em outra época? Por quê?

Tem alguma dificuldade para conciliar paternidade com estudos/trabalho [se exercer algum dos dois]? [*Se não estuda e nem trabalha:* em outras esferas da vida]

Na época você conhecia outros rapazes/amigos/familiares que também se tornaram pais? Algum desses te serviu como exemplo?

De modo geral, como você vê a paternidade na adolescência [socialmente]?

O que você achou de ser pai na adolescência? De modo geral, como foi pra você viver essa experiência?

## 8.2. ANEXO B - ROTEIRO DE ENTREVISTA (JOVENS)

### Dados sociodemográficos

Idade:

Escolaridade:

Religião:

Bairro onde mora:

Frequenta a escola/estuda no momento?

Possui alguma profissão? Qual?

Com quem mora?

Você contribui de alguma forma com a renda familiar?

Estado civil atual (há quanto tempo):

### Evocações (5 palavras)

O que você pensa, imagina quando eu digo maternidade?

-  
-  
-  
-  
-

O que você pensa, imagina quando eu digo paternidade?

-  
-  
-  
-  
-

### 8.3. ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO (PAIS)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

***“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.”*** (Resolução. nº 196/96-IV, do Conselho Nacional de Saúde)

Eu, ....., tendo sido convidado a participar como voluntário do estudo “Paternidade adolescente e Representações Sociais de paternidade e maternidade entre jovens”, recebi da Mestranda Ágnes Bonfá Drago, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo – PPGP/UFES, sob orientação da Profª Drª Maria Cristina Smith Menandro, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que o estudo se destina a compreender o processo da constituição da paternidade em homens que se tornaram pais durante a adolescência.
- Que a importância deste estudo é a de produzir conhecimentos sobre paternidade, maternidade e parentalidade adolescente.
- Que os resultados que se desejam alcançar com o estudo são: a produção de artigos para publicação em revistas científicas; contribuições que permitam avanços teóricos e metodológicos para o estudo dos temas da paternidade, maternidade, parentalidade e adolescência.
- Que o estudo será feito da seguinte maneira: serão entrevistados quatro homens, residentes na Grande Vitória, que vivenciaram a paternidade durante a adolescência. Os participantes responderão a questões sobre a experiência de ter-se tornado pai nessa época e sobre as mudanças conseqüentes a essa nova situação.
- Que participarei deste estudo, por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-estruturada concedida a pesquisadora, a ser gravada a partir da assinatura desta autorização.
- Que, sempre que desejar serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
- Que a minha participação neste estudo não trará nenhum risco à minha saúde física ou mental.
- Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.
- Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Endereço do responsável pela pesquisa:

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal do Espírito Santo

Endereço: Av. Fernando Ferrari, Nº. 514, Goiabeiras - Vitória – ES. CEP: 29075910

Telefones p/contato: 4009-2501/3224-0766/9832-8105

(Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal)	Maria Cristina Smith Menandro (Assinatura da responsável pelo estudo)

#### 8.4. ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO (JOVENS)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

***“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.”*** (Resolução. nº 196/96-IV, do Conselho Nacional de Saúde)

Eu, ....., tendo sido convidado a participar como voluntário do estudo “Paternidade adolescente e Representações Sociais de paternidade e maternidade entre jovens”, recebi da Mestranda Ágnes Bonfá Drago, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo – PPGP/UFES, sob orientação da Profª Drª Maria Cristina Smith Menandro, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que o estudo se destina a compreender as Representações Sociais de paternidade e maternidade entre homens jovens.
- Que a importância deste estudo é a de produzir conhecimentos sobre paternidade, maternidade e parentalidade adolescente.
- Que os resultados que se desejam alcançar com o estudo são: a produção de artigos para publicação em revistas científicas; contribuições que permitam avanços teóricos e metodológicos para o estudo dos temas da paternidade, maternidade e no campo teórico das representações sociais.
- Que o estudo será feito da seguinte maneira: serão entrevistados 60 jovens homens, residentes na Grande Vitória, que tenham de 17 a 24 anos de idade. Os participantes responderão a questões sobre o que é ser pai e o que é ser mãe.
- Que participarei deste estudo, por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-estruturada concedida a pesquisadora, a ser gravada a partir da assinatura desta autorização.
- Que, sempre que desejar serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
- Que a minha participação neste estudo não trará nenhum risco à minha saúde física ou mental.
- Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.
- Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Endereço do responsável pela pesquisa:

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal do Espírito Santo

Endereço: Av. Fernando Ferrari, Nº. 514, Goiabeiras - Vitória – ES. CEP: 29075910

Telefones p/contato: 4009-2501/3224-0766/9832-8105

(Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal)	Maria Cristina Smith Menandro (Assinatura da responsável pelo estudo)

## 8.5. ANEXO E – EVOCAÇÕES DE PATERNIDADE

EVOCAÇÕES DE “PATERNIDADE” DOS JOVENS								
Média da ordem de evocação								
Inferior a 3,0			Superior ou igual a 3,0					
Termo evocado/Frequência/Ordem de evocação			Termo evocado/Frequência/Ordem de evocação					
Média das Frequências	Superior ou igual a 10	amar	<b>20</b>	2,900	bons-sentimentos	<b>18</b>	3,722	
		comprometimento	<b>11</b>	2,273	carinho	<b>18</b>	3,389	
		responsabilidade	<b>40</b>	1,650	companheirismo	<b>22</b>	3,591	
				educar-o-filho	<b>17</b>	3,059		
				respeito	<b>10</b>	3,500		
				sustentar	<b>11</b>	3,818		
	Inferior a 10		cuidar	<b>8</b>	2,125	casamento	<b>5</b>	3,200
			cumplicidade	<b>4</b>	2,750	compreensão	<b>7</b>	3,429
			disciplina	<b>5</b>	2,600	dedicação	<b>8</b>	3,000
			filho	<b>6</b>	2,333	família	<b>6</b>	3,667
		ser-pai	<b>3</b>	1,000	futuro	<b>5</b>	3,400	
					medo	<b>5</b>	4,200	
					obrigações	<b>5</b>	3,600	
					privações	<b>3</b>	3,333	
					proteção	<b>7</b>	3,000	
					ser-presente	<b>5</b>	3,200	
				trabalho	<b>8</b>	3,875		

## 8.6. ANEXO F – EVOCAÇÕES DE MATERNIDADE

EVOCAÇÕES DE “MATERNIDADE” DOS JOVENS							
Média da ordem de evocação							
Inferior a 3,0			Superior ou igual a 3,0				
Termo evocado/Frequência/Ordem de evocação			Termo evocado/Frequência/Ordem de evocação				
Média das Frequências	Superior ou igual a 10	amar	31	2,484	bons-sentimentos	15	3,467
		carinho	37	2,811	companheirismo	10	3,100
		responsabilidade	30	2,600	comprometimento	11	3,182
					cuidar	11	3,091
					dedicar-se	20	3,200
					educar-o-filho	10	3,500
	Inferior a 10	alimentar	3	2,667	compreensão	8	3,125
		compaixão	3	2,333	cumplicidade	6	3,333
		conceber	6	2,833	difícil	6	3,667
		família	5	2,400	filho	6	3,167
		respeito	7	2,714	futuro	3	4,667
		ser-mãe	7	1,714	insegurança	3	3,333
					ligação-maior	4	3,250
					mais-difícil-que-ser-pai	7	3,143
			proteger	9	3,222		
			sustentar	3	3,667		



## REFERÊNCIAS

- Abric, J. C. (1998). A Abordagem Estrutural das Representações Sociais. In A. S. P. Moreira, & D. C. de Oliveira (Orgs.). *Estudos Interdisciplinares de Representação Social* (pp. 27-38). Goiânia: Editora AB.
- Almeida, A. M. de, & Souza-Santos, M. de F. (2011). Representações sociais masculinas de saúde e doença. In Z. A. Trindade, M. C. S. Menandro, & C. R. R. Nascimento (Orgs.). *Masculinidades e práticas de saúde*. Vitória (ES): GM Editora.
- Almeida, A. M. O. (2005). Pesquisa em RS: Proposições teórico-metodológicas. In M. F. Santos, & L. M. Almeida (Orgs.). *Diálogos com a Teoria das RS*. Alagoas: UFAL/UFPE.
- Amazarray, M. R., Machado, P. S., Oliveira, V. Z. de, & Gomes, W. B. (1998). A experiência de assumir a gestação na adolescência: um estudo fenomenológico. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, 11(3).
- Amazonas, M. C. L. de A., Damasceno, P. R., Terto, L. de M. de S., & Silva, R. R da. (2003). Arranjos familiares de crianças das camadas populares. *Psicol. estud.*, Maringá, 8(esp), pp. 11-20.
- Andrade, M. A. A. de (1998). A identidade como representação e a representação da identidade. In A. S. P. Moreira, & D. C. de Oliveira (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB.
- Arilha, M. (1998). Homens: entre a “zoeira” e a “responsabilidade”. In M. Arilha, S. G. Unbehaum, & B. Medrado (Orgs.), *Homens e masculinidade: outras palavras* 34, (pp. 163-184). São Paulo: ECOS/Editora.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Balancho, L. S. F. (2004), Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 2(22), pp. 377-386.
- Barreto, A. C. M., Almeida, I. S. de, Ribeiro, I. B., Tavares, K. F. A. (2010). Paternidade na Adolescência: tendências da produção científica. *Adolescência & Saúde Vol. 7*(2).
- Bornholdt, E., Wagner, A. (2005). A gravidez a luz da perspectiva paterna: aspectos relativos à transgeracionalidade. In A. Wagner (Coord.), *Como se perpetua a família?: a transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Brasileiro, R. F., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T. (2002). Papéis de gênero, transição para a paternalidade e a questão da tradicionalização. *Psico*, Porto Alegre, 33(2), pp. 289-310.

- Braz, M. P., Dessen, M. A., Silva, N. L. P. (2005). Relações Conjugais e Parentais: Uma Comparação entre Famílias de Classes Sociais Baixa e Média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), pp.151-161.
- Bullington, J., & Karlsson, G. (1984). Introduction to phenomenological psychological research. *Scandinavian Journal of Psychology*, 25, pp. 51-63.
- Bustamante, V., & Trad, L. A. B. (2005). Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 21(6), pp. 1865-1874.
- Cabral, C. da S. (2002). Gravidez na Adolescência nas Camadas Populares do Rio de Janeiro: um “problema” de classe ou de geração? *UERJ/Instituto de Medicina Social*. In XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Ouro Preto. *Anais do XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais: violências, o Estado e a qualidade de vida da população brasileira*. Campinas : ABEP.
- Cabral, C. S. (2003). Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 19(Sup. 2), pp. S283-S292.
- Carvalho, G. M., Merighi, M. A. B., & Jesus, M. C. P. (2008). Perdas e ganhos advindos com a parentalidade recorrente na adolescência. *O Mundo da Saúde*, 32, pp. 14-24.
- Corrêa, A. C. P., & Ferriani, M. G. C. (2006). Paternidade na adolescência: um silêncio social e um vazio científico. *Rev Gaúcha Enferm*, 27(4), pp. 499-505.
- Costa, R. G. (2002). Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. *Estudos Feministas*, 10, pp. 339-56.
- Dallas, C., Wilson, T., & Salgado, V. (2000), Gender Differences in Teen Parents' Perceptions of Parental Responsibilities. *Public Health Nursing*, 17, pp. 423–433.
- Dessen, M. A., & Lewis, C. (1998). Como estudar a “família” e o “pai”? *Paidéia*. FFCLRP-USP, Rib. Preto.
- Devreux, A. M. (2006). A paternidade na França: entre igualização dos direitos parentais e lutas ligadas às relações sociais de sexo. *Soc. estado*, 21(3). Brasília.
- Dias, A. B., & Aquino, E. M. L. (2006). Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. *Cad. Saúde Pública*, 22(7). Rio de Janeiro.
- Esteves, J. R., & Menandro, P. R. M. (2005). Trajetórias de vida: repercussões da maternidade adolescente na biografia de mulheres que viveram tal experiência. *Estud. psicol. (Natal)*, 10(3). Natal.

- Falcão, D. V. da S., & Salomão, N. M. R. (2005). O papel dos avós na maternidade adolescente. *Estud. psicol.*, 22(2). Campinas.
- Fleck, A. C., Falcke, D., & Hackner, I. T. (2005). Crescendo menino ou menina: a transmissão dos papéis de gênero na família. In A. Wagner (Coord.), *Como se perpetua a família?: a transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Freitas, W. de M. F. e., Coelho, E. de A. C., & Silva, A. T. M. C. da. (2007). Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cad. Saúde Pública*, 23(1). Rio de Janeiro.
- Freitas, W. de M. F., Silva, A. T. M. C da., Coelho, E. de A. C., Guedes, R. N., Lucena, K. D. T. de., & Costa, A. P. T. (2009). Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Rev. Saúde Pública*, 43(1). São Paulo.
- Gallardo, E. G. G., Gómez, E., Muñoz, M., & Suárez, N. (2006). Paternidad: Representaciones Sociales en Jóvenes Varones Heterosexuales Universitarios sin Hijos. *Psykhe*, 15(2). Santiago.
- Garcia, S. M. (1998). Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In M. Arilha, S. G. Unbehau, & B. Medrado (Orgs.), *Homens e masculinidade: outras palavras* (34, pp. 163-184). São Paulo: ECOS/Editora.
- Gontijo, D. T., Bechara, A. M. D., Medeiros, M., & Alves, H. C. (2011). Pai é aquele que está sempre presente: significados atribuídos por adolescentes à experiência da paternidade. *Rev. Eletr. Enf.*, 13(3), pp. 439-48.
- Hegg, M. O. (2004). Masculinidad y paternidad en Centroamérica. *Revista centroamericana de ciencias sociales*, 2(1), pp. 59-74.
- Heilborn, M. L., Salem, T., Rohden, F., Brandão, E., Knauth, D., VÍctora, C., Aquino, E., McCallum, C., & Bozon, M. (2002). Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. *Horizontes Antropológicos*, 8(17), pp. 13-45. Porto Alegre.
- Hoga, L. A. K. H., & Silva Mello, D. (2006). Paternidad y maternidad en la adolescencia conocimiento científico producido en la última década. *Avances in Enfermería*, 24(2), pp. 13-23.
- Hoga, L. A. K., & Reberte, L. M. (2009). The experience of paternity during adolescence in a low-income Brazilian community. *Rev Esc Enferm USP*, 43(1), pp. 106-11.
- IBGE (2008). *Estatísticas do Registro Civil*, v.35. Disponível em [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acessado em 13/10/2010.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: Um domínio em expansão. In D. Jodelet (Org.), *As representações sociais* (pp. 17-44). Rio de Janeiro: EdUERJ.

- Lawson, D. W., & Mace, R. (2009). Trade-offs in modern parenting: a longitudinal study of sibling competition for parental care. *Evolution and Human Behavior* 30, pp. 170–183.
- Levandowski, D. C. (2001). Paternidade na adolescência: uma breve revisão da literatura internacional. *Estudos de Psicologia*, 6(2), pp. 195-209.
- Levandowski, D. C., & Piccinini, C. A. (2002). A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. *Psicologia reflexão e crítica*, 15 (2), pp. 413-424.
- Levandowski, D. C., & Piccinini, C. A. (2006). Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. *Psic.: Teor. e Pesq.*, 22(1). Brasília.
- Levandowski, D. C., Piccinini, C. A., & Lopes, R. de C. S. (2009). O Processo de separação-indivuação em adolescentes do sexo masculino na transição para a paternidade. *Psicol. Reflex. Crit.*, 22(3). Porto Alegre.
- Luz, A. M. H., & Berni, N. I. de O. (2010). Processo da paternidade na adolescência. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 63(1), pp. 43-50.
- Lyra da Fonseca, J. L. C. (1997). *Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP, Brasil.
- Martins, P. O., Trindade, Z. A., & Almeida, A. M. O. (2003). O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. *Psicol. Reflex. Crit.*, 16(3), pp. 555-568. Porto Alegre.
- Medrado, B., & Lyra, J. (1999). A adolescência "desprevenida" e a paternidade na adolescência: uma abordagem geracional e de gênero. In: N. Schor, M. S. F. T. Mota, & V. Castelo-Branco (Orgs.), *Cadernos: Juventude, Saúde e Desenvolvimento* (1, pp. 230-48). Brasília: Ministério da Saúde
- Medrado, B., Lyra, J., Toneli, M. J. F., Trindade, Z. A., Valente, M., Quirino, T., Machado, M., Felipe, D., Oliveira, L. de., Dantas, L. G., Silva, M. C. da., & Gondim, S. (2011). Literatura científica sobre gravidez na adolescência como dispositivo de produção de paternidades. In M. J. F. Toneli, B. Medrado, Z. A. Trindade, & J. Lyra (Orgs.), *O pai está esperando? Políticas públicas de saúde para a gravidez na adolescência*. Florianópolis: Editora Mulheres.
- Mendes, R. (2004). À procura dos novos pais: Representações e atitudes perante a paternidade. *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção Atelier: Famílias*
- Mendes, R. (2007). A parentalidade experimentada no masculino: as vivências da paternidade. ISCTE: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia.
- Miranda, E. B. de, & Souza-Santos, M. F. (2009). Histórias de jovens que estão “dando certo” na vida. In Z. A. Trindade, M. C. S. Menandro, L. SOUZA, & M. B. CORTEZ, (Orgs.), *Juventude, masculinidade e risco*. Vitória, ES: GM.

- Moreira, A. S. P., & Oliveira, D. C. (1998). Apresentação. In A. S. P. Moreira, & D. C. de Oliveira (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social*, Goiânia: AB.
- Moreira, L. V. de C., & Rabinovich, E. P. (2010). O pai em pesquisas sobre família. In *XIII Simpósio e Intercâmbio Científico em Psicologia da ANPPEP GT Família e Comunidade*.
- Moscovici, S. (2004). O fenômeno das representações sociais. In S. Moscovici *Representações sociais: investigações em psicologia social*. (pp. 29-109). Petrópolis: Ed. Vozes.
- Negreiros, T. C. de G. M., & Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estud. psicol.*, 4(1). Rio de Janeiro.
- Nelson, T. J. (2004). Low-Income Fathers. *Annual Review of Sociology*, 30, pp. 427-451.
- Olavarría, J. (2003). Los estudios sobre masculinidades en América Latina. Un punto de vista. *Anuario Social y Político de América Latina y el Caribe*. Flacso / Unesco / Nueva Sociedad, (6), pp. 91-98. Caracas.
- Olavarría, J. (2005). La masculinidad y los jóvenes adolescentes. *Revista Docencia*, 27(10), pp. 65- 71.
- Oliveira, D. C., Marques, S. C., Gomes, A. M. T., & Teixeira, M. C. T. V. (2005). Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuino, & S. M. Nóbrega. *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. João Pessoa: Editora Universitária: UFPB.
- Organización Mundial de la Salud. (2000). ¿Qué ocurre com los muchachos? Una revisión bibliográfica sobre la salud y el desarrollo de los muchachos adolescentes. Departamento de Salud y Desarrollo del Niño y del Adolescente.
- Orlandi, R. (2006). *Paternidades nas adolescências: investigando os sentidos atribuídos por adolescentes pais à paternidade e às práticas de cuidado dos filhos*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Orlandi, R., & Toneli, M. J. F. (2005). Sobre o processo de constituição do sujeito face à paternidade na adolescência. *Psicol. rev. (Belo Horizonte)*. 11(18).
- Paterna, C., Martínez, C., & Rodes, J. (2005). Creencias de los Hombres sobre lo que Significa ser Padre. *Interamerican Journal of Psychology*, 39, pp. 275-284.
- Paula, E. R., Bittar, C. M., Silva, M. A. I., & Cano, M. A. T. (2011). A paternidade na adolescência e seu significado entre os jovens universitários que a vivenciaram. *Investigação* 11, pp. 5-12.

- Pecora, A. R. & Sá, C. P. (2008). Memórias e Representações Sociais da Cidade de Cuiabá, ao Longo de Três Gerações. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), pp. 319-325.
- Perosa, C. T. & Pedro, E. N. R. (2009). Perspectivas de jovens universitários da região norte do Rio Grande do Sul em relação à paternidade. *Ver. Escola de Enfermagem USP* 43 (2), pp. 300-6.
- Perucchi, J., & Beirão, A. M. (2007). Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicol. clin.*, 19(2). Rio de Janeiro.
- Piccinini, C. A., Silva, M. da R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. S., Tudge, J. (2004). O Envolvimento Paterno durante a Gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), pp. 303-314.
- Ramires, V. R. (1997). *O Exercício da Paternidade Hoje*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Rangel, D. L. de O., & Queiroz, A. B. A. (2008). A representação social das adolescentes sobre a gravidez nesta etapa de vida. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, 12(4), pp. 780-788.
- Rebolledo, L. (2007) Del padre ausente al padre próximo. Emergencia de nuevas formas de paternidad en el Chile actual. *Ponencia presentada en Congreso de los 50 años de FLACSO*, Quito, Equador.
- Resende, A. L. M. & Alonso, I. L. K. (1995). O perfil do pai cuidador. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento humano*, 5(1/2), pp. 66-81.
- Rico, L. A. G. (2004). Eu descanso, você trabalha: “Lar, doce lar” na perspectiva do gênero. *Líbero*, 6(11), pp. 50-57.
- Rodrigues, L., Medrado, B., Lyra, J., Oliveira, A. R., Oliveira, D., & Felipe, D. (2008) No contexto da gravidez na adolescência, há paternidade: revendo olhares e práticas. Trabalho apresentado em *Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, 25-28 de agosto.
- Romanelli, G. (1998). O relacionamento entre pais e filhos em famílias de camadas médias. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 8, pp. 123-136.
- Romanelli, G. (2003). Paternidade em famílias de camadas médias. *Estudos e Pesquisas em Psicologia (UERJ)*, 2, pp. 79-95. Rio de Janeiro.
- Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Santos, M. de F. de S. (1998). Representação social e identidade. In: A. S. P. Moreira, & D. C. de Oliveira (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB.

- Sarti, C. A. (1996). *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Sarti, C. A. (2004). A família como ordem simbólica. *Psicologia USP*, 15(3), pp. 11-28
- Schelemberg, J. M., Pereira, L. D. C., Grisard, N., & Hallal, A. L. C. (2007). Características socioeconômicas e psicossociais do pai adolescente. *Arquivos Catarinenses de Medicina* 36(2), pp. 62-68.
- Silva, M. da R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas, 24(4).
- Siqueira, M. J. T. (1997). The Shaping of Masculine Identity: Some Points for Discussion. *Psicologia USP, São Paulo*, 8(1), pp. 113-130.
- Souza, C. L. C. de, & Benetti, S. P. da C. (2009). Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 19(42). Ribeirão Preto.
- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicol. teor. prat.*, 10(1). São Paulo.
- Sutter, C., & Bucher, J. S. N. F. (2008). Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, 39, pp. 74-82.
- Toneli, M. J. F. (2010). Paternidades e Masculinidades no Contexto de Populações Urbanas no Brasil. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia Universidade do Minho*, Portugal.
- Toneli, M. J. F., Araújo, S. A., Amaral, M. dos S., & Silva, F. L. S. dos. (2011). Exercícios e atribuições sociais da paternidade: pequeno balanço de uma década de pesquisa. In: M. J. F. Toneli; B. Medrado; Z. A. Trindade & Lyra, J. (Orgs.) *O pai está esperando? Políticas públicas de saúde para a gravidez na adolescência*. Florianópolis: Editora Mulheres.
- Torrão Filho A. (2005). Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*, 24, pp. 127-52.
- Torres, C. V., & Dessen, M. A. (2008). Brazilian Culture, Family, and its Ethnic-Cultural Variety. *Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies*, 12, pp. 189-202.
- Trindade, Z. A. (1991). *Representações sociais da paternidade e da maternidade: implicações no processo de aconselhamento genético*. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo.
- Trindade, Z. A., Andrade, C. A., & Souza, J. Q. (1994). Paternidade: representações sociais e práticas cotidianas. *Cadernos de pesquisa - UFES*, 3, pp. 14-22. Vitória-ES

- Trindade, Z. A., Andrade, C. A., & Souza, J. Q. (1997). Papéis parentais e representações da paternidade: a perspectiva do pai. *PSICO*, 28(1), 207-222.
- Trindade, Z. A., & Menandro, M. C. S. (2002). Pais adolescentes: vivência e significação. *Estud. psicol. (Natal)*, 7(1). Natal.
- Trindade, Z. A., Menandro, M. C. S., & Gianórdoli-Nascimento, I. F. (2007). Organização e interpretação de entrevistas: uma proposta de procedimento a partir da perspectiva fenomenológica. In M. M. P. Rodrigues, & P. R. M. Menandro (Orgs.), *Lógicas metodológicas: trajetos de pesquisa em psicologia*. Vitória: UFES – Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
- Utiamada, M. R. P. (2010). A paternidade na adolescência: um estudo a partir da visão dos pais adolescentes do ambulatório de pré-natal do Hospital de Clínicas de Londrina. *Anais do I simpósio sobre estudos de gênero e políticas públicas*. Universidade Estadual de Londrina, pp. 38-48.
- Vala, J. (1997). Representações sociais: para uma psicologia social do pensamento social. In J. Vala, & M. B. Monteiro (Coords.), *Psicologia Social* (pp. 353-384) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vasconcellos, K. de M., Viana, K. M. P., & Souza-Santos, M. de F. (2007). Pensando o método de pesquisa em representação social. In M. M. P. Rodrigues & P. R. M. Menandro (Orgs.), *Lógicas metodológicas: trajetos de pesquisa em psicologia social*. Vitória: UFES. GM Gráfica Editora.
- Velásquez, A. S. (2006). Identidad, responsabilidad familiar y ejercicio de la paternidad en varones del Estado de México. *Papeles de Población*, abril-junio, pp. 155-179.
- Vieira, E. N., & Souza, L. de. (2010). Guarda paterna e representações sociais de paternidade e maternidade. *Aná. Psicológica*, 28(4), pp. 581-596.
- Villamizar, Y. P., & Rosero-Labbé, C. P. M. (2005). Traer “hijos o hijas al mundo”: significados culturales de la paternidad y la maternidad. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales – Niñez y Juventud*, 3(2), pp. 02-21.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C. & Verza, F. (2005). Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), pp. 181-186.
- Wagner, W. (1998). Sócio-gênese e características das representações sociais. In A. S. P. Moreira, & D. C. de. Oliveira (Orgs), *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB.
- Ximena, S. V. (2009). El lugar que habita el padre en Chile contemporáneo Estudio de las representaciones sobre la paternidad en distintos grupos sociales. *Polis, Revista de la Universidad Bolivariana*, 8(23), pp. 385-410.



## ANEXOS

### ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA (PAIS)

#### Caracterização

Idade:

Escolaridade:

Religião:

Bairro onde mora:

Frequenta a escola/estuda no momento?

Possui alguma profissão? Qual?

Com quem mora?

Você contribui de alguma forma com a renda familiar?

Estado civil atual (há quanto tempo):

Quantos anos tinha quando teve o 1º filho?

Idade da criança:

Você estudava/trabalhava quando teve o 1º filho?

Tem outros filhos? Quantos? (idades)

Se o(s) filho(as) não moram atualmente, visitam? Com que frequência?

#### Trajetória até a paternidade

*Começar perguntando como ele se refere à parceira com que teve o 1º filho [(ex) namorada, mulher, esposa, companheira, outros]*

Idade dela na época.

Como vocês se conheceram? Que tipo de relação teve? Quanto tempo durou?

Como é sua relação com a mãe da criança atualmente, mantém contato?

Como foi a separação ou decisão por não ficarem juntos? O que motivou a decisão?

Houve decisão por ter o filho? Se sim, como foi a decisão? Por que decidiram isso?

Como foi sua vida escolar/profissional? Até que ponto você foi na época? [*Se for o caso: parar de estudar/trabalhar teve a ver com a gravidez?*]

Quando você era mais novo, quando ainda não tinha se tornado pai, como era a sua vida, suas atividades mais rotineiras?

### Época em que foi pai – sentimentos e expectativas

O que mudou quando você soube que teria filhos(s)? E quando ele nasceu?

Participou da gestação e nascimento do filho? Como foi a experiência?

O que significa o filho(a) para você?

Para você, é importante de ter filhos(as)? Qual?

Na sua opinião, o que é ser mãe?

Na sua opinião, o que é ser pai?

Quais são as responsabilidades (função/dever) de uma mãe?

Quais são as responsabilidades (função/dever) de um pai?

Na sua opinião, existe diferença em ser pai e ser mãe? Quais? Por quê?

Na sua opinião, como deve ser um pai? Por quê? (Quais as características de) Como é um “bom” pai?

(Quais as características de) Como é um “mau” pai?

Em caso de separação, com quem deve ficar os filhos (as) normalmente? Por quê?

### Se tiver mais filhos

Os outros filhos foram planejados? Por que decidiu isso?

Você tem algum plano em relação a ter mais filhos? Quantos?

Acha que será possível? Por quê?

### Transição para parentalidade - divisão de tarefas e cuidados com o filho

Quem ficou com o(s) filho(s) após a nascimento/dissolução do relacionamento?

Como o filho foi cuidado desde o nascimento até hoje? Quem foi/é o responsável por cada tarefa? Como foi definida essa divisão?

Quem foi o principal cuidador de seu filho?

Como acha que deve ser realizada o cuidado com os filhos (as)?

Como é sua relação com o filho(a)? Como é o dia-a-dia com o filho(a)?

Quando teve o filho [se separou ou mãe desapareceu], você teve ajuda de alguém?

Quem? Em que essas pessoas o ajudavam?

*Caso more com a família, parceira, amigos:* No dia-a-dia familiar há uma divisão de tarefas domésticas entre você e as pessoas que moram com você? Sempre foi assim?

Como vocês decidiram essa divisão?

Você acha que existem diferenças entre homem e mulher em relação aos cuidados da casa? Por quê? Isso acontece na sua família? Você concorda que seja assim?

Existem diferenças entre homem e mulher no cuidar dos filhos? Por quê? Isso acontece na sua família? Você concorda que seja assim?

#### Impactos nas outras esferas

Depois que teve o 1º filho, houve mudanças nas seguintes esferas da sua vida?

- Escola. Se sim, quais?
- Trabalho. Se sim, quais?
- Convívio social e familiar. Se sim, quais?
- Econômico. Se sim, quais?

Em sua opinião, houve consequências (positivas e/ou negativas) imediatas a ter se tornado pai? Quais?

E em longo prazo, você viu consequências (positivas e negativas) em ter se tornado pai? Quais?

Em sua opinião, quais as vantagens de ter filhos?

Em sua opinião, quais as desvantagens de ter filhos?

*No caso de não ter planejado o 1º filho:* Como você acha que seria se você não tivesse tido seu filho na adolescência/juventude? Seria muito diferente do que foi? Por quê?

Se pudesse escolher, teria tido filho em outra época? Por quê?

Tem alguma dificuldade para conciliar paternidade com estudos/trabalho [se exercer algum dos dois]? [*Se não estuda e nem trabalha:* em outras esferas da vida]

Na época você conhecia outros rapazes/amigos/familiares que também se tornaram pais? Algum desses te serviu como exemplo?

De modo geral, como você vê a paternidade na adolescência [socialmente]?

O que você achou de ser pai na adolescência? De modo geral, como foi pra você viver essa experiência?

**ANEXO B - ROTEIRO DE ENTREVISTA (JOVENS)**Dados sociodemográficos

Idade:

Escolaridade:

Religião:

Bairro onde mora:

Freqüenta a escola/estuda no momento?

Possui alguma profissão? Qual?

Com quem mora?

Você contribui de alguma forma com a renda familiar?

Estado civil atual (há quanto tempo):

Evocações (5 palavras)

O que você pensa, imagina quando eu digo maternidade?

-  
-  
-  
-  
-

O que você pensa, imagina quando eu digo paternidade?

-  
-  
-  
-  
-

## ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO (PAIS)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

***“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.”*** (Resolução. nº 196/96-IV, do Conselho Nacional de Saúde)

Eu, ....., tendo sido convidado a participar como voluntário do estudo “Paternidade adolescente e Representações Sociais de paternidade e maternidade entre jovens”, recebi da Mestranda Ágnes Bonfá Drago, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo – PPGP/UFES, sob orientação da Profª Drª Maria Cristina Smith Menandro, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que o estudo se destina a compreender o processo da constituição da paternidade em homens que se tornaram pais durante a adolescência.
- Que a importância deste estudo é a de produzir conhecimentos sobre paternidade, maternidade e parentalidade adolescente.
- Que os resultados que se desejam alcançar com o estudo são: a produção de artigos para publicação em revistas científicas; contribuições que permitam avanços teóricos e metodológicos para o estudo dos temas da paternidade, maternidade, parentalidade e adolescência.
- Que o estudo será feito da seguinte maneira: serão entrevistados quatro homens, residentes na Grande Vitória, que vivenciaram a paternidade durante a adolescência. Os participantes responderão a questões sobre a experiência de ter-se tornado pai nessa época e sobre as mudanças consequentes a essa nova situação.
- Que participarei deste estudo, por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-estruturada concedida a pesquisadora, a ser gravada a partir da assinatura desta autorização.
- Que, sempre que desejar serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
- Que a minha participação neste estudo não trará nenhum risco à minha saúde física ou mental.
- Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.
- Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Endereço do responsável pela pesquisa:

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal do Espírito Santo

Endereço: Av. Fernando Ferrari, Nº. 514, Goiabeiras - Vitória – ES. CEP: 29075910

Telefones p/contato: 4009-2501/3224-0766/9832-8105

(Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal)	Maria Cristina Smith Menandro (Assinatura da responsável pelo estudo)

## ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO (JOVENS)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

***“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.”*** (Resolução. nº 196/96-IV, do Conselho Nacional de Saúde)

Eu, ....., tendo sido convidado a participar como voluntário do estudo “Paternidade adolescente e Representações Sociais de paternidade e maternidade entre jovens”, recebi da Mestranda Ágnes Bonfá Drago, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo – PPGP/UFES, sob orientação da Profª Drª Maria Cristina Smith Menandro, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que o estudo se destina a compreender as Representações Sociais de paternidade e maternidade entre homens jovens.
- Que a importância deste estudo é a de produzir conhecimentos sobre paternidade, maternidade e parentalidade adolescente.
- Que os resultados que se desejam alcançar com o estudo são: a produção de artigos para publicação em revistas científicas; contribuições que permitam avanços teóricos e metodológicos para o estudo dos temas da paternidade, maternidade e no campo teórico das representações sociais.
- Que o estudo será feito da seguinte maneira: serão entrevistados 60 jovens homens, residentes na Grande Vitória, que tenham de 17 a 24 anos de idade. Os participantes responderão a questões sobre o que é ser pai e o que é ser mãe.
- Que participarei deste estudo, por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-estruturada concedida a pesquisadora, a ser gravada a partir da assinatura desta autorização.
- Que, sempre que desejar serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
- Que a minha participação neste estudo não trará nenhum risco à minha saúde física ou mental.
- Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.
- Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Endereço do responsável pela pesquisa:

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal do Espírito Santo

Endereço: Av. Fernando Ferrari, Nº. 514, Goiabeiras - Vitória – ES. CEP: 29075910

Telefones p/contato: 4009-2501/3224-0766/9832-8105

(Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal)	Maria Cristina Smith Menandro (Assinatura da responsável pelo estudo)

## ANEXO E – EVOCAÇÕES DE PATERNIDADE

EVOCAÇÕES DE “PATERNIDADE” DOS JOVENS								
Média da ordem de evocação								
Inferior a 3,0			Superior ou igual a 3,0					
Termo evocado/Frequência/Ordem de evocação			Termo evocado/Frequência/Ordem de evocação					
Média das Frequências	Superior ou igual a 10	amar	<b>20</b>	2,900	bons-sentimentos	<b>18</b>	3,722	
		comprometimento	<b>11</b>	2,273	carinho	<b>18</b>	3,389	
		responsabilidade	<b>40</b>	1,650	companheirismo	<b>22</b>	3,591	
				educar-o-filho	<b>17</b>	3,059		
				respeito	<b>10</b>	3,500		
				sustentar	<b>11</b>	3,818		
	Inferior a 10		cuidar	<b>8</b>	2,125	casamento	<b>5</b>	3,200
			cumplicidade	<b>4</b>	2,750	compreensão	<b>7</b>	3,429
			disciplina	<b>5</b>	2,600	dedicação	<b>8</b>	3,000
			filho	<b>6</b>	2,333	família	<b>6</b>	3,667
		ser-pai	<b>3</b>	1,000	futuro	<b>5</b>	3,400	
					medo	<b>5</b>	4,200	
					obrigações	<b>5</b>	3,600	
					privações	<b>3</b>	3,333	
					proteção	<b>7</b>	3,000	
					ser-presente	<b>5</b>	3,200	
				trabalho	<b>8</b>	3,875		

## ANEXO F – EVOCAÇÕES DE MATERNIDADE

EVOCAÇÕES DE “MATERNIDADE” DOS JOVENS							
Média da ordem de evocação							
Inferior a 3,0			Superior ou igual a 3,0				
Termo evocado/Frequência/Ordem de evocação			Termo evocado/Frequência/Ordem de evocação				
Média das Frequências	Superior ou igual a 10	amar	31	2,484	bons-sentimentos	15	3,467
		carinho	37	2,811	companheirismo	10	3,100
		responsabilidade	30	2,600	comprometimento	11	3,182
	Inferior a 10				cuidar	11	3,091
					dedicar-se	20	3,200
					educar-o-filho	10	3,500
					compreensão	8	3,125
					cumplicidade	6	3,333
					difícil	6	3,667
					filho	6	3,167
					futuro	3	4,667
					insegurança	3	3,333
					ligação-maior	4	3,250
					mais-difícil-que-ser-pai	7	3,143
			proteger	9	3,222		
			sustentar	3	3,667		